UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Fabio Nunes da Silva

A viola caipira à frente na representação de uma cultura

São Paulo

2020

Fabio Nunes da Silva

A viola caipira à frente na representação de uma cultura

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, para obtenção do
título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Humanidades, Direitos
e Outras Legitimidades

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli
Iokoi.

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Silva, Fábio Nunes da
S586v A viola caipira à frente na representação de uma
cultura / Fábio Nunes da Silva ; orientadora Zilda
Márcia Gricoli Iokoi. - São Paulo, 2020.
183 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
Interdisciplinar.

1. DIVERSIDADE CULTURAL. 2. REPRESENTAÇÃO. 3.
VIOLA CAIPIRA. 4. MÚSICA POPULAR. 5. HISTÓRIA ORAL. I.
Iokoi, Zilda Márcia Gricoli , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Fábio Nunes da Silva

Data da defesa: 08/05/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Zilda Márcia Gricoli Iokoi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 01/07/2020

orientador (a)

(Assinatura do (a)

Dedicado a dois índios violeiros:

Índio Cachoeira

e

Cacique

AGRADECIMENTOS

Não é fácil escrever em poucas palavras tudo o que se construiu ao longo dos anos por meio de vivências, apoio, compreensão e paciência. Difícil correr uma lista sem esquecer alguém. Por essa razão, antecipamos desculpas sinceras.

Primeiro agradeço demais à minha companheira Claudia que acompanhou toda a transformação que se passou comigo quando aos poucos fui abandonando uma guitarra elétrica e me tornando, aos poucos, um violeiro. Aos meus filhos Luiza, Miguel e João, que dividiram com minhas violas meus colo e carinho até que um dia cresceram e descobriram que tocar com o pai pode ser legal.

Aos meus mestres João Platino (Araraquara) e Rafael Danelon (Piracicaba), sem os quais eu não tocaria viola.

Aos meus irmãos Tamoyos, “guerreiros antigos dessa terra”: Otávio Gali, Emílio Martins, Carlinhos Ferreira, Adelino Costa, Tiago Pallone, Piza e Paulo Delfini.

À professora Zilda Márcia Gricoli Iokoi, pelo acolhimento dessa causa dos caipiras, pela formação ao longo desse período, pelas visões que nos oferece, pela sua inspiradora força e coragem.

Ao professor Ivan Vilela, por toda a verdade que pôs na banca de qualificação e na disciplina “Música Caipira e Enraizamento” e toda a orientação especializada.

Aos professores do Diversitas, que foram, gradativamente, me transformando a cada disciplina que cursei.

Aos integrantes do núcleo “raiz” do Diversitas: Luiz Carlos, Carlos Frankiw, Cassia Milena, Fabiana Bezerra, Roberta Batistella, Cleiton Corrêa e Hernani Espíndola pela solidariedade e esperança.

Aos companheiros de luta: Reinaldo Volpato, Osni Ribeiro, Ricardo Vignini, Júlio Santin, Zeca Collares, Silvana Carneiro, Luciano Queiroz, Levi

Ramiro, Valmir Rosa, Amir Oliveira, Pereira da Viola, Braz da Viola, Minerin (Felinto Santos), Marcos Azevedo, Mario de Almeida, Volmi Batista, Zé Pinto, Arnaldo Freitas, Milton Araújo, Joaci Ornelas, Bilora, Valdir Verona, Tarcísio Manuvei, Miguel Cezario, Vinícius Morimoto, Letícia Leal, Jéssica, Fernando Déghi, Andinho, Osvaldo Rios, Rogério Gulin, Claudio Avanso, Pajé.

Agradeço às unidades do Sesc que abriram seus espaços e acolheram os violeiros ao longo desses anos: Araraquara, Piracicaba, Pompéia, Sorocaba, Santos, Birigui, São José do Rio Preto, São Carlos, Campinas.

Aos funcionários do Diversitas, pelos anos de dedicação.

Por último, ao meu querido irmão Leopoldo Nunes da Silva Filho (*in memoriam*), por me ensinar olhar para a arte.

Resumo

SILVA, Fábio Nunes da: A viola caipira à frente na representação de uma cultura. 2020. 180 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e outras Humanidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.

Presente no Brasil há mais de cinco séculos, a viola tem participação na vida cultural do povo brasileiro em todos os períodos. Após longa jornada em que foi alvo de preconceito, vinculada aos elementos que marcam rusticidade da vida do campo, também marginalizados, a partir da década de 2000, por meio de encontros de violeiros advindos de distintas gerações e estilos, os artistas inseridos nessa cena conseguiram se organizar, em ambientes marcados por reflexões culturais, gastronomia caipira e muita música. Após rica coleta de depoimentos dados por violeiros, produtores e agentes culturais, organizada em apêndice audiovisual, afirma-se, neste trabalho, que a viola caipira está à frente no que se refere à representação de uma cultura e que, organizada a cena dos violeiros, no espaço urbano, reata-se um elo entre a cultura urbana e a vida caipira, rompida no século XIX, num momento em que elementos da cultura européia passavam a influenciar a cena cultural urbana, em que ocorre a emergência do violão como instrumento de acompanhamento e que as irmandades híbridas, ligadas à viola, com suas práticas sincréticas, foram afastadas das igrejas católicas e “empurradas” para o campo. Este estudo mostra uma diversificada cena de violeiros do estado de São Paulo com positivas perspectivas para o futuro.

Abstract

SILVA, Fábio Nunes da: Viola caipira leads the way in representing a culture. 2020. 180 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e outras Humanidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.

Present in Brazil for more than five centuries, the viola has participated in the cultural life of the Brazilian people in all periods. After a long journey in which he was the target of prejudice, linked to the elements that mark the rusticity of country life, also marginalized, from the 2000s, through meetings of viola's players from different generations and styles, the artists inserted in this scene managed get organized, in environments marked by cultural reflections, country cuisine and lots of music. After a rich collection of testimonies given by viola's players, producers and cultural agents, organized in an audiovisual appendix, it is stated, in this work, that the viola caipira is ahead in terms of the representation of a culture and that the scene of the viola's players is organized, in the urban space, there is a link between urban culture and country life. This scene was broken in the 19th century, at a time when elements of European culture started to influence the urban cultural scene, in which the acoustic guitar emerges as an instrument of accompaniment and that the hybrid brotherhoods, linked to the viola, with their syncretic practices, were removed from Catholic churches and "pushed" into the countryside. This study shows a diverse scene of viola's players in the state of São Paulo with positive perspectives for the future.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - ANATOMIA DA VIOLA BRAZ: VIOLA INTEIRA	65
Figura 2 - ANATOMIA DA VIOLA BRAZ: VIOLA FRAGMENTADA	66
Figura 3 – MORFOLOGIA DA VIOLA	67
Figura 4 - AS CORDAS DA VIOLA	68
Figura 5 - VIOLA EM FORMATO DE CORAÇÃO	76
Figura 6 - ENTALHES	77
Figura 7 - MACHETES	78
Figura 8 - RABECAS	79
Figura 9 - VIOLA DO MESTRE PICA-PAU	80
Figura 10 - VIOLA DO MESTRE DAVINO I	81
Figura 11 - VIOLA DO MESTRE DAVINO II	82
Figura 12 – CABAÇAS	90
Figura 13 - DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	91
Figura 14 - BANDOLIM E CABAÇA	92
Figura 15 - VIOLÃO E VIOLA	93
Figura 16 – CONFECÇÃO I	98
Figura 17 - CONFECÇÃO II	99
Figura 18 - VIOLA CAIPIRA	100
Figura 19 - VIOLA BRANCA	101
Figura 20 - VIOLA E VIOLÃO DINÂMICOS	103
Figura 21 - VIOLA TAMPO METÁLICO	104
Figura 22 - VIOLA DIFERENCIADA	105
Figura 23 - DINÂMICA SEM MACHETARIA	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	16
1.1 - A visível diversidade no cenário da viola paulista: violeiros, artesãos e luthiers - Descrição do visível	16
CAPÍTULO 2	26
2.1 - A viola no tempo e no espaço: momento analítico-regressivo	26
2.2 - O Caipirapuru	43
2.3 - O Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira	51
2.4 - Entrevistas artesãos e luthiers	64
CAPÍTULO 3	109
3.1 - Depois de um longo trajeto de discriminação do caipira, de sua música, de sua cultura, a virada	109
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ARTIGOS, LIVROS TESES E DISSERTAÇÕES:	128
REVISTA:	131
CDs, LPs:	131
APÊNDICE	132
FILME:	132
ANEXO 1 – INFORMATIVOS DE EVENTOS	133
ANEXO 2 – FOTOGRAFIAS DE EVENTOS	136
ANEXO 3 – <i>CLIPPING'S</i> DE EVENTOS	140

INTRODUÇÃO

no pulsar dos tristes versos
na galáxia rural
pelas roças do universo
canto a moda universal
que essa terra é um ranchinho
no sertão do céu imenso
onde os astros fazem ninho
para a luz de um brilho intenso
e no espaço relativo
minha órbita requer
luz do sol que me faz vivo
que é o olhar de uma mulher

(Pereira da Viola e Gildes Bezerra. Viola Cósmica)

A viola caipira está presente no território brasileiro desde a chegada dos portugueses e tem marcante presença nos diferentes períodos pelos quais o país passou. Estudos (Sant'Anna, 2000; Vilela, 2015) afirmam que a música foi muito utilizada pelos jesuítas no processo de catequização de índios, esteve presente em diferentes momentos da história como, por exemplo, no Barroco, nas entradas e bandeiras, no tropeirismo. Já na virada do século XIX, devido a dois elementos fundamentais, dá-se o início de um processo de marginalização do instrumento com a chegada de uma forte influência europeia, sobretudo no Rio de Janeiro, e também no processo de romanização da igreja católica, marcando uma retomada de um catolicismo ortodoxo nos núcleos católicos onde as irmandades híbridas, que até então colaboraram na administração local das igrejas e condução de fiéis, passaram a ser também marginalizadas e, de certa forma, empurradas para zonas periféricas das cidades e para a zona rural. Esses grupos religiosos, que se alinhavam com a viola, executavam, e ainda executam, muitas músicas tocadas com viola como vemos no Vale do Paraíba, no estado de São Paulo, nas festas do calendário festivo de São Luiz do Paraitinga. E, ainda hoje, é nítido o sincretismo presente como marca da musicalidade que homenageia os santos católicos e entidades

das afro-brasileiras, como se faz no grupo de Moçambique de Lorena e na Congada e Moçambique de Guaratinguetá em dezenas desses grupos chamados genericamente de folguedos, por se reunirem nos dias de “folga” para fazerem as atividades lúdicas e culturais marcadas pela presença da música e da dança. Nesse momento, o camponês, que é o caipira, passa a se apropriar daquilo que Vilela (2015) chama de “dejeito” cultural da cidade e passa a ter um novo insumo cultural que o irá acompanhar nas festividades e avançar durante o ciclo do café nessa região.

Ao longo do século XX, partindo de São Paulo para uma cena mais ampla, a mesma viola que se registra fonograficamente em 1929 segue para o rádio emergentemente até que a mesma indústria que a acolheu a colocasse em segundo plano diante de um novo cenário que se abre a um tipo de música que se apresenta como ligada ao sertão, sendo, na verdade, da cidade e tocada com guitarra, baixo, bateria, teclado e outros recursos eletrônicos. Nessa linha abissal que se abre entre as duplas de um modelo de duplas do “sertanejo elétrico” e as duplas caipiras, um grupo de artistas segue com o aparato que o vincula a uma estrutura ligadas a equipes de produção e a outra começa a estar vista como um certo símbolo de atraso, ligando-se às figuras do conto “Velha praga”, de Monteiro Lobato.

Posterior à “Fantástica viola de Renato Andrade”, na década de 1970, a influência desse erudito passa a abrir caminhos para a viola caipira em novos espaços e olhares ao instrumento tido, até então, como elemento presente no campo, nas mãos do capiau, a ser empunhado nos intervalos do pesado trabalho da roça. Esse cordofone, como afirma Fernando Deghi em depoimento registrado neste estudo, passa a dar novas perspectivas no que diz respeito à atuação como compositor, e não como intérprete, como atuara com o violão na década de 1980. Nessa mesma década, uma série de acontecimentos inéditos no Brasil passa a abrir mais lugares para o exercício de uma cultura musical mais urbana, além dos fluxos migratórios dos caipiras, dos nordestinos, dos caiçaras, dos gaúchos e outros grupos de brasileiros para as grandes cidades, alterando consideravelmente o número de suas populações. Exemplos como o festival Rock in Rio, Free

Jazz, o Hollywood Rock, a emergência das FMs que veiculavam essa música urbana e outros elementos que seriam apresentados nesse trabalho aumentam o referido abismo que se abriria entre os caipiras do interior e os habitantes dos grandes centros urbanos.

É da década de 1990 que artistas com bagagem musical, cultural e técnica apurada, influenciados também por outros mestres violeiros, começam a dialogar com a cultura urbana sem perder as relações de influências com suas fontes. Destacamos para essa linha de trabalho uma geração de artistas que, numa edição específica de 1997 da revista *Guitar Player – Em Português*, foi apresentada para um grande público, sobretudo de guitarristas, uma geração de violeiros que se tornariam estandartes inspiradores para uma moçada, ainda que morasse no interior de São Paulo, cujas referências sonoras tinham percorrido também os caminhos do rock, gênero muito bem trabalhado pela indústria cultural na década de 1980 no que diz respeito ao número de artistas e impulsos publicitários das gravadoras.

Num ambiente formado de uma juventude predominantemente universitária e em espaços bem estruturados, como os fornecidos, na maioria das vezes, pelo Sesc para sediar alguns encontros, surgiu um forte movimento de artistas que misturavam o som da viola com outras vertentes de músicas urbanas, africanas, caribenhas, indígenas, ibéricas e de outras fontes etnomusicais.

A partir desse momento, integrantes desses grupos e novos violeiros que já habitavam a cidade passaram a buscar, no espaço urbano, o reencontro com as raízes de seus pais e avós. Começaram a estudar música caipira com autênticos mestres, sendo muitos deles de periferias das cidades em que se inserem, conhecer os folguedos que resistiram e que renovaram seus quadros de integrantes com novas gerações de crianças e de adolescentes. Destacamos para esse momento o espaço dado pela unidade do Sesc de Campinas, no interior de São Paulo, para a realização do festival *Caipira Groove* e, posteriormente, a unidade de Araraquara, assim como o Sesc Ribeirão Preto, o de Sorocaba, o de São

José do Rio Preto, de Catanduva, de Santos, de Bauru, de Piracicaba, da Pompeia, na capital paulista, e de outras unidades abriram também espaço para que diálogos entre essa geração de artistas urbanos, que buscavam a expressão artística por meio de ligações com a viola e a cultura caipira, num cenário urbano tomado por outras influências externas que se instalaram anteriormente por meio da indústria cultural, seja pelo rádio, pela televisão e seus subprodutos.

No início da década de 2000, em Ribeirão Preto, no interior paulista, iniciou-se uma outra dimensão política nos encontros que começam a acontecer. Os jovens violeiros que se inspiraram na geração de artistas inseridos na edição da revista Guitar Player – em Português se deparam com esses gigantes inspiradores numa luta por uma causa maior. Não era uma questão de espaço na indústria do entretenimento que iria acontecer no Encontro Nacional de Violeiros, mas também a discussão sobre educação cultural, educação musical por meio de ações que teria participação e gestão dos próprios participantes com o intuito de oferecer formação para novos artistas, além de participarem de discussões acerca de buscas de novos circuitos que pudessem ser abertos para o amadurecimento cultural de cada participante num nítido exercício consciente de sua cultura.

No mesmo período, em Irapuru, no oeste paulista, por iniciativa do médico e violeiro Júlio Santin, natural dessa cidade, mas radicado na Capital do Estado, começou a acontecer um encontro de violeiros na praça central da cidade: o Caipirapuru. Foram quinze anos de riquíssimas experiências trocadas entre os participantes que aqui, neste estudo, deixam suas impressões e relações de representações com a viola caipira e com essa cultura que se revitalizou (e revitaliza) pelas mãos, vozes, olhares e ações dos novos caipiras emergentes somados aos antigos cuidadores de gerações anteriores dessa cultura num contexto sociocultural marcado pela busca da diversidade, de novas experiências e, principalmente, de fortalecimento das bases culturais desse grupo que se firmava num cenário cultural que, com o passar dos anos, cresceu consideravelmente.

Além dos tocadores de instrumentos, destacamos nesse estudo um agente de extrema importância nesse cenário. Produzindo instrumentos musicais para esses artistas, um rico mapa de artesão e luthiers se expressou ao longo da década devido ao aumento de violeiros. Até as fábricas, que produziam em escalas maiores, passaram a criar, além das linhas menos sofisticadas de instrumentos que geralmente são oferecidos a preços mais acessíveis, séries requintadas que, em apuro de confecção, concorreria com as violas caras de luthiers. Além do fato de, para os luthiers, existirem filas de espera de “clientes” que almejam seus instrumentos artesanais, as fábricas também aumentaram a produção de viola depois de uma lacuna de vendas desse instrumento na década de 1980.

Para apontarmos, neste estudo, a viola à frente da representação de uma cultura, e mostrarmos a emergência de um sólido movimento musical, cultural e político ligado a esse segmento da música brasileira, primeiro ouvimos os integrantes desses encontros e dessa movimentação para entendermos o que Lefebvre chama de “vivido” para que associemos ao “concebido”, que é o entendimento desse contexto por meio de análises e associações entre o que está representado por qual representante nesse processo de representação de elementos da cultura caipira pela presença e pela ausência da viola, da música, do violeiro, dos folguedos, dos artesãos ou luthiers.

Em quatro situações coletivas, colhemos depoimentos de participantes dos eventos. Em 2013, na cidade de São Paulo, quando o grupo se organizava para realizar o VI Encontro Nacional de Violeiros, que iria acontecer na Sala Olido, com acolhimento da secretaria municipal de cultura. Além das imagens captadas no teatro Décio de Almeida, no bairro do Itaim Bibi, coletamos para o vídeo (Apêndice deste estudo) depoimentos que expressam esclarecimentos acerca da organização de caráter nacional que passava a ter, a partir do início da década de 2000, aquele corpo coletivo. Em 2015, na cidade de Irapuru, no encontro que, sob a gestão dos próprios artistas, foi a última edição do evento já que sofreria apropriação

por um grupo local de organizadores. Os depoimentos são muito expressivos e, por meio dos quais, é possível estabelecer, sob a visão de cada participante, as relações de representação conforme apontamos. Também foi feita coleta de violeiros e produtores de cultura, na cidade de Brasília, no encontro denominado Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira, organizado coletivamente pela Associação Nacional dos Violeiros do Brasil e pela FUNARTE (Fundação Nacional de Artes). Em tal encontro, discutiu-se acerca de buscas de políticas públicas, de ações nos diferentes contextos geográficos já que se tratava de um encontro nacional. Por fim, a Feira Nacional da Reforma Agrária do MST, realizada em São Paulo, no Parque da Água Branca, além de ser importantíssimo espaço de articulação política dos movimentos que se atrelam ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), passou a ser um espaço de veiculação de música e de organização artística. O MST, que ajudou na organização de todos os encontros nacionais de violeiros, inclusive o da edição que aconteceu na sala Olido, na capital paulista, organizou sua maior feira, que reuniu produtores de alimentos orgânicos, mostrando para São Paulo a diferença de sabor, de aroma e de cor dos alimentos produzidos pelos trabalhadores assentados do movimento em relação àquilo que as grandes redes de supermercados oferecem a seus clientes. A finalidade da Feira era também reunir artistas e públicos que se afinassem com a grande proposta de produção de alimentos saudáveis e de produção de uma “arte saudável”, sem contra indicação, sem o “veneno cultural”. Nesse sentido, Pereira da Viola faz tais associações, falando um pouco acerca da música orgânica nessa cena cultural que dialoga com a cena do agronegócio que envenena o alimento a ser oferecido ao seu consumidor. Além desses encontros e depoimentos, comprovando a consistência dessa movimentação forte nesse cenário, acrescentamos anexa documentação acerca de programações de encontros mais recentes no “Violas Paulistas” do Sesc Araraquara (2009) e Sesc Pompeia (2011), “Violas e Ponteiros” realizado em parcerias com as prefeituras dos municípios de Salto (2009 e 2010) e Santa Fé do Sul (2011) com a organização social Abaçaí Cultura e Arte, “Viola Caipiracicabana” na

unidade do Sesc em Piracicaba (2013), “Viola Paulistana” no teatro do Sesc Pompeia (2016) na capital paulista. Desses últimos encontros temos registro de imagens que são apresentadas no apêndice audiovisual desse estudo.

A partir desse panorama, afirmaremos, nas páginas a seguir, que não há ações isoladas nessa linha cronológica que aborda. Como afirma Ricardo Vignini no documentário apêndice deste trabalho, há um caminho de volta de uma geração da cidade que quer reencontrar suas raízes de seus antepassados advindos do interior rumo à capital e, nesse reencontro que se concretiza de múltiplas formas se manifestam-se as representações dessa cultura por meio das relações que se estabelecem entre os representantes, as músicas, o violeiro, a presença da viola, e o elemento representado, o *modus vivendi* do caipira.

Por fim, queremos mostrar também que essa relação coletiva, que proporciona a inclusão do indivíduo numa cena, assim como os outros movimentos sociais historicamente demonstram, sem estar preocupado com inserção num amplo sistema de produção de grandes espetáculos, a movimentação cultural feita pelos violeiros, bateristas, percussionistas, violonistas, baixistas, sanfoneiros, produtores e outros agentes culturais não colocaria no centro de cada cena performática cada sujeito se não fosse coletiva, se não tivesse também um caráter político-cultural, se não estivesse dialogando também com outros movimentos culturais já que se trata de organizações de pequenos números que se tornam grandes corpos coletivos.

Ao longo do recorte da cena estudada e da linha cronológica que aqui inserimos, dialogando com outras importantes obras, destacamos cinco direcionamentos dados por cinco pesquisadores: o estudo de Ivan Vilela, por ser um pilar na organização histórica, morfológica, musical e perspectivo sobre a viola caipira em “Cantando a própria história”; Vladimir Safatle, ao fazer precisa análise da “plasticidade mercantil do corpo” escrevendo acerca das “modificações do corpo social; José de Souza Martins, quando sintetiza o método Regressivo-progressivo de Lefebvre,

que constitui no norte metodológico deste trabalho, Henri Lefebvre, que escreve acerca das representações e espacialidades, sobre quando o vivido é substituído pelo concebido; e, por fim, Bom Meihy, que nos orienta por meio da História Oral, e realizamos coletas de depoimentos que realizamos realizar as coletas de depoimentos que fizemos. Outros importantes autores que nos abrem possibilidades de olhares a serem debruçados sobre as realidades “vivas” para, a partir de visões “concebidas”, entendermos melhor as complexidades sociais o aparente, o visível.

Salvo o Cururu do Médio Tietê, que perde seus estandartes idosos em ritmo incompativelmente mais acelerado à reposição de canturiões (ou cantadores) e violeiros especialistas nessa modalidade de repente paulista, nas demais manifestações ligadas à viola, há um crescente “saldo” de pessoas ligadas à viola caipira nos múltiplos formatos. As Folias de Reis, as catiras, e outros volumosos grupos de folguedos no estado de São Paulo e em outros estados. Saulo Sandro Alves Dias Dias, em estudo que se concretizou em tese, “O processo de escolarização da viola caipira” que se tornou livro mostra que, hoje, ultrapassa a casa da centena o número de orquestras de violeiros no estado de São Paulo. Interessante observar também os “subsegmentos” que emergem em diferentes demandas e contextos dessas orquestras. Braz da Viola, por exemplo, quando morou em São Francisco Xavier, no interior paulista, criou um projeto só com crianças, com apoio de políticas públicas, conseguiu levar a orquestra, formada por crianças, para fazer incríveis apresentações com violas em grandes palcos fora de seu núcleo. Segundo o próprio Braz, em depoimento pessoal, um dos objetivos da Orquestrinha São Xico era proporcionar oportunidades e vivências às crianças de uma cidade de pequeno porte na divisa entre São Paulo e Minas Gerais.

Em suma, nos capítulos a seguir, abordaremos primeiramente a “descrição do visível” no que se refere à diversidade na cena da viola no estado de São Paulo. Posterior a isso, abordaremos “a viola no tempo e no espaço”, num momento analítico-regressivo a partir do método lefebvriano,

no qual é decomposta e analisada a realidade proveniente das relações sociais que se estabelecem entre os integrantes da comunidade dos violeiros, artesãos e produtores culturais e os contextos sociais em que se inserem. Em seguida, após levantamento de longo trajeto de discriminação do caipira, de sua música, de sua cultura, buscamos o “reencontro com o presente” buscando explicações para a compreender a “virada” que essa comunidade de artistas consegue por meio de ações coletivas e estratégicas.

Este trabalho busca, portanto, por meio de contribuição depoente de artistas, produtores e de outros agentes de cultura, após levantamento de documentação anexa e de leituras das obras inscritas nas referências, responder à seguinte pergunta: como, num cenário marcado por preconceito cultural e, sem espaço na mídia, os violeiros do estado de São Paulo, atrelados a um contexto mais amplo, conseguem se organizar, ocupar espaços e colocar à frente, como representante de sua cultura, a viola caipira?

Destacamos ainda a relevância que tem este trabalho em três dimensões: pessoal, acadêmico e social. Pedimos, porém, licença para, no parágrafo a seguir, escrever na 1ª pessoa do singular.

Resgatando os anos adormecidos em minha memória referente a todas as vezes que passava férias na casa de meus avós maternos, na zona rural de Santa Fé do Sul, e acordava de madrugada ao som alto da viola no rádio que tocava no curral ao lado das janelas dos quartos. Emergem ainda hoje todas as figuras nítidas que me colocam atrelado a uma cultura que Antonio Candido vincularia a um “modo de vida rústico” e a chamaria de “cultura caipira” em “Os parceiros do rio Bonito” (1964). Seja nos “rústicos” instrumentos do trabalho polivalente executado por meu avô na pequena roça em que plantava café, arroz, milho, abóbora, quiabo, fumo, frutas e muito mais, além de criador bovino, suíno e das aves do quintal. Os utensílios empregados por minha avó na confecção de doces, chouriços, linguiças, queijos, sabão, colchão de palha, fios de paina, pamonhas e toda a saborosa gastronomia caipira, minha ligação com esse

universo é natural e familiar. As apresentações do Grupo de Catira da Família Tavares, encabeçado por Lázaro Tavares, e as festas de Santos Reis são também marcas que se mantêm inseparáveis do que, para mim, seria o início de uma formação de um olhar e, posteriormente, um estudo sobre o elemento que, para uma música que, para Rui Torneze (2003), “é uma manifestação espontânea do povo rural, que reflete o dia-a-dia do trabalho, do lazer, da religiosidade e de todas as relações sociais existentes nas comunidades interioranas”. Encurtando o currículo do violeiro, toco viola com um trio que se chama Tamoyo e sou integrante deste circuito e apaixonado pela etnomúsica brasileira, principalmente depois que entendi o que o professor Ikeda escreveu num livro que sintetizou uma exposição no Itaú Cultural sobre Etnomúsica Brasileira. Então fui entender a diferença entre a “voz que identifica um indivíduo” e a “voz coletiva”, que permite que se identifique uma coletividade por meio daquilo que o professor chamou de Etnomúsica. Mesmo com bagagem musical ligada ao rock, que tocava com a banda Dioni Zica nos anos em que fiz Unesp, em Araraquara, senti a necessidade de voltar meus olhares para minhas origens e referências, buscando minha completude e compreensão melhor desse universo cultural.

Do ponto de vista da academia, entendemos que, principalmente nas faculdades de música, ainda há correntes conservadoras que não reconhecem a grandeza da viola caipira como elemento a ser estudado, entendido e incluído cada vez mais nos currículos escolares dessas instituições. Sabe-se que professores ou alunos que se vinculam a este instrumento são marginalizados por pessoas que, muitas vezes, ocupam posição de poder ainda que exerça posições de poder. Acreditamos em que este trabalho possa ajudar a reduzir este preconceito e mostrar que este instrumento é gerador de muitas possibilidades de representações culturais por meio de sua existência.

Por último, do ponto de vista social, o trabalho se faz relevante uma vez que busca desvendar situações que vinculam, por meio da representação, a cultura que traz em seu seio uma forte história de um

povo, que toca lindas músicas com esse instrumento que também tem uma história de séculos de existência. Esperamos que, para a parcela da sociedade a que se liga a viola, este trabalho seja esclarecedor.

CAPÍTULO 1

1.1 - A visível diversidade no cenário da viola paulista: violeiros, artesãos e luthiers - Descrição do visível

Em pontos distintos no estado de São Paulo, hoje, apresenta-se uma rica cena musical que se liga à viola caipira e a todo um universo cultural que a envolve, denominado cultura caipira. De acordo com Antonio Candido, em “Parceiros do Rio Bonito”, a Paulistânia consiste num território devassado pelas bandeiras e entradas, no qual se desenvolveu uma variedade subcultural do tronco português, que se pode chamar de “cultura caipira”. Tal cultura se manifesta nas comunidades marcadas pela rusticidade e com formas de sociabilidade, subsistência e organização de povoamentos estudados por ele. Candido afirma, ainda, que a estrutura social das comunidades caipiras consistia “no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”, que definiam a sociabilidade entre os vizinhos (CANDIDO, 1964, p.81-94).

Essa cultura, apesar de estar vinculada a vários preconceitos, resiste fortemente de múltiplas formas como procuraremos descrever neste estudo. Algumas maneiras de manutenção dessa marginalização do caipira podem ser apontadas, como na ridicularização do sotaque de seus integrantes, de suas vestimentas, na reprodução de protótipos de mendigos rurais nas festas juninas, quando se pinta o dente das crianças simulando uma cárie fazendo menção a uma falta de higiene bucal e na extensão dos rótulos deixados por Monteiro Lobato ao caipira por meio das figuras de suas personagens Chico Marimbondo, Manoel Peroba e Jeca Tatu em “Velha

Praga”, conto em que o autor rotula “Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças (1914)”. Para Martins (2004), entretanto, o dialeto caipira é o português residual dos tempos da Colônia, o que evidencia tal resistência. Outro forte exemplo que se tem da força dessa cultura é a valorização da culinária caipira e seus utensílios e suas referências primárias, isto é, encontra-se comumente a reprodução de um fogão a lenha, por exemplo, numa praça de alimentação de shopping center na bancada *self-service* de restaurantes. Dessa forma, observam-se ícones representados que, de muitas formas, apresentam-se como estandartes dessa cultura, que dificilmente se dissolve ainda que, nitidamente, vários setores da indústria cultural concentrem ações que busquem a sua destruição ou, ao menos, o seu processo de marginalização, seja em ações vinculadas à programação de televisões e rádios, seja na atuação de grandes grupos nas redes sociais.

No campo da música, também se vê forte resistência e sobrevivência dessa cultura por meio dos seus vínculos com outros elementos que serão tratados neste estudo.

Seja no Vale do Paraíba, no Vale do Ribeira, nas margens do Tietê, do Piracicaba, nas divisas com Mato Grosso do Sul, com Minas Gerais, no Litoral, no sul do Estado, no Pontal do Paranapanema e na região metropolitana da Capital, existe uma música expressiva emitida por um cordofone que se pode eleger como o mais importante símbolo representante da música caipira nessas regiões do estado de São Paulo: a viola caipira. De acordo com Martins (1975), a presença da viola se faz obrigatória em toda música que se formou nas atividades e práticas lúdico religiosas, nas movimentações culturais que se chamam de folgedos, tais como as Folias de Reis, Folias do Divino, Danças de São Gonçalo, Dança de Santa Cruz, Catira ou Cateretê e muitas outras que contribuíram para a formação de um segmento da música que a indústria fonográfica hoje chama de Música Sertaneja a qual consagrou muitos artistas ligados ao

cordofone aqui estudado. Por esse vínculo com as origens da etnomúsica caipira e, por ser esta uma música ligada a quase todas as manifestações dessa cultura, pode-se dizer que esse instrumento é de fato o mais importante símbolo no que diz respeito à representação da música entoada por indivíduos ou pela coletividade que possa representar a comunidade dos caipiras. A etnomúsica é a “voz coletiva” a que Ikeda faz referência quando associa a voz humana a um tipo de identidade de um indivíduo e, por outro lado, num campo coletivo, aborda como um conjunto de vozes que representam esses grupos por meio da etnomúsica, que é cantada, dançada e tocada à sua maneira no contexto em que se insere.

Segundo Lefebvre, devemos compreender as representações como o processo pelo qual se relacionam o representado, sobreposto por seu representante através da representação. De acordo com o mesmo autor, aquilo que se representa está presente e ausente na representação, que faz o intermédio dessas duas ocorrências não excludentes. Assim, o representante se faz presente e ausente ao mesmo tempo na representação, atuando por meio de substituições e deslocamentos do real para o que chama de operações perpétuas (LEFEBVRE, 1983, p. 34). Para Lefebvre, por meio da análise, poderemos evitar representações equivocadas que ocorrem nos processos de representação, o que pode resultar em falsas situações, ou seja, situações miméticas que, muitas vezes, podem gerar um falso sentimento de identidade de uma sociedade (ADORNO).

Lefebvre denota ainda que as representações se formam no cotidiano, que é entendido como um nível da realidade social em que ocorrem a construção e transformação da sociedade, na qual o conhecimento desse nível é a chave para a compreensão das representações. Estas se formam como resultado das combinações teóricas, isto é, da relação entre o *concebido* com as vivências cotidianas, sociais e práticas, individuais e coletivas, ou seja, com o *vivido*. Entende-se, assim, que a representação é parte do viver e de sua compreensão.

As representações se formam no cotidiano e, por meio delas, faz-se possível dissimular o vivido, por meio de deslocamentos e substituições que se interpõem entre o representado e o representante daquilo que está presente e ausente (LEFEBVRE, 1983, p. 69).

Lefebvre considera a representação como um terceiro elemento que se forma a partir da díade concebido/vivido. As representações são os elementos mediadores, que, muitas vezes, podem consolidar e modificar a díade, ou até mesmo desaparecerem. Concebendo-as do ponto de vista social, as representações constituem-se do modo como os grupos são e como se veem, como pensam sua atuação, como lidam com suas frustrações e com o futuro. Lefebvre (1983, p. 94-95) profere que as representações não são fatos, causa e consequências. São fatos de discurso e de práticas sociais. Desse modo, as representações são provenientes de “sujeitos” individuais e coletivos.

Para que possamos entender as relações de representação no campo sobre o qual nos debruçamos, voltamos à descrição daquilo que se apresenta ligado à viola caipira no estado de São Paulo e à riqueza dessa cena musical que se manifesta também nas formas variadas de expressão ligadas a este cordofone no espaço referido. Torneze (2004), por exemplo, faz apresentação da variedade rítmica em cancioneiro organizado com finalidade didática, mostrando um mosaico plural de ritmos que se formaram na evolução das músicas provenientes dos folgedos. Outras relações de representação desenhar-se-ão ao longo deste estudo.

Antes, porém, cabe levantar algumas marcas da diversidade nessa cena. Os elementos por meio dos quais essa pluralidade se mostra são vários, seja pela programação do Sesc paulista, seja nos eventos culturais promovidos por secretarias municipais e secretaria estadual, seja nos encontros de violeiros que também foram abordados neste estudo. Impressiona-se quem chega a este nicho da música brasileira e nota o número de virtuosos violeiros, e também a quantidade dos muitos grupos de folgedos que mantêm tradições de uma música que um indivíduo da

zona urbana, muitas vezes, não reconhece como elemento que poderia integrar sua identidade cultural.

Um exemplo, entre muitos que se podem apresentar como verdadeira a amplitude da diversidade ligada à viola paulista, são as edições do encontro “Violeira”, sendo uma em 2008 e outra 2010 de que participamos, realizado em Votorantim, na região de Sorocaba, nos quais, estendendo-se de quinta-feira a domingo, ocorreram programações enriquecedoras. Foram desafios de Cururu, apresentações de grupos de Catira, exposição de artesãos, shows com violeiros, acesso à rica gastronomia caipira e exercício consciente dessa cultura tão forte.

Essa força e pluralidade do “Violeira” de Votorantim se manifesta também no encontro “Caipirapuru”, em Irapuru, no oeste do Estado, realizado por uma associação independente, constituída de artistas e produtores culturais. No encontro “Violas e Ponteios”, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, no “Festival Caipira”, realizado num bairro rural de Jaú pela Secretaria Municipal de Cultura do município mencionado, nas edições da “Festa do Folclore” em Botucatu, na programação de projetos que mostrem as faces da viola nas unidades do SESC, do Sesi e outras instituições que tenham interesse em patrocinar projetos que valorizem essa cultura. Do pequeno “Encontro de Violeiros” da Associação dos Amigos da Água Funda, na Capital, à gigantesca “Feira Nacional da Reforma Agrária”, do MST, estão presentes nomes ligados à viola cuja fama é de grande expressão. Da mesma maneira, nomes considerados para a mídia “anônimos”, têm igual importância e são presentes em tais eventos. Sua participação nos encontros é tão rica e merecedora de admiração, assim como a presença dos coloridos e barulhentos grupos de folguedos.

Representando não um sujeito único, mas uma coletividade, destacamos alguns desses grupos de folguedos que se fazem presentes nesse cenário marcado por grande diversidade: **Os Favoritos da Catira**, de Guarulhos, **Catira Mirim de Votorantim**, **Catira de Piracaia**, **Dança de São Gonçalo de Piracaia**, **Caiapó de São José do Rio Pardo**, **Catira de**

Serra Negra, Romaria de São Gonçalo, de Iporanga, **Folia de Reis da Vila Formosa** de Sorocaba, **Congada e Moçambique de Guaratinguetá**, **Batuque de Umbigada de Piracicaba**, **Tietê e Capivari**, **Catira de Dois Córregos**, **Cururu de Piracicaba**, **Cururu de Sorocaba**, **Catira de Catanduva**, **Grupo de Fandango de São Gonçalo**, **Grupo de Fandango de São Paulo Bagre** e muitos outros quase incontáveis.

A diversidade que se manifesta no quadro dos folguedos se faz presente também na rica cena constituída de artesãos e luthiers, figuras desse cenário que representam o confeccionador dos instrumentos musicais. Um artesão, nas definições dos sujeitos que aqui se mostram, é menos rigoroso nos padrões de construção, o que não o torna menor do que um luthier, que procura cumprir “combinados” dentro de certos padrões.

Ao início do trabalho de campo deste estudo ligado à viola caipira, na primeira década dos anos 2000, observamos uma linha de instrumentos confeccionados por uma indústria de instrumentos musicais localizada no interior estado, no município de Salto. Notamos que aquele modelo seria um bom instrumento para um iniciante, mas que havia linhas artesanais de violas que tinham apuro diferenciado. Constatamos também, posteriormente, que essa mesma indústria também tinha uma linha pequena de produção desse cordofone com o mesmo apuro de instrumentos confeccionados por luthiers. Voltamos, então, o olhar deste trabalho a um amplo mapa de artesãos e luthiers instalados em diferentes pontos do Estado. O primeiro contato foi com Kléber Silveira, de Avaré, que trouxe um modelo pequeno de viola, que ele chamou de Catireira, cujo som é bem agudo devido à pequena caixa de ressonância e ao braço curto, com escala de menor extensão. Aos poucos, foram emergindo outros modelos do próprio Kléber, o que nos levou a descortinar um universo amplo de sonoridades e concepções históricas sobre esse instrumento que, segundo Corrêa, está no país desde o início da colonização já que era bastante difundido em Portugal no século XV e XVI (Corrêa, 2000, p.21).

Iniciamos um mapeamento que me mostrou o verdadeiro sentido da palavra “diversidade” ligada ao *modus operandi* do construir o instrumento.

No médio Tietê, no município de Pirajuí, tivemos a oportunidade de conhecer o grande violeiro e artesão Levi Ramiro, que confecciona violas de fórmica, de peculiar sonoridade, viola escavada no tronco, mas o que realmente provocou a necessidade de uma pesquisa mais apurada acerca desse trabalho artesanal foram suas famosas violas de cabaça.

Subindo o rio Tietê, rumo a Botucatu, encontram-se os instrumentos do Soler, as violas de Pedro Dias e, recentemente, apresentou-se à comunidade de violeiros o jovem luthier João Omodei Luthier, com suas violas trabalhadas em padrão mais refinado tanto em estética quanto em sonoridade. Outro luthier dessa outra capital da música caipira é Anderson Rodrigues.

Rio acima, chegando a Tatuí, encontra-se o famoso Joacir, antes sediado em São José do Rio Preto, famoso luthier que fabrica uma das violas mais caras do estado de São Paulo. Um instrumento dele, que demora até seis meses para ser entregue sob encomenda, atinge valores que, para muitos violeiros, são impagáveis.

Seus vizinhos, na região de Sorocaba, o luthier Sforcin e André Muraro também não ficam atrás no que diz respeito a preço e qualidade. Aliás, Sorocaba, que é um dos mais importantes pilares da cultura que se vincula a esse instrumento, já possui uma história cultural bastante ligada ao tropeirismo e à música que se desenvolveu nesse ciclo. Próximo de Sorocaba, o luthier Ferroni confecciona violas do virtuoso Arnaldo Freitas.

As violas Mater, confeccionadas por Marcelo Teixeira Roque, de Amparo, fazem muito sucesso entre os violeiros de Piracicaba graças ao incentivo de lojistas ou de professores, como Rafael Danelon, mas, nessa região, há boa diversidade de fabricantes de Iracemápolis, Americana, Santa Bárbara e até mesmo Campinas, que é uma cidade grande, mas que mantém vínculos com a cultura rural. Nessa região, destacamos o Edgard Luthier, em Iracemápolis, com seus instrumentos diferenciados. Mais a sudoeste do estado, em Assis, o jovem luthier que se destaca por inovar com um modelo de viola que informalmente ele chama de “dinâmica”,

“ressonator” ou “metálica”. Uma versão desse instrumento cujo som é mais volumoso, com timbres que destacam sonoridade que se vincula a um som metálico, devido a um tampo *ressonator*, de metal. Luciano Queiroz é um luthier que já se formou em Zootecnia na Unesp de Jaboticabal, mas optou pelo caminho da arte que traz um gigantesco rastro de história que se liga às atividades agropecuária. Um percurso, aliás, inverso às tendências que dominam o campo hoje.

Enquanto o agronegócio “desruraliza” o campo, a força da cultura caipira se consoma pelas mãos dos artesãos e luthiers, como Luciano, que se fortalecem nas distintas regiões do Estado, além das indústrias Giannini, Del Vecchio, Xadrez e Rozini, que mantiveram viva a construção do instrumento enquanto a história da música ligada à viola se refez nas últimas décadas.

Por fim, fechando a parte em que procuramos fazer a descrição da visível cena marcada pela diversidade, como propõe Lefebvre com o método regressivo-progressivo, em 2018, o selo SESC, sob curadoria e produção de Ivan Vilela, registrou o álbum “Viola Paulista Vol. 1”, em suporte físico (CD) e digital, disponível nas plataformas *i-tunes*, *spotify*, *deezer*, *napster*, entre outras, o trabalho de dezenove nomes, sendo grupos ou artistas solos. Tal registro se fez do trabalho de:

1. Neto Stéfani (Bragança Paulista), tocando “Viola Castelhana” ;
2. Moreno Overá (São Luiz do do Paraitinga), tocando “Brasil Viola”;
3. Rodrigo Nali (Paulínia) e Rafael Schimidt (Atibaia), tocando “Anastácio”;
4. Bruno Sanches (Presidente Prudente), tocando “Catira do Vale”;
5. Jackson Ricarte (São José dos Campos), tocando “Viola Carpideira”;
6. Ricardo Matsuda (Campinas) e Patricia Gatti, tocando “A Fada e o Saci”;

7. Vinícius Alves (São João da Boa Vista), tocando “Improviso Violado”;

8. Leandro de Abreu (Santo André), tocando “Alvorada Pantaneira”;

9. Renato Gagliardi (São José do Rio Preto), tocando “Berceuse”;

10. Zé Guerreiro Quarteto (Ribeirão Preto), tocando “Rasta Zé”;

11. Gil Fenerich (Monte Alto), tocando “Dança da Onça”;

12. Reinaldo Toledo (Franca), tocando “Estudo 09”;

13. Bob Vieira (Itapetininga), tocando “Pedra Enxuta”;

14. Osni Ribeiro (Botucatu), tocando “Viola”;

15. José Gustavo Julião (Ribeirão Preto), tocando “Palau”;

16. Trio Tamoyo (São Paulo), tocando “Jacaré Pepira”;

17. Zé Márcio (São Paulo), tocando “Raiz da Gameleira”;

18. Ronaldo Sabino (Franca), tocando “Caipira Chique”;

19. Fabiola Mirella e Sergio Penna (São Paulo), tocando “Meu Sertão”.

20. Mapeados, tais artistas expressam a grande diversidade de estilos e influências pelas diferentes regiões do estado de São Paulo, expressando a música tocada no interior e na Capital.

Ainda em fase de produção, tivemos acesso aos nomes dos artistas que integrariam o volume 2 da mesma coletânea lançada pelo selo Sesc. Gravada em 2019, apresenta outro mapeamento também com violeiros e violeiras que residem no estado de São Paulo, cuja expressividade é de grande reconhecimento no atual cenário nacional da música ligada ao cordofone. São eles:

1. Adriana Farias (São Paulo);

2. Arnaldo Freitas (Uberlândia);
3. Claudio Lacerda e Rodrigo Zanc (Botucatu e São Carlos);
4. Enúbio Queiroz (São José do Rio Preto);
5. Fabio Miranda (São Paulo);
6. Fernando Deghi (Curitiba);
7. Fernando Caselato (Piracicaba);
8. João Arruda (Campinas);
9. João Paulo Amaral (Campinas);
10. Juliana Andrade (São José do Rio Preto);
11. Júlio Santin (São Paulo);
12. Lauri da Viola (Avaré);
13. Levi Ramiro (Pirajuí);
14. Márcio Freitas (São Paulo).
15. Neymar Dias (São Paulo);
16. Ricardo Anastácio (Sorocaba);
17. Ricardo Vignini (São Paulo);
18. Wilson Teixeira (Avaré);
19. Zeca Collares (Sorocaba);
20. Zé Helder (Pouso Alegre).

A atual cena ligada à viola evidencia que a música que se atrela a ela por meio dos sujeitos que trazem em seu trabalho artístico suas representações cotidianas mostra que, por mais que haja uma intenção da indústria cultural em silenciar sua coletiva voz, tal cenário se apresenta sobrevivente e cada vez mais forte nesse contexto em que o imperialismo

cultural busca cada vez mais sólida consagração no cinema, na moda, no consumo em geral. Por mais que produtoras de “artistas” com mesmos formatos se aparelhem nos os programas televisivos e redes sociais para criarem seus desejáveis produtos musicais, suas duplas sertanejas, seus grupos de pagode, suas bandas de música pop, a cena ligada à viola se fortalece, os integrantes de folias de Santo Reis se renovam, as orquestras de violas se proliferam, as encomendas feitas aos luthiers aumentam as filas já existentes, os registros fonográficos seguem marcando a história de uma cultura, de um povo inserido numa nação violeira. Saulo Sandro Alves Dias, ao discutir “O processo de escolarização da viola caipira” (2012) aponta para o grande movimento em que se espalham as orquestras de violeiros e destaca o instrumento como o símbolo identitário da cultura rural. Ressalta ainda a coexistência e interação entre tocadores do antigo e do novo jeito de tocar o instrumento e o êxito gerado pelo hibridismo e liberdade de circulação.

CAPÍTULO 2

2.1 - A viola no tempo e no espaço: momento analítico-regressivo

Para conhecermos mais sobre essa cena e as representações que nela existem, seguimos aqui, a partir do método regressivo-progressivo, proposto por Lefebvre e traduzido por Martins (2016), consiste num “mergulho na complexidade vertical da vida social” apontando uma “coexistência das relações sociais” numa linha cronológica. Tal realidade aqui é analisada a partir de instrumentos que nos permitem ler, ouvir e ver obras dos artistas, artesãos aqui estudados, práticas sociais de indivíduos e de grupos e, posteriormente à sua decomposição nessa morfologia social, buscamos o que se representa por meio da viola caipira acerca da cultura a que se liga.

Em seu método, Lefebvre propõe também o estabelecimento de linha cronológica, a que recorremos com base em outros estudos realizados anteriormente. À busca de estudos que identificam a ligação de uma música de tempos remotos a uma música ainda tocada em outro tempo posterior e que é executada com viola já era apontada nos estudos de Mário de Andrade. Segundo esse autor (1959), o cateretê, por exemplo, também denominado catira, que é uma um tipo de dança que se realiza com combinações de palmeados e sapateados cujos movimentos são marcados, desde os tempos de Anchieta, pelo acompanhamento da viola, instrumento que fora trazido de Portugal que, em território brasileiro, passou a ter características e nomes locais.

Muitos são os pesquisadores apontados por Amaral Pinto (2008) que convergem no reconhecimento de sua origem: Sardinha (2001), Oliveira (1982), Araújo (1958/59), Cascudo (2002), Ikeda (2004), Lima (1964), Tinhorão (1990), Corrêa (2000), Anjos Filho (2002), Martins (2004) e Vilela (2015). Instrumento de origem portuguesa, mas que sofreu adaptações em território brasileiro sem perder suas características essenciais, segundo Corrêa (2000). Para Ivan Vilela (2015), nas entradas das bandeiras, nas

viagens de tropeiros, festas religiosas, nos mutirões, a música sempre se fez presente. Na falta de instrumentos mais complexos, a viola era o instrumento que estava presente.

O mesmo pesquisador traça rigorosa linha cronológica descortinando a trajetória do instrumento atrelado aos diferentes sujeitos aos quais o cordofone em cada contexto representativo de uma cultura que ainda estaria por se desenhar. Em “*Cantando a própria história*”, o autor da tese (2011), que também se converteu em livro (2015), traz à tona os estudos de Tinhorão, que aponta para o primeiro registro da presença da viola no Brasil em missa em 1518 no território de Olinda. Naquele período (Sant’Anna, 2000), registra-se o uso de violas portuguesas já em processo de adaptação. Marca-se ainda a presença do cordofone e seu potencial harmônico, no século XVII, pelas mãos do jesuíta Padre José de Anchieta no sudeste. Estudos apontam que o padre recorreu à linguagem cênica associada à música executada por flautas, gaitas, pifes e tambores no processo de catequização dos indígenas. Ainda no século XVII, na Bahia, há registros de usos de uma viola de cabaça pelo poeta barroco Gregório de Matos, apontado na publicação de Vilela como uma das raízes da canção brasileira essa associação da poesia barroca com a viola. Também no século XVII, registram-se as Entradas e Bandeiras, período em que, com as andanças das companhias de exploradores, a música tocada com viola e outros instrumentos, ganha expressividade rítmica, por estar menos vinculada às instâncias de poder radicadas na região nordeste, marca que ainda se vê nos diferentes toques de viola de violeiros do sudeste e do nordeste. A diversidade rítmica se intensifica no século XVII com a circulação dos tropeiros. Na “hora do rancho”, expressão empregada pelo mesmo pesquisador, nas paradas, a música proveniente das tropas que circularam na região sul do país, com parada em Sorocaba, seguindo para outras regiões se multiplicou. Acerca do século XIX, o musicista registra a emergência do “jovem violão” no espaço urbano e sua expressão na Europa como funcional instrumento de acompanhamento de canto por ter cordas simples e ser dedilhável. No pré-modernismo, Lima Barreto, já na virada do século XX, em “*Triste fim de Policarpo Quaresma*”, insere um

importante personagem na narrativa, Ricardo Coração dos Outros, um suburbano seresteiro amigo e professor de violão do protagonista. Interessante notar nesse clássico da literatura que, ao mesmo tempo em que o violão era um instrumento marginal por se vincular às classes populares e mestiços, despertava fascínio e curiosidade nas mesmas pessoas que dele diziam ter repulsa. Isso já dava sinais de um novo protagonismo instrumental na música brasileira que viria se desenhar no espaço urbano durante o século que se iniciava. Paralelamente ao crescimento da expressão do violão, ainda no século XIX, correntes da Igreja Católica conduziram um processo conhecido como Romanização, que consistiu num resgate ortodoxo de um catolicismo “puro”. Desse modo, administrações locais e igrejas firmaram, no sentido de um banimento de manifestações, que eram marcadas por certo fusionismo até então tolerado devido à ausência de líderes provenientes da Igreja e que eram conduzidas por leigos. Destaca-se a Folia do Divino como a mais expressiva festa popular ligada à igreja no Rio de Janeiro nesse período. Lembramos que, ainda hoje, as manifestações híbridas ligadas ao catolicismo constituem a riqueza do calendário cultural do Vale do Paraíba em São Luís do Paraitinga, Cunha, Guaratinguetá, Taubaté e outras dezenas de cidades dessa região. Nesse contexto de marginalização das manifestações religiosas e culturais que se ligavam à viola, e ainda se ligam, o caipira se utiliza, segundo Vilela, do “dejeito” cultural urbano e vai reinventá-lo, criando sua cultura a partir do “lixo cultural” urbano dispensado por vias político-religiosas.

Antes de seguirmos na cronologia, porém, destacamos algumas “peças” importantes no que se refere ao homem do campo, seu cotidiano, sua arte, e a relação triádica na representação com representante e representado. Em 1893, Almeida Júnior, sob influência dos realistas Gustave Courbet e Jean-François Millet, pinta o clássico “Caipira picando fumo” com óleo sobre a tela abrindo um olhar realista sobre essa figura do homem rural, altivo, retratado em ricos detalhes que caracterizam a escola realista não só na linguagem pictórica, como também na literatura. Em 1914, em período mundial de elevada tensão gerada pela Primeira Guerra,

a polêmica figura do mundo editorial Monteiro Lobato escreveu o incendiário artigo “Velha praga”, publicado no jornal O Estado de São Paulo, que integraria mais tarde a obra “Urupês”, em 1918, como um de seus contos. Na narrativa, Lobato inicia um olhar sobre a figura do caboclo nunca antes tão instituída de tantos preconceitos, atrelando ao caipira o extenso estigma de atrasado, ignorante, preguiçoso e parasita da natureza em que se insere, rotulando-o até de criminoso devido às queimadas que provocava nas florestas. O conto “Urupês”, que carrega o mesmo título do livro de contos, dá vida ao personagem que mais é combatido por todas as bandeiras progressistas que acometeram o campo durante o século XX e ainda hoje invadem a cultura caipira com o agronegócio. Em Tupi-guarani, “urupê” designa uma espécie de fungo que se instala em troncos e galhos de árvores, sobrevivendo em condição parasita. O Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, sintetiza na visão do autor o que há de pior na fusão do elemento europeu com o indígena, contrariando a tese dos indianistas do romantismo, que destacavam a figura do elemento indígena com suas qualidades como uma sólida coluna formadora étnica de brasileiros que nascessem dessa fusão, tais como Moacir, “filho da dor”, gerado pela corajosa guerreira Iracema, da tribo dos Tabajara, e do colonizador Português Martim, numa calorosa história de amor, marcada por dificuldades e lutas. Enquanto José de Alencar anunciava os brasileiros provenientes do seletivo hibridismo étnico, gerados pela fusão do português com a índia ou vice-versa, como a paixão do índio goitacá Peri com Ceci (Cecília), filha do fidalgo português D. Antônio Mariz. Para Lobato, tal fusão étnica seria geradora de seres “fracos”, “preguiçosos” e “ignorantes”. Logo em seguida, em 1919, outro Jeca também marcaria longa presença durante o século XX. Angelino de Oliveira compôs “Tristeza do Jeca”, que atravessou décadas do século em que se insere, sendo amplamente gravada pelos mais distintos estilos, formatos em diferentes recursos. Essa canção foi gravada primeiramente em versão instrumental pela orquestra Brasil-América, e, 1922 ou 1923, entretanto uma das versões que ficaram mais famosas no país foi a gravada pela dupla de caipiras paulistas Tonico e Tinoco em 1958 no primeiro LP do Brasil, a coletânea “Arraial da curva

torta”, de que a dupla participa com outros artistas. Observamos aqui que a canção é registrada em muitos lugares como “Tristeza” e não “Tristezas do Jeca”. Sua aparição pública em Botucatu, no Clube 24 de Maio, segundo registro do violeiro e pesquisador Osni Ribeiro, em seu site, foi na gestão do então presidente do clube, Dr. Nestor Seabra, em 1919. As fontes mencionadas por Ribeiro são as atas do clube e os jornais locais, guardados no Centro Cultural de Botucatu.

Tristeza do Jeca

(Angelino de Oliveira)

Nestes verso tão singelo
Minha bela, meu amor
Pra você quero contar
O meu sofrer e a minha dor
Eu sou quem nem o sabiá
Quando canta é só tristeza
Desde o gaio onde ele está

Nesta viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Eu nasci naquela serra
Num ranchinho beira chão
Tudo cheio de buraco
D'onde a Lua faz clarão
Quando chega a madrugada
Lá no mato a passarada
Principia um baruião

Nesta viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Vou parar com a minha viola já não posso mai cantar
Pois o jeca quando canta tem vontade de chorar

O choro que vai caindo
Devagar vai se sumindo, como as água vão pro mar

Nesta viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade

Observa-se na letra o ponto de vista do Jeca, da simplicidade de sua vida, de sua moradia precária, do seu sentimento de tristeza. O registro linguístico ocorre com identidade ao grupo social em que se insere o personagem retratado, marcando também vínculo de identidade entre o autor e a obra, assim como essa relação se manifestou entre autor e a obra de “O Caipira picando fumo”. Angelino de Oliveira é pioneiro em empregar a sua música como um instrumento de representação de situações cotidianas. Primeiro representa a tristeza do sabiá, depois representa saudades que são “entoadas” com a viola.

Essa relação de identidade não se vê na obra de Monteiro Lobato aqui retratada. Lobato, que era proveniente do Vale do Paraíba, no interior paulista, que mantinha relação com a zona rural, não tinha relação de identidade com o grupo social ao qual deveria pertencer: o do caipira. Contrariamente a outros autores, negou criticamente essa relação.

Em tempo, uma das telas também famosas de Almeida Júnior é “O violeiro”, registro com óleo sobre a tela, de 1899, no qual o pintor registra o altivo casal que, em condições marcadas por simplicidade na moradia pintada com parede lascada pela ação do tempo, toca e canta com aparente dignidade o seu cotidiano por meio de sua arte etnomusical que se vincula à viola caipira. Para Sant’Anna, a Moda Caipira, tal como é conhecida, é “empática” e nasce do calor do povo que a toca e canta, dando-lhe forma.

Posterior à intensa ação de Lobato contra a figura do caipira, no Pré-Modernismo, os modernistas voltam a pôr em evidência as camadas populares e seu cotidiano na arte.

À Margem do culto circuito de artistas que promoveram a Semana de Arte Moderna, em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo e dos badalados cafés que acolhiam tais artistas dessa importante movimentação cultural, emerge um caipira de Tietê que, em 1910, já havia agitado o Colégio Mackenzie com artistas do interior ligados ao cururu, à catira, à viola caipira com encenações: Cornélio Pires. Posterior a essa estreia como produtor no colégio e à estreia como conferencista em 1915, a grande contribuição dada por Cornélio Pires à consagração do caipira num segmento da sociedade foi por meio da inserção do artista que trazia representada sua cultura e seu cotidiano caipira em gravações fonográficas, ou seja, na indústria do disco.

Em 1929, pela Columbia no Brasil, ocorre o que muitos classificam como uma revolução na indústria cultural brasileira. Por meios próprios e empréstimos, Cornélio Pires, segundo Zan e Vilela (p.94) manda prensar cinco mil cópias de seis discos que continham gravações diversificadas sobre a música e a literatura oral do caipira: desafios de cururu e cana verde, modas, cururus, anedotas, samba paulista etc.

O mesmo pesquisador divide ainda em três fases a relação de artistas ligados à música caipira e à viola depois da arrancada de Cornélio Pires. A primeira fase em que ocorre a difusão dos artistas atrelados à figura do produtor e impulsionados pelas ondas do rádio nas décadas de 1930 e 1940. A segunda fase insere nesse contexto fonográfico e radiofônico artistas que até hoje são reconhecidos por trazerem a público a apresentação de ritmos ainda não registrados em gravações: recortado, querumana, guarânia, polca paraguaia e o tão perseguido pelos estudantes de viola caipira, o pagode caipira. Dentre os nomes que se inserem nessa fase, destacamos Tonico e Tinoco, Zé Carreiro e Carreirinho, Vieira e Vieirinha, Cascatinha e Inhana, Tião Carreiro e Pardinho. Na terceira fase, o pesquisador insere os artistas que dão início ao segmento com o nome de “música sertaneja”, que se funde com vertentes da música pop e que, ao invés da viola, registram suas músicas predominantemente com instrumentos elétricos como guitarras, baixo, teclados, bateria. Léo Canhoto

e Robertinho foram agentes desse novo formato que, segundo Vilela, se distancia da música caipira nos seguintes itens: uso típico de instrumentos, uso do romance como base poemática, emprego de vozes duetadas do início ao fim das canções e, por fim, base rítmica que se vincule à cultura caipira.

Nesse novo formato “moderno”, muitas duplas tradicionais, que tocavam com viola e violão, não sobreviveram nas gravadoras. As temáticas das letras passaram a ter referencial predominantemente urbano. O visual dos artistas passava a ter mais vínculo com o caubói texano do que com o caipira. Nessa terceira fase Ivan Vilela não se debruça com seus estudos, entretanto encerra sua linha cronológica fazendo referência a “NOVOS TEMPOS”, em que inserem nomes que desenharam nova história da música brasileira ligada à viola caipira.

Das últimas décadas, em encontros de violeiros, em programações culturais de distintas instituições, tivemos oportunidade conhecer uma parcela desses nomes que têm sustentado ativamente a história ativa ligada à viola. Apontamos abaixo uma pequena lista de pessoas ligadas à viola que coexistem em suas relações sociais.

Para a aplicação de “filtro”, sugerido no método regressivo-progressivo, proposto por Lefebvre, e realizar o “mergulho na complexidade vertical da vida social”, buscando apontar uma “coexistência das relações sociais”, recorreremos, porém, ao suporte científico da História Oral, a fim de que pudéssemos, com mais critério, ouvir as narrativas, registrá-las, transcrevê-las, “transcriá-las”, segundo José Carlos Sebe Bom Meihy. Para o mesmo autor, “a história oral pretende ser um campo multidisciplinar em que, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalhos possam dialogar sobre maneiras de abordagem das entrevistas e trocar experiências.” (BOM MEIHY 1998 p.35). SEBE: BOM MEIHY, J. C. S., Manual de História Oral. São Paulo, Loyola, 2 ed. 1998.

Assim, seguimos alguns passos fundamentais da metodologia da história oral, tais como, a relevância do depoimento oral; valorização da

pesquisa qualitativa e subjetividade presente nos depoimentos; consideração do pesquisado como coautor do objeto que se construiu, já que se trata de uma metodologia participativa, o que pode abalar a neutralidade antes tão almejada no campo científico; o compromisso ético e metodológico com a divulgação e compartilhamento do conhecimento adquirido por meio das narrativas e, por fim, transformar as entrevistas em material primário a ser empregados por outros pesquisadores.

Antes das narrativas propriamente ditas, porém, apresentamos com nossa impressão alguns sujeitos que habitam o universo da viola caipira. Não são todos os apresentados abaixo que dão depoimentos. Entre os entrevistados, contudo, fizemos questão de destacar pessoas que não foram apresentadas abaixo:

Minerin (Felinto Santos) é uma liderança nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). É uma das pessoas, no Movimento, nomeadas para fomentar a cultura ligada à viola no MST e na sociedade brasileira. Também é membro da diretoria da Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, por meio da qual busca ampliar ações de valorização da música tocada com viola. Sempre em São Paulo, mas tem residência no Pontal do Paranapanema.

Luciano Queiroz, nome de destaque nesse estudo como um luthier, fabricante de viola, é também violeiro e pesquisador de timbres. Embora seja um paulista da região de Assis, fez gravação de CD tocando suas violas em que faz homenagem ao sanfoneiro nordestino Luiz Gonzaga, interpretando músicas do rei do baião, numa divertida reverência à música nordestina.

Osni Ribeiro, além de fomentador de eventos ligados à viola no interior e na Capital paulista, é exímio violeiro e cantor. Desde a adolescência, compôs duplas com os veteranos de sua cidade, uma das capitais da música caipira, Botucatu. Essa importância da cidade, no cenário da música caipira, foi levantada por Paulo Freire no livro “Eu nasci naquela serra” (1996), no qual registra a vida de Angelino de Oliveira, Raul

Torres e Serrinha, compositores que deram grande contribuição à música caipira com seus clássicos entoados por gerações. Osni, como outros violeiros da “Cidade dos Bons Ares”, mantém viva a tradição da música caipira em sua comunidade. Num dos formatos de suas apresentações, toca ao lado do virtuoso **Rubens Brito**, também de Botucatu, engenheiro agrônomo que atua nos setores agrícolas falando da importância da música e da cultura caipira paulista às pessoas que atuam nos setores agrícolas.

Cacique e Pajé, dupla veterana de violeiros que influenciou muitas gerações. Com belas letras e melodias bem executadas em duas violas Rozini feitas especialmente para eles em formato de remo indígena, estão presentes em todos os encontros de violeiros não só artísticos, mas também os de caráter político, nos quais se discutem diretrizes do movimento dos violeiros. A dupla foi homenageada na “II Feira Nacional da Reforma Agrária” pelo MST devido à sua importância política na música caipira. Cacique faleceu em 2019, mas seu parceiro, o Pajé, convidou seu irmão Sebastião Dorival da Silva para integrar a dupla com o nome de Cacique. A homenagem ao antigo “chefe” permanece e o repertório de Cacique e Pajé continua a tocar.

Craveiro e Cravinho, dois irmãos e vizinhos do Bairro Piracicamirim, em Piracicaba, influenciaram outras gerações também. Depois que os conheci em Piracicaba, passei a frequentar a casa de Craveiro para tocar viola, tomar café e ouvir muitas histórias dos “circos de tiro”, expressão que Craveiro emprega para definir os circos de rápida passagem nas cidades com o intuito de efetuar apresentações musicais. Craveiro é pai dos irmãos que compõem a dupla César e Paulinho.

Lourenço e Lourival também foi uma das duplas que frequentou uma das edições dos encontros em que estivemos presentes. Filhos de lavradores da região de Ribeirão Preto, representam um, entre muitos, casos de jovens artistas que abandonam a enxada para se dedicarem à realização do sonho artístico.

Liu e Léu, também frequentaram uma das edições de encontros em que esteve presente um ano antes de Lincoln (Liu) falecer. Provenientes da zona rural de Itajobi, cidade dos irmãos Vieira e Vieirinha, na região de Catanduva. Também influenciadora de várias gerações de artistas, essa dupla se apresentou em circos pelo estado de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás e Mato Grosso.

Índio Cachoeira é considerado um gigante que frequentou muitos encontros de violeiros com extrema simpatia. Tivemos o prazer de conhecer esse artista por intermédio de Ricardo Vignini, que além de reconhecido violeiro, é produtor fonográfico. Produziu dois CDs de Cachoeira cujo talento é unanimidade entre grandes artistas. Infelizmente esse grande artista veio a falecer por conta de um atropelamento em Juiz de Fora (MG). Além de exímio violeiro, Cachoeira era artesão e fazia seus instrumentos com que tocava em shows e gravava seus discos.

Ricardo Vignini é um violeiro que conhecemos no início dos anos 2000 desde a gravação da coletânea Moda Nova, de que participamos juntos. Vignini é um pesquisador de timbres e de recursos tecnológicos com que mostra para o mundo, em sua carreira internacional, que um instrumento, cuja associação se faz com o imaginário rural, também se utiliza para tocar rock e blues. Isso não o distancia de músicas que remetem ao próprio universo vinculado à cultura caipira. Ricardo Vignini, que mora em São Paulo, também toca com o mineiro **Zé Helder** num projeto chamado Moda de Rock. Ambos são integrantes do grupo **Matuto Moderno**.

Zeca Collares é um violeiro do norte de Minas Gerais, da região do Vale do Jequitinhonha, que está radicado no interior paulista há mais de vinte anos compondo, gravando seus discos artesanais e dando aulas de viola. Depois de anos morando em Marília, Zeca reside em Sorocaba desde 2006 e ministra aulas no Conservatório Musical de Tatuí. Sua música, nitidamente influenciada pelas vivências culturais de seu estado natal, trazem muita diversidade na cena da viola paulista hoje. Além de presente músico em todas as edições do Caipirapuru, é um dos produtores ao lado

de Júlio Santin e de outros nomes que organizam o encontro no oeste paulista.

Júlio Santin é um violeiro singular que nasceu na Alta Paulista. Compõe e toca uma música que muita gente não tem mais a noção de que exista. A música paulista que dialoga com a fronteira com o Mato Grosso do Sul. O fato de Júlio Santin ser de Irapuru e ter estudado medicina em Campo Grande (MS) pode ter sido um dos grandes pilares na sua formação musical, mas sua apurada técnica de tocar escorregando os dedos horizontalmente no braço da viola para executar músicas dançantes dos antigos bailes caipiras é um diferencial que coloca esse artista em patamar diferenciado no rico quadro da diversidade da viola paulista.

À frente de um dos mais importantes encontros de violeiros do Brasil, o Caipirapuru, o médico violeiro toca ao lado dos grandes artistas já mencionados neste trabalho, além de parcerias no exterior, ao lado das quais fez várias turnês pela Europa.

Uma música de sua autoria, chamada “Festa do milho”, de seu primeiro CD (“Sentimento matuto”), é um rastapé que remete bem aos ritmos das festas rurais. Júlio Santin também esteve nos encontros “Violas e Ponteios”, no “Violas Paulistas” do Sesc Pompeia, (2011), na edição do Violas e Ponteios em Santa Fé do Sul (SP) em 2011, no Encontro Nacional de Violeiros em São Paulo (2014) e na Feira Nacional da Reforma Agrária (2015), no Parque da Água Branca na Capital paulista também. O principal instrumento que Júlio toca é uma viola confeccionada por ele mesmo, uma JS.

Ivan Vilela é um dos principais divulgadores da cultura e da música ligada à viola no Brasil e em outros países. Mineiro que, como muitos violeiros, já tinha conhecimentos em violão, mas encontrou na viola o instrumento que seria parte de sua identidade artística. Fez palestra marcante numa das edições do encontro “Violeira”, de Votorantim, já como docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. É um artista que pode fazer um grande espetáculo num teatro, para uma

requintada plateia, como pode parar o comércio de uma cidade tocando numa praça pública, como fez na cidade de Jaú, quando participou de uma das edições do “Festival caipira” naquela cidade. Na comunidade de violeiros, Ivan é respeitado não somente como um virtuoso compositor, arranjador e maestro, mas também como o cientista que abre caminhos nos fechados espaços das universidades que, muitas vezes, desconhecem a diversidade e a grandeza da cultura musical que se atrela à viola. Além de professor, escritor e produtor fonográfico, é um dos importantes acadêmicos ligados ao projeto ATLAS (Atlântico Sensível), que atrela diferentes universidades do mundo num mapeamento da música lusófona na Europa, América, África e Ásia.

Arnaldo Freitas é um dos nomes mais expressivos da viola instrumental no país. Saiu jovem de Echaporã, na região de Marília, para estudar viola na Universidade Livre de Música, na capital, e participar do projeto Orquestra Paulistana de Viola Caipira e, em seguida, integrar o corpo de artistas contratado pela TV Cultura para acompanhar Inezita Barroso no programa “Viola minha Viola”. Premiado em festivais de viola como instrumentista, esse violeiro é bastante querido por sua simplicidade e simpatia. Atualmente faz concertos e divulga faces da viola, técnicas de ponteio e pessoas ligadas à viola em seu canal do YouTube .

Wilson Teixeira é violeiro de Avaré que, embora tenha grande conhecimento da música e da cultura caipira, tem trabalho autoral que dialoga com outras vertentes da Música Popular Brasileira. Atuante em festivais de música, Wilson acumula alguns prêmios que mostram a aceitação de seu trabalho. Geralmente toca acompanhado de banda com baixo e bateria. Num dos encontros tocou também ao lado de **Rodrigo Zanc** e **Claudio Lacerda** num show que reinterpreta clássicos da música popular que remete à vida rural.

Toninho e Paraná integram dupla de bairro quase na zona rural em Piracicaba. Toninho Pais é o violeiro e Paraná toca violão. Em toda apresentação da dupla, Toninho executa o “Hino Nacional Brasileiro” de

modo a impressionar os ouvintes. Mas a especialidade dele realmente é acompanhar os canturiões do Cururu de Piracicaba.

Rafael Pinheiro e Dorinha formam um casal de Piracaia e passam os conhecimentos das tradições ligadas à viola para filhos, netos e amigos. Encabeçam um grupo de Catira, um grupo grande de dança de São Gonçalo e uma congada maior ainda. Rafael conta que as tradições da viola estão ligadas à família há mais de cem anos

Seu Oliveira e Edson Fontes são pai e filho que tocam viola, cantam e dançam no grupo Os Favoritos da Catira em Guarulhos. Além dessa catira, a família também encabeça uma folia de “Santos” Reis. O plural de “Santos”, segundo Edson, se deve ao fato de serem “três” Reis Magos. Edson também atua como um dos vocalistas e catireiros do grupo Matuto Moderno.

Rafael Danelon é um jovem violeiro de Piracicaba, que atua como professor de viola. Entre seus mais de noventa alunos por semana, encontram-se também pessoas que atuam como professores em outras cidade. É regente de um projeto de orquestra de viola na cidade de São Pedro com o qual pessoas de distintas idade são “inclusas” no meio da viola. Rafael é destaque de um projeto musical organizado pela Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Braz da Viola é um mineiro que se radicou muitos anos no estado de São Paulo. Quando morou em São Francisco Xavier, organizou e regeu um projeto de orquestra com crianças: a Orquestrinha São Xico. Nessa cidade, também organizava um curso em formato de imersão, no qual o aluno já se hospedava na cidade para estudar no chamado “Viola nas Montanhas”. Depois que se mudou para Penedo, no Rio de Janeiro, manteve as edições do curso. Possui métodos de viola conhecidos e citados em trabalhos científicos, com destaque para o “A Viola Caipira – Técnicas para ponteio” (Ricordi, 1992) e “Manual do Violeiro” (Ricordi, 1999). Além de exímio mestre formador de violeiros, Braz é luthier minucioso nos detalhes da marchetaria, dos timbres, da expansão dos sons

da viola. Há mais década, desenvolve corajosas pesquisas que renovaram as concepções acerca da viola de cocho e de possibilidades de tocar esse misterioso instrumento.

Donisete Juvino, também conhecido como Baiano, é um nome muito importante para os violeiros que frequentam o encontro Caipirapuru, encontro liderado pelo violeiro Júlio Santin, na cidade de Irapuru, no oeste paulista. Donisete é um dos principais organizadores do “Encontro de Violeiros da Associação Amigos da Água Funda”. Nesse encontro, que ocorre na região do Jardim Zoológico de São Paulo, também se vive a esperada fusão de artistas mais conhecidos e menos conhecidos em tarde que se inicia com farto almoço e segue com longa apresentação de artistas variados. O Baiano, que é rabequeiro e violeiro, tem uma música muito rica na qual expressa suas influências nordestinas.

Katya Teixeira, embora não se reconheça como “violeira” e sim como “cantadeira” é violeira e violonista, além de grande cantadeira, que está sempre bem acompanhada de exímios violeiros. Figura bastante conhecida nos encontros de violeiros e em shows que faz em diferentes regiões do país e no exterior. Sempre carrega uma viola de cocho com cordas de tripa de animal. Na “II Feira Nacional da Reforma Agrária”, no Parque da Água Branca, concentrou grande números de ouvintes em seu show.

Amir Oliveira é um violeiro e artesão da Cananeia, no sul do litoral paulista. Atua como um dos agentes divulgadoras da cultura litorânea com o Grupo de Fandango Batido de São Gonçalo. Confecciona as violas e rabeças com que toca nos bailes litorâneos as músicas assinadas pela comunidade. A fronteira geográfica que separa as comunidades do Fandango da Cananeia, em São Paulo, e Paranaguá, no Paraná, é um detalhe que não os divide, no dialeto, na maneira de cantar, dançar e tocar segundo Amir. No encontro de luthiers e artesãos do projeto “Violas Paulistas”, realizado no Sesc Pompeia em 2011, esse violeiro e Artesão teve grande destaque quando falou, tocou e cantou com sua viola. Foi

recebido com muito entusiasmo e respeito pelos outros três participantes: Levi Ramiro, Domingos Domingues e Luciano Queiroz.

Milton Araújo é um artista mato-grossense que carrega o peso de ser sobrinho de Helena Meirelles, apelidada de “A Dama da Viola”, e ter feito parte da banda que a acompanhou durante sua agitada carreira depois da fama. Um dos violeiros que toca com afinação “Rio abaixo”, tem características também singulares. Toca somente com Viola Dinâmica, da Del Vecchio, cujo som é bem influenciado pelo tampo de metal. Em suas apresentações fala da cultura musical do Mato Grosso e, em um dos momentos de elevada interação com seu público, sempre faz na viola imitações de sons de pássaros.

Além de uma pluralidade de nomes de grandes artistas que tocam outros instrumentos e estão presentes na cena da viola.

Marcos Azevedo é um violonista bastante disputado no meio dos violeiros para fazer as bases enquanto ocorrem os solos. É um profundo conhecedor de ritmos do Brasil e um militante dessa modalidade de instrumentista com o “violão base”. Sua formação inicial foi de contrabaixista de banda de música gaúcha que tocava em Centros de Tradições Gaúchas pelo país, mas obteve destaque e respeito como ritmista e basista. Foi apresentado à comunidade de violeiros por Milton Araújo, mas é o primeiro nome de basista solicitado por Levi Ramiro, por Júlio Santin e por muitos violeiros que conhecem seu trabalho.

Guê Oliveira é uma percussionista mineira de Belo Horizonte, mas morou muitos anos num assentamento do MST na região de Ribeirão Preto. Também é bastante requisitada com seu pandeiro e outros tambores para enriquecer a sonoridade de shows nos encontros de que participa. Respeitada não somente como percussionista, mas também como produtora nos registros fonográficos do MST dos quais participam alguns artistas desse nicho quando convidados por ela. Sua singularidade está no exemplo ativo de mulher que é quando toca com muita firmeza seus instrumentos marcados por muita riqueza musical.

Thadeu Romano é um acordeonista cujo trabalho também é bem respeitado na comunidade de violeiros. Também é uma figura bastante presente no Caipirapuru, encontro de que participa há vários anos ao lado de outros nomes sempre presentes. Nascido em Campinas, mas radicado na Capital, é compositor e arranjador. Toca em espaços variados na divulgação de seu álbum “Da reza à Festa” fazendo shows, além de incontáveis participações em programas de televisão. É um artista que só faz enriquecer o espaço por onde passa.

Piza é o baterista que iniciou o projeto do trio Tamoyo e gravou o álbum “Os parceiros do rio Feio”. Formado em Música Popular pela Universidade Estadual de Campinas, acumulou passagem por incontáveis bandas de alunos do curso de música com os quais gravou trabalhos interessantes, destacando o Meretrio e o Quis. Afastou-se do Tamoyo para fazer mestrado em música na Áustria. Já foi solicitado para tocar num projeto musical cujo nome era “Baile rural” com Júlio Santin, Milton Araújo, Thadeu Romano e Marcos Azevedo num dos encontros de que participou.

Otávio Gali é o músico que toca contrabaixo acústico no Tamoyo. Muito estudioso da música, intercala seus horários de atuação como médico com os vários projetos de que faz parte em grupos ou acompanhando artistas em shows e televisão. Além de destaque como instrumentista, seus instrumentos são o próprio destaque. O principal baixo acústico com que toca foi confeccionado em 1911 por um luthier italiano.

Emílio Martins é o baterista que assumiu os mambrafones no trio Tamoyo quando Piza foi para a Áustria. Tem currículo internacional como baterista, percussionista e palestrante, fazendo workshops em países da Europa, Oriente Médio e outras partes do mundo. Pesquisador de ritmos e culturas. Também é figura bastante presente nos chamados eventos, que acabam sendo encontros de músicos e culturas.

O contrabaixista **Tiago Pallone** e o baterista **Adelino Costa** participaram de alguns dos encontros substituindo Gali ou Emílio Martins em apresentações do Tamoyo.

Paulinho do Pandeiro participa do Caipirapuru há mais de dez anos e presente no encontro da “Água Funda”. Além de grande instrumentista, Paulinho faz os instrumentos com que toca nos encontros, destacando aqui os “cajons” e os próprios pandeiros. Morador de Campinas, mas sempre visita a família em Pirajuí, na região de Bauru.

Carlinhos Ferreira é percussionista que morou mais de vinte anos em Belo Horizonte, mas agora reside em São Paulo e toca em vários projetos ao lado de artistas desse nicho da música tocada com viola no estado de São Paulo. Pesquisador de ritmos, sempre carrega um “set” de instrumentos etnomusicais singulares. É um nome de respeito na cena da viola.

Representando não um sujeito único, mas uma coletividade, destacamos alguns grupos de folgedos e orquestras de violeiros que também se fazem presentes nesse cenário e que, de certo modo, já escrevemos sobre alguns de seus integrantes: **Os Favoritos da Catira**, de Guarulhos, **Catira Mirim de Votorantim**, **Catira de Piracaia**, **Dança de São Gonçalo de Piracaia**, **Caiapó de São José do Rio Pardo**, **Catira de Serra Negra**, **Romaria de São Gonçalo**, de Iporanga, **Folia de Reis da Vila Formosa**, de Sorocaba, **Congada e Moçambique de Guaratinguetá**, **Batuque de Umbigada de Piracicaba**, **Tietê e Capivari**, **Catira de Dois Córregos**, **Cururu de Piracicaba**, **Cururu de Sorocaba**, **Catira de Catanduva**, **Grupo de Fandango de São Gonçalo**, **Grupo de Fandango de São Paulo Bagre** e muitos outros incontáveis.

Para Sant’Anna (2000):

“Integrações diversificadas e Diversidades integradas, isto é, de certo modo a fotografia etnocultural do Brasil. Do cruzamento radical de nações aborígenes e peninsulares, no princípio, resultaram marcas de cosmogonia, uma morfologia embrionária de encontros míticos.”

2.2 - O Caipirapuru

Das caravelas portuguesas, passando pelas mãos dos jesuítas, pelas Bandeiras, pelo tropeirismo, pelas mãos do rústico camponês, nas

efervescentes fazendas de café, do impulso de Cornélio Pires, no espaço urbano, por toda a memória do campo registrada nos discos, chegando a Léo Canhoto e Robertinho, pouco presente no Sertanejo elétrico e reavivada pelas últimas gerações de artistas que “fazem corrente com a viola na frente”, nota-se nítida a ligação com o passado evidenciando remanescência e diversidade. Salientam-se filtros científicos, com vieses históricos para traçar essa trajetória acima, sociológicos para descrever a presença do violeiro e da viola na representação do trabalho quando canta seu cotidiano, nas temáticas românticas do indivíduo ou lúdicas dos folguedos. Da mesma forma, a antropologia se debruça sobre esta comunidade caipira para estudar a presença da viola nos ritos religiosos, de trabalho e festivos. O viés econômico se permitiria empregar no presente estudo depois da revolucionária ação de Cornélio Pires quando abriu a relação existente entre os cantadores e tocadores de viola e o milionário filão da indústria fonográfica, mas valemo-nos de ouvir as vozes de violeiros e agentes da cultura caipira que, “nos encontros míticos” nos últimos anos.

Do Caipirapuru de 2015, colhemos algumas narrativas breves, que, subjetivamente, registram o que representa estar presente nesse encontro. Não somente violeiros, mas também técnico audiovisual, artesãos, organizadores, cada um deixa uma marca acerca do que representa esse evento que ultrapassa público de dez mil pessoas por noite segundo os próprios organizadores.

Donisete Jovino, o Baiano, diz: “Há muitos anos eu participo dessa festa popular, desse movimento que chamamos de caipira. Há muitos anos que participo e é uma coisa maravilhosa, um encontro maravilhoso, trazendo assim a música raiz, a viola, a poesia, trazendo poemas daqui da região. Não sou daqui, mas esse é o nono ano de que participo. Toco rabeca, viola, canto. Estamos aqui em defesa da nossa cultura, nossa cultura da terra. Essa coisa não pode morrer. Tem de estar no nosso dia a dia.”

Para Jovino, essa movimentação do Caipirapuru representa a defesa da cultura e expressão da terra, o que podemos entender como expressão do povo.

Júlio Santin, principal articulador do festival, faz colocações esclarecedoras: “No Caipirapuru 2015, são quinze anos de história. É uma festa de preservação da cultura caipira em todas as vertentes. A viola caipira, a culinária, os costumes do caipira, como o jeito de falar que a gente traz. Esse festival se formou com um núcleo central que hoje voltou a se reunir aqui nessa escola. É um núcleo de pessoas que começaram a se juntar aqui na cidade. Tive o privilégio de conhecer uma dupla daqui que é o M. Oliveira e o Edinho, de uma família de fundadores da cidade. A gente tinha o hábito de tocar viola nas casas e depois a gente foi pra praça. Virou um encontro de violeiros e cantadores que foi ficando grande. No quinto ano, esse encontro estava tão grande que nós propusemos fazer uma festa pra cidade. Desenvolvemos várias entidades e virou o Caipirapuru. Nessa época, em 2004, desenvolvemos uma associação, a Associação Cultural Caipirapuru porque nós sentimos a necessidade de uma organização pra dar nome para esse núcleo central que hoje a gente chama de ‘anciões’ aqui da festa. E não são só violeiros. Tem gente que cozinha, tem o Índio, que é um técnico de som que fica no palco recebendo os amigos... Várias pessoas foram se juntando vindas de várias cidades do estado de São Paulo e de outros estados, e o festival foi se fortificando como se fosse um átomo. Passamos por muitas dificuldades nesses quinze anos. Passamos por três, quatro administrações aqui na cidade. Sempre sem recurso, mas com a unidade que a música nos dá, que a arte nos dá e é o que a gente vive. Então isso faz a gente romper com qualquer dificuldade e estar tocando nos fortalece. O Caipirapuru acontece sempre na última semana do ano. Sempre com esse núcleo básico. Vão chegando novos amigos, que vêm pra cá, mostrando seu trabalho, ficam os dias aqui. Não é um festival com premiação, é um festival de mostra. É sempre legal encontrar um amigo que tocou junto dois, três anos antes e trocar informações, tipo, estou com um disco novo, estou gravando isso, estou fazendo essa música, acabam tocando juntos e isso acaba indo para o palco e acaba criando a

expectativa na platéia. Isso já tem quinze anos. Temos um público formado, que vai com chuva, com sol, ver a gente tocar. Todo mundo sabe que vai ter uma surpresa, que acontece (antes) aqui (na escola sede). Ontem mesmo a gente combinou: ‘vamos fazer uma roda’, eu, o Zeca (Collares) e o Luciano (Queiroz). De repente, chegou o Paulinho (do Pandeiro) com o pandeirinho dele... Mudamos tudo, mudamos repertório. Quando subimos no palco, puta clima, puta de um astral aqui na festa, por conta disso, (de) a gente sentar e mostrar a nossa arte, que é o que move a gente.”

Para Júlio Santin, fazer parte do corpo de organizadores significa, entre outras coisas, reunir milhares de pessoas e buscar abertura de caminhos de mostrar a arte que move sua gente. Esse resultado esse artista e produtor conseguiu.

Índio Tinta, técnico audiovisual e cozinheiro também fala: “Oi, sou o Índio, de Presidente Prudente, participo do Caipirapuru há 15 anos. Participo desse grupo maravilhoso de viola e participo também trazendo um pouco da minha cultura, trazendo um pouco das coisas que eu faço. Trago mocotó pra gente comer, pra gente saborear junto e também uma cachaça artesanal, curtida em quarenta e duas raízes, quarenta e dois dias descansando numa mata, para as pessoas se servirem e se sentirem bem. É com isso que eu tento alegrar os músicos e as pessoas que participam do Caipirapuru. Há quinze anos venho fazendo essa parceria e me sinto muito bem. Trago sempre minha cachaça artesanal, curtida com 42 raízes, descansada 42 dias na mata. Comecei trazer o mocotó pro pessoal e trazia um pouquinho da cachaça pra abrir o apetite do pessoal. A pedido dos violeiros, do Levi Ramiro, do Júlio Santin e de outros violeiros, comecei trazer a cachaça em volume maior. Ela é produzida artesanalmente com cana caiana com cana vinagre, fica num garrafão com 42 raízes, fechada, debaixo de uma mina de água, 42 dias num lugar fresco assentada ali. Depois de 42 dias eu retiro ela dali, 15 minutos antes da meia-noite. Levo pra casa e, no outro dia, lavo o garrafão, tiro o lacre, espero o sol ficar a pino para embalar. É todo um ritual que aprendi fazer com a minha mãe,

que era índia. E assim eu trago para os amigos, que têm gostado muito. Quem quiser provar, é só procurar o Velho Índio”.

Para o Índio Tinta, compartilhar sua gastronomia ultra respeitada e sua cachaça preparada com viés das benfeitorias geradas pelas ervas indígenas é parte do orgulho que o coloca em participação de destaque da festa. Observamos mais uma vez que esse participante é técnico audiovisual, que cuida da regulação do som que sai das caixas para o público.

Luciano Queiroz declara: “Sou conhecido principalmente com a fabricação de instrumento musical, fabricação de viola caipira. Faço toda a linha de instrumentos de cordas dedilhadas, que a gente chama de violão, bandolim, cavaquinho, mas eu sou conhecido principalmente no meio da viola caipira. Comecei a fazer isso mais de quinze anos atrás e, no começo deste ano de 2015, fez dez anos que abandonei minha profissão de faculdade e formatura, sou zootecnista, para me dedicar exclusivamente à fabricação de instrumento musical. Em 2007, conheci o Júlio Santin pela internet, comecei a trocar ideia com ele e, nesse ano, vim para o Caipirapuru pela primeira vez. De lá para cá venho todos os anos, sem falhar nenhuma vez, graças a Deus. Aqui encontrei uma coisa que eu nunca tinha visto em nenhum lugar. O Caipirapuru é um evento em que os músicos vão para a praça se apresentar para o público à noite. Mas o que me encantou mesmo foi esse encontro que acontece aqui fora dos palcos, nos bastidores, essa troca de cultura, essa troca de cultura, essa troca de energia, troca de conhecimento. Aqui não tem competição. Aqui ninguém quer derrubar ninguém. É um grande grupo que está disposto a levantar o nome da viola caipira. Já tem um tempinho que eu venho ajudando na organização, do jeito que a gente pode. A ideia é sempre preservar a viola caipira enquanto instrumento, enquanto cultura, enquanto instrumento de cultura, pra gente preservar nossas origens e o que a gente acredita realmente. É difícil fazer o poder público entender essa nossa luta, mas a gente tenta ser incansável. Depois a gente descansa e volta com a ideia de preservar sempre essa coisa, mas não é porque se trata de viola caipira

que a música tem que ser caipira. Aqui já passou rock, blues, MPB, uma série de coisas tocadas com viola. A ideia nossa é o foco na viola. Se tem a viola, é lógico, tem o caipira por trás, tá tudo junto, tudo ligado. A gente nunca sabe onde termina um e onde começa outro.”

Luciano Queiroz, que tem destaque neste estudo como luthier, destaca a importância da troca de experiências como uma das mais salientes representações do encontro Caipirapuru.

Minerlin (Felinto Santos) vincula o festival a ações políticas: “O Caipirapuru é uma das trincheiras onde se reúnem violeiros, violeiras, cantadores, poetas, gente que gosta de umas das melhores coisas do mundo, que zelar e continuar cultivando a nossa cultura caipira. A cultura caipira paulista está muito presente até em outras regiões, mas aqui nesta região do estado de São Paulo sofre com a intervenção de uma propositiva musical chamada Sertanejo Universitário a partir de um subproduto da indústria cultural que é essa música plástica, digitalizada, que não preza pela letra, não preza pela poesia, não preza pela diversidade de sons. Realizar o Caipirapuru em sua décima quinta edição é dar continuidade ao que nós temos de melhor ainda na cultura camponesa, na cultura do campo, na cultura raiz, que é a cultura caipira. Que tem como instrumento de trabalho principal a viola de dez cordas, a viola caipira, viola de arame. Aqui, nesta cidade, as pessoas têm se esforçado para reunir a violeirada de várias partes do Brasil pra se juntar, entre o Natal e o Ano Novo, e partilhar o que tem de melhor em suas produções. Faz parte de um trabalho maior que inúmeras pessoas tem feito no Brasil. Em cada cantinho desse Brasil, tem gente fazendo movimentação de viola, fazendo mutirão de cantoria, fazendo encontros de violeiros, fazendo oficinas, fazendo ensinamentos de viola, zelando das Folias, zelando das Congadas, zelando dos Moçambiques, das danças de Umbigada. Lá no nordeste, zelando dos repentistas, das batalhas de repentistas. No Brasil está muito fértil, para nós, dar seguimento a esses trabalhos. São Paulo tem várias iniciativas feitas nesse sentido. Tem vários circuitos, nas escolas, em CEUs (na capital). O próprio MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no seu

setor de cultura tem dado sua contribuição reunindo a violeirada em seus eventos, promovido encontro de violeiros, para dar seguimento, para dar continuidade. Eu sou bastante otimista. Tenho dedicado nos últimos anos um trabalho de ser assim um zelador dessa cultura e do que se tem produzido e ativar a linha de composição de continuar à altura dos grandes poetas e compositores das grandes obras da música caipira. Hoje temos grandes letristas de uma geração anterior que são excelentes, como o Zé Mulato, que já esteve aqui no Caipirapuru. Então nós temos que ir cada vez mais pras escolas, trazer a música caipira, a moda de viola, trazer o folclore. Folclore... não gosto dessa palavra. Trazer o cancionário regional, trazer toda a produção artística das folias, das congadas, dos brincantes, das danças, dos sapateados, que é o catira, pra ensinar nas escolas, pra dar continuidade com as crianças, porque as crianças, hoje, amanhãzinha mesmo, já são a juventude. Se nós não ensinarmos quando criança, eles continuarão reproduzindo o que tem de pior, de mais plástico e nocivo, que é esse subproduto da indústria cultural. Se nós não dermos nossa parcela de contribuição, como estamos dando aqui no Caipirapuru, nós pagaremos um preço, nós mesmos, de não termos botado a mão na massa e a partir das crianças termos ensinado a gostar do que é bom.”

Silvana Carneiro, organizadora, fala dos primórdios do encontro: “Vim conhecer o Caipirapuru em sua terceira edição e, a partir do quarto em já participei da coordenação. Estamos na décima quinta edição e a gente fica o ano todo pensando nessa festa, eu o considero uma festa importantíssima tanto para a cultura nossa quanto para essa reunião de interação entre os músicos, com uma troca de informações que acaba sendo muito rica. Também a apresentação na praça, a festa as apresentações, a culinária, o artesanato acabam sendo uma festa muito importante, que a gente tenta levar para outros lugares também. É uma festa de resistência, de muita luta, mas é muito importante que isso continue e que se fortaleça cada vez mais. Com pessoas se engajando nessa luta para que se fortaleça a cada ano.”

Rainer Brito: “Minha relação com o Caipirapuru começou inesperadamente. Eu era um jovem violeiro que não alçava nenhum tipo de relação profissional com a viola. Até que eu conheci o Júlio Santin, o Zeca Collares, o Levi Ramiro, o Milton Araújo. Fui convidado a comparecer à festa e, de repente, não parei mais. Isso foi em 2008. O que me deixa feliz toda vez que venho pra cá e, pelo menos, me tira um pouco da angústia de estar envolvido com uma questão acadêmica sobre viola é que o Caipirapuru tem muito mais do que a gente consegue produzir na academia sobre cultura popular e sobre viola. O Caipirapuru é muito mais rico, muito mais complexo do que a gente pode imaginar. Aqui as coisas acontecem inesperadamente e, no fim, são muito mais potentes do que a gente previa. Eu falo como violeiro e como pesquisador, devo muito ao Caipirapuru por desenvolver muitas frustrações que não seriam boas se tivessem continuado na minha carreira acadêmica e intelectual e mesmo de viola e por ter energizado muitas esperanças que quase morreram, mas que em todo fim de ano, de alguma forma, eram reativadas pelo simples encontro com os amigos e ouvir as pessoas tocarem de jeitos que eu não era capaz e nunca serei capaz de tocar. Eu acho que o mais legal do Caipirapuru é isso. É ver que existem outros meios de lidar com a viola que você nunca será apto a fazer aquilo. É por isso que você tem que ser amigo e preservar essas pessoas perto de você porque a diversidade não está aí para ser incorporada e sim para ser cultivada”

Zeca Collares: “Estou há catorze anos participando do Caipirapuru e eu vejo aqui um movimento de resistência da cultura caipira porque aqui a gente prioriza isso: a música, a culinária, a dança, os costumes de forma geral. E a gente percebe como isso é muito presente na alma do povo brasileiro. Nós somos um povo de origem caipira. Quem não tem o pé no mato ou não carrega dentro de si? Mesmo que seja uma pessoa que tenha nascido e criado na cidade, longe dos costumes caipiras, mas ele teve o avô, teve sempre alguém ou a própria culinária que, quando você prova algo, bota na boca, isso te remete à sua essência, às suas raízes. O Caipirapuru é isso. Há catorze anos participo como mentor, como organizador das ações que a gente toma. Acho de importância incrível

porque a gente traz à luz, para um grande público que a gente foi formando ao longo desses anos de até quinze mil pessoas nos três dias de festa, a música e a cultura do caipira para pessoas de culturas diversificadas e até de fora do país. A gente pode fundir isso através da música, da dança, da culinária essa coisa do caipira, que é extremamente importante e necessária para a identidade de um povo. No Caipirapuru é um movimento em que a gente deixa aflorar essa identidade do povo brasileiro. O legal que a gente percebe essa coisa do caipira, do mutirão, do compartilhamento, do solidário, é que, nesses quinze anos, nunca teve uma briga, como se se diz na roça, nunca teve uma desavença. Ser caipira não é só tocar viola e fumar o cigarro de palha. É ser verdadeiro, ser humano, ser solidário, é dividir o que você tem com o outro. Isso é muito importante a gente ver como que isso acontece. Outra coisa bacana é que aqui não tem estrelismo. O violeiro que tem dez discos gravados ou que já tocou no mundo inteiro vai tocar aqui com o tiozinho que nunca saiu daqui. Ele vai para o palco tocar e compartilhar isso, essa viola. Aqui todo mundo é igual. Não tem isso aqui. Eu sou famoso ou toco em programa de televisão, enfim, eu vou ser tratado com diferencial? Não! Não existe isso aqui. Ele sobe no palco e é igual ao tiozinho que sobe no palco e toca uma vez por ano no Caipirapuru. Por isso que todo mundo aqui se sente acolhido, não diferença, não tem uma estrela. É isso que a gente preza e é isso que a gente prega dentro da cultura caipira.”

Posterior à edição de 2015, após quinze anos de existência, a Associação Caipirapuru decidiu encerrar as atividades e suspender a realização do Festival por várias razões. Destacamos aqui as dificuldades para obtenção de recursos mínimos para sua realização. Lembramos que todos os artistas tocaram sem recebimento de cachê artístico, somente ajuda de custos para transporte. Todos se acomodavam em alojamento solidário e coletivo e todos participaram pela oportunidade de encontrar outros artistas e produtores que também estavam presentes à busca de uma previsível experiência de enriquecimento cultural. Havia sempre uma tentativa de políticos locais tentarem usar o Caipirapuru como instrumento de eleição, entretanto os organizadores dificultavam o acesso ao palco e

aos microfones com essa finalidade eleitoreira. Muitas das edições foram custeadas com verbas alheias ao município, obtidas por parcerias, editais, doações. O corpo de organizadores, que era predominantemente de fora da cidade, salvo Júlio Santin, que é nativo de Irapuru, mas atua em São Paulo como médico, decidiu se afastar da festa. As lideranças políticas locais, que durante anos tentou tirar os proveitos desse grande ajuntamento de pessoas, passaram a administrar um evento totalmente fora dos propósitos que sustentaram o Caipirapuru durante quinze anos. A grande maioria dos violeiros que frequentou o festival até 2015 se afastou do atual evento, com exceção de poucos oportunistas que têm aceitado tocar na festa com cachês cujos valores nunca se pagaram enquanto a Associação Caipirapuru organizou o evento.

Todos os artistas e produtores que se afastaram e os que continuaram a frequentar o evento têm consciência da tentativa de seu aparelhamento com fins eleitoreiros.

Em depoimento pessoal, Júlio Santin reconhece hoje necessidade de articulação de novo encontro de caráter festivo sem perder a reafirmação da identidade caipira do grupo reiterando o discurso e a busca de políticas públicas de fortaleçam o movimento. Outros integrantes do corpo da organização também têm se articulado com a mesma finalidade de Júlio Santin. Há uma constante relação presente e viva entre tais pessoas. Afastar-se da organização do Caipirapuru não tem representado fraqueza do movimento. É um recuo para um passo mais largo e firme.

2.3 - O Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira

No ano seguinte, em 2016, uma parcela dos artistas que compuseram o corpo de artistas do Caipirapuru seguiu para Brasília num encontro de proporção nacional, realizado pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), com produção da Associação Nacional de Violeiros do Brasil. Essa parcela que saiu de São Paulo reuniu-se com outros artistas, produtores musicais, pesquisadores e outros agentes ligados à música

tocada com viola caipira em três dias. Aconteceu a segunda etapa do Seminário Nacional Funarte da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira, de 23 a 25 de janeiro daquele ano. A programação tinha como intuito fomentar a viola por meio de discussões, palestras, plenárias e momentos artísticos. Nos dois primeiros dias, a sede do evento foi uma pousada na zona rural, mas a proposta do grupo, tirada e escrita depois de realização de plenária no terceiro, foi entregue a autoridades do setor de cultura na sala Cassia Eller, da FUNARTE em Brasília. Colhemos alguns depoimentos de participantes que também deixam marcas subjetivas em suas impressões:

Jéssica Soares, jovem violeira de Belo Horizonte declarou: “Toco viola há quatro anos. Comecei a tocar viola muito por influência do meu pai, que é do interior. Cresci ouvindo música caipira e quis seguir pra esse lado da viola e continuar tocando. Mas, nos últimos tempos, eu saí um pouquinho do caipira e tenho tocado mais pra viola brasileira, uma música instrumental. Meu repertório é um pouco misturado. Gosto de tocar um pouco de tudo. Está muito bom esta aqui nesse seminário, porque estou no meio de grandes violeiros, com gente que eu cresci ouvindo e isso para mim está sendo muito bom.”

Observamos aqui que essa característica de aprendizado por meio da convivência entre violeiros consagrados e jovens artistas também foi identificada no Caipirapuru. Essa, aliás, é uma característica presente em todos os encontros que são organizados por essa comunidade.

Wilson Dias, do Vale do Jequitinhonha, mais precisamente da cidade Olhos D'Água, no norte mineiro, afirma: “Para mim é uma grande alegria estar aqui neste Seminário Nacional Da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira buscando possibilidades, para que a gente consiga inserir esse instrumento tão importante para a cultura brasileira nesse universo lindo chamado Cultura Popular”

Vinícius Morimoto, de Maringá, no Paraná, diz: “Apesar de não ter muita cara de caipira, a paixão pela viola surgiu de forma inesperada.

Sempre toquei violão e sempre gostei de rock, e ainda gosto, mas a partir do momento em que eu conheci a viola e seu repertório, não consegui mais (me) desvincular (disso) e hoje minha vida é toda voltada a isso, a cultura caipira e é por isso que eu estou feliz e lisonjeado de estar no meio do pessoal aqui. Então não tenho nada a dizer. Viola caipira é minha vida. Lá em Maringá leciono. Tenho uns quarenta e cinco violeiros que acreditam no meu trabalho. Tenho um grupo de violas com eles e toco com um trio que é totalmente voltado para a música caipira. São três violas e três vozes que é o trio Alma Cabocla. Tenho minha vida voltada a eles”

Nesse seminário nacional, não estavam presentes somente músicos.

O radialista **Miguel Cezáio**, de Jaciara, no Mato Grosso, relata experiência de realizar anualmente um grande encontro de violeiras.

Diz primeiro: “é um prazer muito grande estar conhecendo pessoas desse grande Brasil com esse mesmo intuito de falar sobre a importância de estarmos unidos para levarmos uma viola de melhor qualidade e estarmos mostrando para esse Brasil e para o mundo o valor, a importância e a beleza da música caipira. E nós temos pelo Brasil vários encontros de violeiros e não temos o apoio que o governo deveria nos dar, a mídia deveria dar. Estamos trabalhando com pessoas valorosas como vocês que estão aqui neste encontro para nos ajudar, para estarmos unidos e levando para o Brasil essa beleza. Eu fiz em Mato Grosso um encontro nacional de viola caipira feminina que foi um sucesso. Não foi fácil, fizemos o primeiro estamos com dificuldade pra fazer o segundo apesar de toda a beleza daquele encontro. Nós fizemos também o encontro de violeiros no Poxoréu, em Barra do Garça, em Dom Aquino, em Campo Verde, em Cuiabá, Tesouro, em várias cidades. Nós temos que sair mendigando com um pratinho na mão pra conseguir recursos pra fazer esses encontros. Eu gostaria que a partir desse nosso encontro aqui em Brasília nós tivéssemos um pouquinho de apoio para não sofrermos tanto, pra não sermos tão humilhados quando queremos mostrar a beleza e unirmos as pessoas que trabalham em prol da viola. Leve esse recado pra São Paulo e onde você estiver, meu amigo”

Tadeu Martins declara: “Eu sou Tadeu Martins, Minas Gerais, estou satisfeito de participar desse Seminário da viola brasileira. Muita coisa interessante está acontecendo aqui, e minha obrigação com a viola vem de muito tempo... São muitos anos... Hoje eu participo ativamente de três grandes projetos de viola em minas gerais que é o ‘Causos de violas das Gerais’ que é um projeto junto com o SESC, percorre Minas há 12 anos. Nós já estivemos em mais de 240 cidades em Minas Gerais, mais de 400 mil pessoas já tiveram a oportunidade de participar do projeto... e tem dois projetos em Belo Horizonte, o ‘Canto e Viola’ no Cine Teatro Brasil, um espaço nobre de Belo Horizonte que apresenta um violeiro por mês em parceria com o companheiro Luis Tropia e, em parceria com o Chico Pereira e tantos outros violeiros, o ‘Carnaviola’, que é um verdadeiro carnaval com música de viola que é feito em Belo Horizonte no período carnavalesco, mas também pode ser feito no Brasil em qualquer época. Eu acho que essa organização dos violeiros, produtores das orquestras de violas, das duplas é interessante para promover esse instrumento que está cada dia crescendo, mas que ainda sofre um certo preconceito da comunidade cultural brasileira. Eu acho que nós temos que buscar patrocinadores para que esse movimento cresça e pra que aja sobretudo um intercâmbio e uma integração maior dos violeiros dos diversos estados e dos eventos de viola. Que a gente crie aí uma rede, aproveite esse movimento pra se criar uma rede, pra promover todos os grandes eventos de viola desse país e de quebra promover todos os grandes violeiros. Esse movimento vai longe porque a viola, o companheiro disse aqui hoje, estamos vivendo o século da viola, e é verdade, a viola está crescendo e vai crescer ainda mais.”

Mais uma vez, os depoimentos denotam ligações entre as ações de valorização das culturas por meio de contato com escolas, atrelando a políticas educacionais o que se pode fazer para vincular novas gerações às suas culturas locais, à valorização da cultura caipira. Observamos aqui que as ações a serem tomadas

Volmi Batista, violeiro que está à frente do Clube da Viola em Brasília, e produtor musical, também faz declaração: “Esse momento é muito importante, partindo inclusive da própria presença das pessoas ligadas ao universo da música e da viola caipira numa interação fabulosa né... as pessoas têm essa oportunidade, são em torno de 80 violeiros e outras pessoas que raramente se encontram, principalmente porque estamos conseguindo reunir aqui pessoas desde Rondônia até Rio Grande do Sul e o debate acaba até se diluindo nesse grande caldeirão de violas e violeiros que está acontecendo, mas o foco do seminário que é a busca de uma política pública, da conquista de uma política pública por meio dos órgãos oficiais é uma coisa séria e que também é muito evidente aqui nesse grupo que está reunido nesse momento aqui em Brasília.

Valdir Verona: “Bom, no Sul a gente está se organizando agora, articulando trabalhos de parcerias com violeiros de lá que tem trabalhos dos mais diversos, assim como a mistura... assim como mexo com ritmos do sul e tem mais gente fazendo isso, uma música litorânea, a milonga misturada com o blues e com slide e assim por diante, uma música mais contemporânea... e também produzindo agora, nesse ano de 2015 que passou eu fiz o primeiro livro, a gente organizou o primeiro livro de ritmos gaúchos, eu voltei a dar aula mais focado, agora, na viola e nesses encontros sempre é bom a gente reencontrar velhos amigos, trocar ideias, voltar com as energias renovadas e também conhecer novos violeiros, afinal de contas esse br é tao grande e tem tanta riqueza.”

Oswaldo Rios, violonista do Paraná, fala sobre sua realidade em seu estado natal: “Faço parte do grupo Viola Quebrada, e a gente desenvolve o trabalho de música caipira, eu toco violão, mas o Rogério Gulin é nosso violeiro e a gente está aqui nessa discussão de caminhos pra viola caipira e caminhos pra desenvolver essa cadeia produtiva da viola caipira. Nesse ponto acho muito importante que essas discussões todas venham a tona e uma coisa muito importante que acontece nesses encontros são justamente os encontros de vários violeiros de vários trabalhos e afinações e ritmos e tal... então estamos felizes.”

Zé Pinto, liderança na formação das novas gerações que atuam com ações culturais no MST, dá depoimento sobre o que representa essa ligação da arte com a política: então e sou Zé Pinto, sou mineiro, toda minha família é mineira e a gente debandou pro rumo do norte, especificamente pra Rondônia na migração dos anos 70, então eu sou filho da agricultura, toda minha família vive na agricultura e eu como cantador, herdei essa herança do meu pai que era cantador que já faleceu, minha mãe também gostava de cantar e eu venho com essa participação aí com a companheirada nos movimentos, nos encontro de violeiro, toda essa coisa que junta a gente que tá comprometido com a cultura brasileira realmente, a gente vem se comprometendo a colocar isso a serviço dessa causa, aí a gente tá, a gente milita nas organizações de luta pela terra, especificamente no MST, na via campestre, e tenta contribuir nessa parte que a gente tem mais facilidade, e escreve e canta e anima esses encontros justamente pra colocar a música e entender que a arte joga um papel fundamental nessa construção desse novo projeto que todo mundo que tem compromisso com o Brasil sonha, nesse combate ao agronegócio, nessa luta a favor da agroecologia... então a gente entende que a música também cumpre esse papel nessa peleja toda aí.”

Outra liderança do MST, de décadas de luta pela terra e pela cultura, muito presente em vários encontros, também organizador do Caipirapuru, articulador pela Associação Nacional dos Violeiros do Brasil, **Minerim** (Felinto Procópio Santos) traz mais esclarecimentos: “Estamos aqui reunidos no Seminário da Cadeia Produtiva da viola, na Pousada Angico, numa oportunidade muito interessante de reunir homens e mulheres de todo o Brasil ligados a essa cadeia produtiva. Caboclos que são montadores de palco, luthiers, violeiros, apresentadores de televisão, apresentadores de rádio, gentes que trabalha com divulgação de internet, homens e mulheres que tem dedicado os últimos vinte anos à viola e ao universo da música caipira. Isso pra gente é importante nesse momento em que se fazem necessários esses ajuntamentos, para debater assuntos pertinentes aos nossos interesses, que muitas vezes cada um de nós, cantadores, cantadoras, ligados ao universo da viola tem feito trabalhos

sozinhos. E essa é uma oportunidade de nós nos apresentarmos a nós mesmos, sobre nossos fazeres. No Brasil inteiro tem acontecido encontros de violeiros por aí sendo realizados, uns com quinze, outros com doze, todos com mais de uma década de existência. É mais do que necessário juntar todas essas atividades artísticas e fazeres culturais para nós podermos ir buscar pressionar o poder público constituído que nos permita acessar essas políticas da cultura, dando garantias a esses produtores culturais e artistas para que acessem essas políticas públicas que dizem respeito à viola, à música caipira e ao universo da música caipira que é bem mais amplo. Então reunir nesse seminário homens e mulheres pra discutir esses assuntos é muito importante. É também uma oportunidade de fazermos a entrega dessas propostas para algumas autoridades eu já confirmaram presença e consolidar esse ajuntamento. Esse seminário para mim é o coroamento desses anos todos de fazeres e de produções no universo de encontros e de seminários e é também um encontro de amadurecimento de nosso setor. Estamos mais plenos, mais tranquilos para podermos falar de nós mesmos e de nossos fazeres. Estou feliz aqui de ver o clima de harmonia, essa maturidade para darmos passos mais largos rumo a nossas conquistas, que é a conquista de cada um de nós e de nós todos.”

Outro menos falante, o que não o torna menos violeiro nesse grande grupo, em poucas palavras, define parte de seu trabalho: “Sou **Rogério Gulin**, nascido em Curitiba em meia um (1961), toco viola desde 78 (1978). Tenho um trabalho de música instrumental de viola e toco nos grupos Viola Quebrada e Terra Sonora, um abraço.”

Rogério Gulin foi um dos destaques do circuito Syngenta e tem um trabalho respeitado não só no estado do Paraná, mas na comunidade nacional de violeiros. Observamos aqui que, em mais de uma vez que tentamos falar com o Índio Cachoeira, ele gostaria de dizer com os dedos todas as notas que tocava sem parar no lugar de palavras que não eram proferidas pelo violeiro. Fazemos aqui o paralelo comparativo entre o artista que toca demais e fala de menos.

Outra representante das mulheres nesse universo em que, aos poucos, elas vão ganhando espaço e são muito respeitadas e acolhidas, **Letícia Leal**, de Belo Horizonte, deixa suas palavras sobre o que representa essa ligação com o instrumento: “Nasci em Teófilo Otoni, em Minas Gerais, e hoje resido em Belo Horizonte. Minha relação com a viola é..., eu comecei ouvindo viola com minha avó, e quando cheguei numa idade e fui pra capital, sou do interior, escutei muita música e ficava ligada nessa questão do interior, aí eu ganhei um CD do Almir Sater e fiquei louca com aquilo. Aí foi quando eu decidi tocar viola, sem deixar minhas raízes, sem deixar aquela questão da viola caipira, do sertão, do sertanejo mesmo. Aí eu comecei a me apoiar nessa viola, quando eu fazia faculdade, sou formada em medicina veterinária, e, longe de casa, longe de pai, longe de mãe, aquela questão difícil pra gente, aí eu me apoiei muito na viola. Acabou que eu me formei em medicina veterinária cheguei a atuar, e aí a viola veio junto comigo. Comecei a fazer algumas apresentações. Por fim eu larguei a veterinária e hoje eu trabalho com viola. Lá na região de Belo Horizonte eu dou aula e me apresento. Mais na área de viola instrumental e da viola regional também. Levando sempre essa questão das folias, dessa parte mais cultural com a viola. Hoje eu trabalho na área da música em tempo integral e a minha relação com a viola é “full time”, sempre buscando essa relação de resgate, se deixar ela se perder aí nos caminhos da música. Sempre me baseando. Gosto muito da viola instrumental, mas sem perder essa questão da raiz.”

Outro grande nome da viola instrumental esteve presente no Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira foi **Fernando Deghi**, falou também de sua trajetória e das representações atreladas à viola caipira: “Toco viola desde 1989. Foi um encontro (que tive) com a viola depois de vinte anos de violão erudito e eu descobri que na viola meu campo de composição poderia vir a ser melhor esperado, que, até então, tinha sido mais intérprete. Eu trabalho também , juntamente com a composição, com a metodologia que eu venho desenvolvendo, preocupado com essa metodologia no país, porque tem tanta gente querendo aprender a tocar viola e a viola ainda não está oficializada como

um violão, por exemplo, em termos de metodologia. A gente tem focos individualizados no país, mas ainda não tem uma coisa que se possa ser chamada de metodologia. Meu trabalho é voltado para isso. Sou nascido em São Paulo, sempre atuei em São Paulo e, atualmente, estou no Paraná. Há oito anos que trabalho no Paraná, que tem me dado muito mais trabalho do que São Paulo, e, atualmente, estou fazendo uma turnê, pelo Sonora Brasil (pelo circuito Sesc). São 130 concertos. A gente vai passar pelo Brasil todo. Nós fizemos 2016 e agora entra 2016. Tenho tido a chance de poder representar essa viola brasileira com minhas composições também fora do Brasil. Já toquei em vários países. Sou um batalhador como qualquer outro músico. A gente quer emplacar o trabalho. Eu, principalmente gosto muito dessa frase, 'de gerar o benefício', pois tudo aquilo que você aprende você passa para outro. Então tenho muito trabalho na internet gratuito. Já inseri muitas partituras e sempre estou cedendo muita coisa para contribuir com esse lance da metodologia. Basicamente é isso que eu faço."

Deghi abre nesse depoimento uma nova relação de representação com a viola. Não é a viola que representa uma cultura, uma luta, uma região, um povo. Ele próprio, o artista é o representante da viola brasileira num contexto de diversidade que marca a cena da viola no país. Outra questão a ser destacada aqui é o compartilhamento do conhecimento na internet, promovendo o acesso a conteúdos que, há pouco tempo eram inacessíveis.

Outro ícone da viola, que também se pode dizer que é o violeiro como a representação de um instrumento, que, por sua vez, representa uma cultura, é **Pereira da Viola**. Mineiro que reside em Belo Horizonte, também frequentou os primeiros encontros nacionais de violeiros, em edições que aconteceram em Ribeirão Preto, com apoio de organização do MST, Pereira despontou como liderança política do movimento dos violeiros. O artista também faz interessantes paralelos entre a música e o alimento, veneno cultural e arte ecológica, uma relação entre representante e representado bastante singular.

Pereira da Viola começa sorridentemente respondendo: “Toco viola porque ela existe. Comecei primeiro com o violão de forma espontânea a partir do momento em que eu vi um folião tocar viola. Aí eu me apaixonei pelo som que eu ouvi na minha infância, nas folias de reis em São Julião. Fiquei um tempo sem ouvir porque fui embora estudar e, depois de um certo momento, eu retomei essa minha história da minha região, meu celeiro, a fruteira, que é lá em São Julião, que é a casa, o fogão da casa minha mãe, e, dentro desse ambiente que eu reencontrei com o instrumento e daí foi uma história que eu não pude voltar mais. A viola consegue expressar o que eu gostaria de dizer em palavras. A viola expressa por mim. Quando eu era criança eu tinha um certo medo de gente. E quando eu ia na roça pela estrada e via uma pessoa de lá pra cá, que eu não conhecia muito bem eu me escondia nas moitas na beira da estrada até a pessoa passar. Considero então que a viola virou essa moita. É onde eu me escondo pra ver as pessoas passarem.”

Questionado sobre seus instrumentos, Pereira respondeu: “Hoje tenho três violas de trabalho. Tenho duas do Vergílio Guimarães, lá do Sabará, e uma do Seo Mário Machado, carinhosamente chamado de Machadinho, que é de Nova Lima, que é do Lado de Belo Horizonte. Mas também ganho várias violas de pessoas que estão começando (como luthier), com essas, tenho umas seis, oito violas, mas essas eu sempre repasso quando vejo que não dá pra eu trabalhar com elas, repasso pra pessoas lá na roça, foliões que estão sem viola, eu passo pra eles. Eu não gosto muito dessa ideia de ficar com muito instrumento em casa não. Eu gosto de estar repassando esses instrumentos que eu vou ganhando. Eu experimento. Se não dá pra tocar, eu ponho na mão de quem vai utilizar o instrumento.”

Observo aqui que não se trata de repassar “restos” descartáveis. Cada viola tem uma regulação e uma sonoridade que se encaixa com distintas necessidades. Dou o exemplo da sonoridade muito alta, afinada e distinta que tinham as violas de Índio Cachoeira, mas era um instrumento que agradava aos outros violeiros com quem o artista se relacionava.

Também entendemos que uma viola que possa não se adequar às necessidades de Pereira da Viola pode atender bem o que outro violeiro busca.

Continuando com suas declarações acerca do que é preciso para tocar viola, o Pereira responde em tom místico: “A primeira coisa é a viola escolher o sujeito ou a sujeita, porque hoje, graças a Deus, tem muita mulher tocando viola e o sucesso da viola está garantido. Misticamente falando é isso, a viola tem que ir com a cara da pessoa. Ela escolhe a pessoa e daí pra frente esse coitado está jurado de nunca mais para de tocar viola. Por outro lado tem esse caminho do estudo. Você vai estudar o instrumento e vai dele, inclusive transformando em outras linguagens como a gente tem visto acontecer muito aí, mas dentro do natural tem esse amor aí na primeira espiada. Estamos num momento muito fértil de vários artesãos fazendo violas pelo Brasil afora e, cada viola, uma melhor do que a outra. Tá muito legal esse processo de construção de idealização de novos modelos de violas, tá muito legal isso. Isso tá muito bonito e vem em boa hora. É um momento em que a gente está vivenciando essa expansão do instrumento. Eu acho que já tivemos um reconhecimento da música que está sendo feita com esse instrumento e os fabricantes dessas violas vem junto nesse processo. É isso que estamos chamando de cadeia produtiva, que é tudo aquilo que está em torno da viola. Da mesma maneira que a gente coloca um grande amor numa música quando está fazendo ela, esse luthier, esse artesão também faz isso quando está criando o instrumento, coloca um grande amor. Eu acho que isso é gratificante, eu acho que isso é divino.”

Continua estabelecendo um interessante paralelo entre a música caipira e a produção de alimento.

Segue afirmando: “Considero que toda nossa luta em torno do instrumento viola caipira passa pelo crivo e toda estrutura (pela qual) passa a agricultura familiar, agricultura agroecológica, um trabalho que você faz de forma preocupado com o bem estar das pessoas, com a possibilidade de as pessoas se alimentarem de forma saudável, portanto é algo que está

relacionado com toda essa estrutura que nós sabemos onde que a terra mãe, ela nunca quis receber nenhum tipo de veneno. Então jogam veneno nela por ignorância do próprio ser humano, pela ganância de só pensar em ganhar dinheiro e não se preocupar com o futuro das novas gerações que virão pela frente. Nesse sentido, a viola é um instrumento de luta permanente contra esse tipo de agressão que sofre a terra e o ser humano também sofre junto. Toda agressão que sofre a terra naturalmente vai repercutir no ser humano e nós, do movimento, hoje, de viola caipira entendemos que queremos produzir alimentos musicais sonoros saudáveis, sem contra indicação. Qualquer criança, qualquer ser humano, qualquer indivíduo pode fazer uso, pode se alimentar que não vai ter nenhum efeito colateral. Nesse sentido eu acho que nós estamos numa trincheira de luta. De um lado você tem toda essa estrutura mega de eventos que, de alguma forma você linka com o agronegócio, com essas coisas malucas que você tem aí e de um outro lado nós temos esse nosso movimento que, de alguma forma, linka com outros setores da sociedade, incluindo os movimentos sociais como um todo. Por isso a viola é um instrumento de luta tão quanto outros segmentos, outras visões, outras vivências de outros setores da vida humana.”

Muitas são as relações de representação que se estabelecem entre Pereira da Viola e seu instrumento. A começar pelo sobrenome artístico “da Viola”, que o vincula diretamente ao instrumento que toca. Resgata em sua fala o que a viola representa como alimento: o celeiro, a fruteira, o fogão da casa de sua mãe em São Julião. Podemos entender que a viola representa o instrumento que ultrapassa a fronteira da geração de sons, mas que também gera o seu pão, que alimenta não só o corpo, mas a alma. Também associa o instrumento a um elemento fundamental ligado à luta que existe no campo entre a gigantesca estrutura ligada ao agronegócio de um lado contra a agricultura familiar de outro. Associa a música do segmento que se atrela aos rodeios a uma música “tóxica” e considera a arte produzida com a viola como alimento musical sonoro saudável. Nas primeiras edições da Feira Nacional da Reforma Agrária realizadas no Parque da Água Branca, em São Paulo, Pereira mostrou para um

expressivo público o caráter político de sua obra, que aborda suas matrizes africanas, indígenas e rurais que se expressam melodicamente em sua arte. Sobre a associação entre a música tóxica, do mercado que se liga ao agronegócio tóxico e o antídoto que uma música seria, podemos destacar Lefebvre (1991) quando descreve a cotidianidade moderna, e aponta os cuidados que surgem da “autorregulação voluntária” que emerge no cotidiano e se torna objeto dos cuidados: “domínio da organização, espaço-tempo planejada”. A tendência, então é a construção de um sistema com um bloqueio próprio daquilo que se apresenta negativamente.

Uma figura de bastante expressão na divulgação da viola caipira no estado do Paraná, por vias educacionais é o violeiro Claudio Avanso. O curitibano afirma: “Trabalho com a viola, tenho uma escola de viola e trabalho com a viola como um instrumento terapêutico. Estudo a viola há uns vinte anos, tenho alguns trabalhos gravados, sou regente da Orquestra Viola e Cantoria em Curitiba.”

Sobre o Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira, Claudio Avanso, declarou: “Achei bacana porque tivemos um primeiro contato. Com o tempo a gente vai se organizando no sentido de se preparar, de saber o que quer e o que a gente necessita mesmo porque os violeiros devem se unir pra conseguir um espaço dentro do cenário brasileiro.”

Também no Seminário esteve presente uma figura do Triângulo Mineiro, especificamente de Uberlândia, Tarcisio Manuvéi, produtor artístico deixou com suas palavras o que representa a viola no contexto em que se insere: “Sou produtor artístico e cultural e gosto de cantar. Sou cantador também. Tive o privilégio de tocar durante dez anos com nosso querido Pena Branca, que há uns anos nos deixou, mas plantou muita semente e tem muita gente aqui colhendo o que ele deixou plantado aqui pra nós. Uma das sementes que ele nos ajudou plantar foi o projeto Raízes do Sertão, que é um projeto que a gente desenvolve nas escolas da zona rural de Uberlândia. A gente começou ele primeiro na escola do distrito Cruzeiro dos Peixotos, que foi lá onde nasceu nosso querido Xavantinho e o Pena foi

registrado. A partir de lá conseguimos fazer esse trabalho em todas as escolas da zona rural de Uberlândia. São doze escolas, que têm em torno de cinco mil alunos. O propósito desse projeto é mostrar para essa meninada qual é a diferença do que é mesmo a nossa música caipira e a atual música sertaneja. Com esse trabalho a gente voltou lá em 1929 com a primeira música caipira gravada até chegar ao modismo, na música sertaneja nos anos 60, que começa já com 'Boneca cobiçada' e "Índia" com Cascatinha e Inhana. Depois, nos anos 70 começam os eletrônicos. Isso a gente passou pra meninada e isso eles já sabem a diferença. Além disso a gente pode mostrar pra eles a diferença entre esses dois instrumentos, viola e violão. Infelizmente, em nosso país, às vezes, muitos secretários de cultura que não sabem essa diferença. Você mostra uma viola e um violão e para eles é tudo igual. Existe uma grande diferença na sonorização e quantidade de cordas. Também (trabalhamos com os alunos do projeto) quais segmentos da arte que se desenvolvem com a viola. Começa lá atrás, quando os jesuítas trouxeram a viola para o Brasil, viram os índios dançando e começaram a dançar os cururus, os recortados, dali surgiu o catira, e o nome do catira é por causa dessa troca com a dança indígena e, quando entra sertão adentro, vêm as outras ramificações da nossa arte caipira. Então hoje você usa a viola com o pessoal do rock, o pessoal dos clássicos, que toca os clássicos na viola, e ela está inserida hoje no dia a dia. Ela faz parte dessa cadeia produtiva da viola. Hoje a viola se tornou tão forte que, quando você chega a uma loja, que antigamente você só via violão, hoje tem lojas que tem mais violas do que violão. Lá (em Uberlândia), com esse trabalho Raízes do Sertão, a gente conseguiu transformar, fazer um trabalho de transformação com essas crianças, mostrando para eles a importância de estar ali no "trampo", a importância de eles se tornarem profissionais da área agrária. Nós temos a preocupação social porque nos anos 60 e 70 nós tínhamos mais da metade da população no campo e, hoje, você tem menos de quinze por cento. Mostrar pra eles também que sem o trabalho deles no campo também não vai ter a subsistência na cidade. E a gente mostra através da arte. E o que faz parte também da cadeia da cultura caipira são também as outras

questões. A própria culinária, a feijoada, a galinhada... Há questões artísticas. Você fazer a sela de um cavalo, você fazer o queijo, isso tudo faz patê da nossa cultura caipira. É um trabalho que a gente desenvolve e, no ano passado, a gente conseguiu fazer o Primeiro Festival Raízes do Sertão de Viola. Esses meninos compuseram essas músicas e agora nós vamos fazer um CD dessas composições.”

Para Tarcísio Manuei, a viola representa caminhos para recuperação de algo que se possa ter perdido com o passar dos anos, mas, por meio de um projeto que põem à frente o instrumento, há uma perspectiva de “resgate” de algo sólido em se tratando de cultura.

Temos, assim, diferentes visões dadas por instrumentistas, produtores culturais e educadores e representações acerca da viola em seu cotidiano e contexto sociocultural. Nos muitos encontros de violeiros que acontecem em diferentes regiões, a cada ano, só aumenta o número de participantes, o que se pode associar a um fortalecimento do movimento.

2.4 - Entrevistas artesãos e luthiers

Para este estudo, com a finalidade de mostrarmos parte da diversidade que existe também no cenário da confecção do instrumento, destacamos quatro paradigmas diferentes de construção de violas e de outros instrumentos por meio de depoimentos gravados em áudio. Para Corrêa, porém, em relação ao instrumento que adveio com os portugueses, a partir de 1500, nas principais características, a viola quase não teve alteração (Corrêa, 2000, p.24), entretanto, em detalhes, há alterações dos instrumentos que os confeccionadores proporcionaram de modo que chegaram a formatos que conseguem atingir padrões de afinação e de timbres bastante interessantes. Vilela (2015, p.35) destaca que, pela presença de árabes e seus instrumentos na península ibérica, a partir do “oud” (alaúde) e da guitarra latina evoluíram a “vihuela” e a viola de mão na Espanha e em Portugal, respectivamente. As violas portuguesas se adaptaram a cada região em que se instalou. Basicamente, em Portugal,

registra-se a presença das violas Braguesa, ao norte; a viola amarantina ou de dois corações, no nordeste; a viola beiroa, ao centro; viola toeira, na região de Lisboa e, na região do Alentejo, a viola campaniça. Embora sofram variações morfológicas, o fato de terem cinco ordens de cordas é uma marca comum entre as violas portuguesas. Interessante ressaltar outro registro do mesmo musicista aqui (p. 37). Das cinco violas portuguesas, duas não deixaram suas heranças no Brasil: a amarantina e a campaniça. Continua, nesse levantamento das origens da viola brasileira, com outra associação morfológica: liga a viola do fandango do litoral sul paulista e litoral norte do Paraná à viola beiroa, da região central de Portugal.

Nosso estudo, porém, ao tratar da confecção artesanal, atém-se a essa cena da construção da viola no estado de São Paulo, mesmo que inserido num movimento maior, de caráter nacional. Para que se tenha uma noção mais ampla da morfologia da viola caipira, destacamos duas apresentações do que Braz da Viola chama de “Anatomia da Viola”. Uma em seu método “A Viola Caipira – Técnicas para ponteio” (Viola, 1992, p. 9) e outra, com mais recursos gráficos, em “Manual do Violeiro” (Viola, 1999, p. 10).

Anatomia da Viola

"A Viola Caipira - Técnicas para ponteio" (Braz da Viola, 1992)

Figura 1 - ANATOMIA DA VIOLA BRAZ: VIOLA INTEIRA

Anatomia da Viola

"Manual do Violeiro" (Braz da Viola, 1999)

Figura 2 - ANATOMIA DA VIOLA BRAZ: VIOLA FRAGMENTADA

Exemplificamos também essa morfologia com nomenclatura bem próxima da empregada por Braz da Viola no “Método de Viola Caipira – Viola de Nós”, de Moraes e Manuvei (2013) mostrando que, em apresentação, há variações das figuras que empregam praticamente uma mesma nomenclatura na explicação dessa morfologia do instrumento.

**"A Viola" do "Método de Viola Caipira -
Viola de Nós" (Morais e Manuvéi, 2013, p. 7)**

Figura 3 – MORFOLOGIA DA VIOLA

Um padrão de disposição que se adota na maioria dos métodos é a sequência de cinco pares de cordas com a nomenclatura empregada por Braz da Viola em “A Viola Caipira – Técnicas para ponteio” (Viola, 1992, p. 10). Para Amaral Pinto, mudanças vão desde particularidades em sua forma de construção, distribuição e número de cordas utilizadas, maneiras de ser tocada (os toques de viola), até as mais de vinte afinações diferentes que aqui recebeu. Atualmente, a viola caipira mais utilizada no centro-sul do país configura-se como um instrumento de cinco ordens de cordas, geralmente cinco pares totalizando dez cordas onde os dois pares inferiores (os mais agudos) são afinados em uníssono e os outros três são oitavados.

Nomenclatura das cordas "A Viola Caipira Técnicas para ponteio" (Braz da Viola, 1992)

Figura 4 - AS CORDAS DA VIOLA

Seguindo com intenção descritiva e iconográfica, escolhemos para esta etapa do trabalho quatro nomes de confeccionadores de instrumentos cujos trabalhos possuem diferentes níveis de representação e não de qualidade, já que cada instrumento construído aqui é empregado em diferentes contextos.

Obtivemos, então, o depoimento colhido em áudio do artesão Amir Oliveira, de Cananeia, no litoral sul do Estado, acerca de sua atuação, sua formação e sobre seus instrumentos. Embora breve nas palavras, Amir dá

sinais de que cabe um estudo mais amplo, com registro audiovisual sobre o seu trabalho e sobre a importância dessa música e cultura caiçara.

Em discurso direto, registramos aqui suas palavras: “Desde moleque, eu trabalhava com o meu avô. Ele tinha uma marcenaria e eu ajudava ele na marcenaria e na carpintaria. Foi esse o principal motivo por que me tornei um artesão. Eu sempre gostei de trabalhar com madeira. Sempre fui um artesão, por toda a minha vida. Um artesão, eu acho ele um pouco mais habilidoso do que um luthier. Por quê? Várias coisas. Um exemplo, eu consigo fazer uma embarcação, fazer uma canoa grande, fazer uma canoa pequena, eu consigo fazer coisas que raramente um luthier faz. Por isso digo sempre que a gente não é luthier, mas sim artesão da cultura local ou que a gente é artesão de instrumentos da cultura.

Nunca tive um mestre. Tive ‘foi’ pessoas que passaram um pouco do conhecimento delas e eu faço a mesma coisa. Passo o meu conhecimento ‘pra’ outras pessoas. Foi um grande amigo meu aqui, chamado Davino, que me ajudou.”

Pedi que falasse um pouco sobre a corda de menor extensão, conhecida como periquita, peculiar das violas do Fandango. Amir respondeu assim: “Essa corda a gente fala que a afinação dela, que é uma corda que a gente faz da altura da voz. A ‘Periquita’, a ‘Cantadeira’... Essa coitada tem um monte de nome, ‘Turina’... Mas é bem mais conhecida como ‘Periquita’, na ‘Viola de Periquita.’”

Pedi que falasse sobre a frequência de sua produção de instrumentos e sobre o destino deles. O artesão respondeu da seguinte forma: “Estou sempre produzindo. Hoje pra comércio, estou com seis rabecas, quatro caixas de Folia, dois machetes. A frequência é assim, a gente vai vendendo e vai produzindo. Tem instrumento meu na Alemanha, em Portugal, em muitos lugares que conhecem instrumentos nossos aqui. Além de rabecas e violas, faço instrumentos ‘pra’ criança também. Faço tamborzinho ‘pra’ criança, rabeca de cabaça, uma época eu vi mais gente por aí fazendo rabeca de cabaça, também faço tamancas de fandango,

praticamente todos os instrumentos da nossa cultura a gente tem feito aqui.”

Chegando à questão da representação, em nossa prosa, perguntei o que representava para Amir a viola e a rabeca no contexto em que se insere no litoral. O artesão respondeu: “Primeiro, a viola de fandango, viola caçara, pra gente que é dessa cultura aqui, ela é fundamental na questão do tocador na hora de cantar. Então é um instrumento fundamental nas manifestações culturais do caçara. Principalmente pra você compor uma moda, pra você cantar, é necessário ter uma viola. É um prazer sempre estar tocando em lugares, mostrando essa viola que tanto representa pra nós. A rabeca é um instrumento que representa a alma da música do caçara nas modas de fandango. É um instrumento que dá o “floreado”. Representa pra mim também orgulho e satisfação de saber tocar alguma coisinha e podendo sempre se encontrar com outros fandangueiros de outros lugares, principalmente com outras manifestações culturais em São Paulo, que a gente sempre encontra. Pra gente é sempre um prazer passar um pouco dessa cultura de tocar viola e rabeca e podendo estar trocando, fazendo intercâmbio.

Por último, perguntei o que representava para ele ser artesão dessas violas e rabecas. Amir falou: “Nunca trabalhei em outras coisas. Sempre fui artesão. É um ofício que aprendi com os fandangueiros mais velhos. Sempre ajudei meu avô nas oficinas de casa. É minha profissão e isso representa pra mim minha sustentabilidade, minha droga, meu vício, meu trabalho. Ser artesão para mim é minha vida, que eu executo com prazer, com satisfação, com muito orgulho. Sou artesão que confecciono viola, rabeca, caixa de folia, canoinha...”

Resgatamos do discurso de Amir as relações de representação que existem entre ele e os instrumentos que ele toca e fabrica. Destacamos que a viola do fandango representa o que é “fundamental” na cultura em que se insere no processo de composição e para acompanhamentos de cantos, que também têm suas representações. Já a rabeca, instrumento parceiro da viola, para Amir, representa a “alma” de uma música inserida na cultura

a que pertence. Também representa “orgulho” e “satisfação”, além de representar possibilidade de viagem para que ocorram intercâmbios culturais. Por outro lado, conscientemente, Amir, que tira o sustento da fabricação de instrumentos e artesanatos que representam a sua cultura, como ele mesmo disse, ao apontar que, entre os instrumentos musicais, fabrica “canoinha”, também expressa felicidade e prazer no ofício quando diz que a profissão é seu “vício”, sua “droga”. Entendemos que, nessa relação de representação, a droga e o vício podem significar a “compulsão”, a “necessidade” do trabalho porque este é prazeroso.

Amir não tinha fotos com boa definição de seus instrumentos, mas conseguimos imagens de Davino, mencionado por ele como um artesão que o ajudou no início de seu processo de produção de violas.

As violas de Davino pertencem ao acervo de Valmir Roza Lima, de 59 anos, artesão nascido em Franca, mas radicado na Capital, no bairro do Butantã, o qual constrói instrumentos menos buscados pela maioria dos violeiros para fazerem apresentações ou gravações, mas que são comprados para finalidade de pesquisa ou ornamento já que estabelecem um contato com um passado ligado a formas distintas da viola. Em depoimento colhido em áudio sobre como se tornou artesão, sobre sua autodenominação de artesão, sobre processo de construção e fim de seus instrumentos, registramos, em discurso direto, o que Valmir disse: “Desde a infância, eu já fazia brinquedos de madeira, lata ou o que houvesse por perto. Na adolescência, eu tive contato com feiras de artesanato, pois minha mãe era artesã e pintora. Daí em diante eu descobri que podia ganhar dinheiro desenvolvendo técnicas e fazendo trabalhos manuais, portanto esse ofício de artesão vem desde a minha adolescência.”

Perguntei o que o diferencia de um luthier e ele, assim, respondeu: “Durante o período da Renascença os Europeus fizeram tratados, especificando medidas, timbres e procedimentos que universalizaram a construção de instrumentos musicais e que é usado até hoje em dia. Essa é a razão pela qual os violinos, violoncelos e outros, têm de ter as mesmas medidas e timbres independentes do país em que são construídos. Essa é

a arte da Lutheria. Com o advento das navegações e a colonização da América os instrumentos musicais da gente mais simples como as Rabecas, e as Violas chegaram ao nosso continente e se espalharam pelo nosso território. Esses instrumentos por serem populares, estavam imunes a tratados internacionais e eram construídos livremente ao gosto de seus construtores. Esses instrumentos musicais, de construção popular, são construídos levando-se em conta a matéria prima disponível no terreno e a cultura do povo que colonizou o local em que ele é construído. É por isso que uma viola tradicional feita em Santa Catarina é completamente diferente de uma viola construída em São Paulo ou Minas Gerais... é outra cultura. A isso eu chamo de 'Construção Popular' e acredito ser o trabalho ao qual me dedico, pois faço os instrumentos utilizando somente técnicas aprendidas com minha experiência pessoal. As técnicas construtivas da Lutheria e da Construção Popular são bem diferentes. Por exemplo, na Construção popular não é obrigatório o uso de tampo ou fundo de duas partes coladas, pode-se fazer o tampo em uma só peça de madeira... e outras diferenças.”.

Também questionei se teve algum mestre artesão, e ele falou: “Não, não tive nenhum mestre, aprendi tudo sozinho.”.

Chegando mais aos seus instrumentos, questionei sobre a opção pelas violas com cravelhas e escala meia regra. Assim se posicionou: “Todos os meus instrumentos são de cravelha, pois foi o jeito que aprendi e também pra manter um timbre importante. Nas festas de que participo os tocadores só tocam violas de cravelha e no meio que eu convivo, geralmente as pessoas fazem os instrumentos que tocam...”.

Também perguntei sobre quem compra seus instrumentos e com que periodicidade os produz. Valmir respondeu o seguinte: “Quem compra as violas, geralmente são pessoas que já tocam a viola convencional e querem ter uma viola com um timbre diferente. Produtores de Filmes, teatro, novelas, tudo o que precisar de um modelo de viola antiga, geralmente produções com temas de época. Muitas vezes também fazem documentários sobre algo antigo e pedem uma viola de cravelha pra gravar

a trilha sonora, pois o timbre é bem diferente. Mas o que eu mais faço e vendo mesmo são as Rabecas e essas são vendidas pra tocadores de folclore e músicos. A minha produção de violas é pequena. Não faço muitas, só algumas encomendas. As Rabecas, eu faço sempre, creio que umas 3 ou 4 por mês, rabeca eu estou sempre fazendo e é o instrumento que me deixou mais conhecido. Já fiz muito machete, caixas, adufes, cuícas, e uma infinidade de instrumentos, mas as Rabecas tomaram conta do meu trabalho e todo meu tempo é pra fazer Rabecas. Creio que a sociedade vai mudando com o tempo e os instrumentos musicais também vão se adaptando às necessidades atuais. Antigamente, na juventude eu lutava ou imaginava que lutava pra que as tradições não morressem ou pra que não se deturpasse o folclore... Bobagem... Com o tempo, aprendi que as tradições se salvam por si mesmas, e que se um determinado ritmo ou folguedo deixa de ser feito pelo povo é porque já não tinha uma função social. Quanto à modernização dos instrumentos musicais é assim também. As mudanças no desenho do instrumento e no jeito de tocar viola não me amedrontam, pois o que atender as expectativas dos violeiros vai ficar, e as mudanças que não servirem vão acabar por si mesmas. Acho que a viola já tem vida própria e vai continuar reinando na mão dos violeiras, e hoje em dia também na mão dos músicos.”

Mais uma coisa importante sobre esse artesão é dizer que também é colecionador de instrumentos feitos por outros artesãos que utiliza como instrumento de sua pesquisa. Porém Valmir tem tantos instrumentos que chega a ter um acervo na parte superior do sobrado onde mora no bairro do Butantã. Destacaremos, então, alguns dos instrumentos produzidos por ele e alguns instrumentos do fandango que também mostraremos. No fandango, porém, por ter outro paradigma de disposição de cordas, não se emprega essa nomenclatura. Aliás, segundo o próprio Valmir, há violas do fandango com seis, sete, oito e nove cordas.

Chegando a um ponto de nossa conversa, introduzi a questão da representação, ou seja, perguntei o que representava a viola para Valmir em sua existência humana. O artesão declarou: “A viola já representou

várias coisas pra mim, (em) cada época da minha vida ela teve uma importância e uma representação diferente.

Na minha infância ela representava a música e as coisas que meu pai gostava, e que eu ficava observando de longe. Me lembro que quando ia ao circo , com a família, sempre tinha uma dupla caipira pra fechar o espetáculo. A música de viola foi o único gênero que eu conheci na infância, e na minha casa havia uma coleção enorme de discos.

Na infância, enquanto minha mãe me arrumava e penteava meu cabelo pra irmos à escola nós ouvíamos o programa do Tonico e Tinoco na rádio Bandeirantes. Essa é a lembrança mais longínqua que eu tenho da viola caipira.

Já na adolescência a viola me perseguiu o tempo todo, pois quando eu me levantava pra ir ao trabalho 99,09% da rádios (que ouvia) tocavam música caipira e as lojas de disco no centro da cidade (de São Paulo) também.

Com a rebeldia própria de todo adolescente, nessa época eu e meus amigos nos afastávamos de tudo que lembrasse a geração anterior e a viola era um símbolo que tínhamos de esquecer e abraçar o Rock e as guitarras dos anos 70.

Enquanto a música de viola estava no seu melhor momento, eu estava experimentando outros estilos, a vida nova e a juventude.

Me lembro do dia em que foi tocado o “ Pagode em Brasília”, mas eu estava em outra sintonia.

Essa fase não durou muito, pois nos discos comecei a conhecer estilos de música diferentes, menos agitadas, com menos guitarras, e descobri que tinha gente tocando rock com Bandolim, “Novos Baianos”... daí, passada a euforia da adolescência, eu comecei a voltar pra música de viola e pra minha própria cultura.

Hoje, depois de muitos anos vivenciando vários tipos de viola, só o estilo caipira me toca fundo a alma. Respeito todos os outros estilos, mas a minha identidade é a Viola Caipira.

Não faço a mínima ideia do que será da viola no futuro, e pra falar a verdade, acho que não importa muito, o importante é tocar viola e viver hoje.”

Por último, perguntei o que representava para ele ser artesão dessas violas que buscam um olhar histórico sobre o instrumento. Valmir colocou: “No meu trabalho de artesão, sempre construí viola Caipira com cravelhas de madeira e modelos meia regra com adornos e desenhos antigos, pois é o tipo (de) que gosto de tocar.

Cada tipo de viola tem uma finalidade para o uso, e o tipo de viola que eu faço é mais indicado, pra tocar música folclórica. Por isso, apesar de conhecer vários violeiros que cantam em duplas, solos ou grupos, o meu ambiente sempre foi mais as Marujadas, as folias, as congadas, e até os terços cantados de vez em quando.

Conheço muita gente que faz violas de cravelha, e acho que eu também já influenciei muitos a utilizar esse tipo de viola.

Um fenômeno interessante está acontecendo hoje em dia.

A técnica de tocar viola está sendo ensinada em várias escolas, clubes, cidades e até em universidades, porém pouca gente conhece os modelos mais antigos ou mais originais e, quando pesquisam algo, é sempre a mesma fonte, ninguém vai a campo pra pesquisar por conta própria.

A viola, a sua construção e os seus toques estão sempre mudando e é preciso conhecer pra ter uma opinião. Pelo ou menos quem trabalha com a viola tem de conhecer um pouco desse universo.

Tenho orgulho em fazer violas de cravelha de pau, e de tocá-las, apesar de ter diminuído a minha produção ultimamente e me dedicado mais às Rabecas.

“Porém as violinhas de cravelhas serão sempre as minhas preferidas.”

Destacando aqui algumas das relações de representação que Valmir tem com a viola, primeiramente, deparamo-nos com o fato de que representa “coisas diferentes” em “épocas diferentes”. Representa o gosto do pai e a memória do carinho materno. Por outro lado, na adolescência, representa o que o jovem rebelde deveria negar, pois também representaria a geração anterior. Há, porém, um reencontro identitário, ou seja, a viola representa hoje sua identidade, e o seu “carpe diem”, quando diz que não se importa com o futuro. Importa-se com o prazer de tocar viola hoje. Valmir também afirma que o ofício de artesão representa um sentimento de “orgulho”.

1. Detalhe do desenho das bocas em formato de coração.
2. Tampo inteiro com desenhos que marcam fé.
3. Viola inteira e detalhe da imagem da Santa.

Fotos: Valmir Rosa

Figura 5 - VIOLA EM FORMATO DE CORAÇÃO

Fotos: Valmir Rosa

4. Detalhe das 10 cravelhas.
5. Viola inteira, com duas bocas em formato de coração.
6. Uso irregular de cravelhas e de número cordas.
7. Detalhe das 10 cravelhas.
8. Violinha pequena.
9. Viola com o tampo sem pintura, destacando a cor da madeira.

Figura 6 - ENTALHES

Fotos: Valmir Rosa

10. Detalhe do desenho da moça do Leite Moça no machete
 11. Viola do Fandango de Ariri entre os instrumentos fabricados por Valmir Rosa Lima.
 12. Machete na parede

Figura 7 - MACHETES

13

14

15

16

Fotos: Valmir Rosa

- 13. Rabeca de cabaça.
- 14. Rabeca de caixa de charuto.
- 15. Rabeca de três cordas
- 16. Rabeca de madeira branca.

Figura 8 - RABECAS

17. Detalhe das 7 cordas da Viola do Fandango da Cananéia, fabricada pelo mestre Pica-pau.

18. Viola do mestre Pica-pau inteira, na parede.

19. Detalhe da boca e cavalete da viola do mestre Pica-pau.

Fotos: Valmir Rosa

Figura 9 - VIOLA DO MESTRE PICA-PAU

20. Detalhe das 7 cordas da Viola do Fandango da mestre Davino, da Cananéia.
 21. Viola inteira do mestre Davino.
 22. Furos das cravelhas com "desvio de função".
 23. Marchetaria do mestre Davino na Viola caiçara.

Fotos: Valmir Rosa

Figura 10 - VIOLA DO MESTRE DAVINO I

24. Viola inteira do mestre Davino.
25. Corda mais curta, no Fandango,
é chamada de periquita.
26. Periquita anexada entre a caixa de
ressonância e o braço da viola no Fandango

Fotos: Valmir Rosa

Figura 11 - VIOLA DO MESTRE DAVINO II

Outro nome que destacaremos como artesão é Levi Ramiro, por confeccionar um instrumento diferenciado: a viola de cabaça. Em depoimento pessoal, Levi afirma que foi a curiosidade que o levou a

construir esse tipo de instrumento e que desconhece registro escrito de construção de viola de cabaça, exceto o que viu numa figura deste cordofone feito de cabaça no livro de Roberto Corrêa (Corrêa, 2000, p.20). Dá também o crédito a uma viola de cabaça que viu com Braz da Viola “há muito tempo”.

Levi: “Eu acho que sempre tive, desde criança, vontade de fabricar meu próprio instrumento. Comecei a tocar violão popular com 13 anos e, nessa época já tinha vontade disso. Eu acho que, apesar da aptidão para a música, sempre tive aptidão para ferramentas e coisas manuais. Muito mais até que a música. Com a música fui teimando e hoje trabalho com música e sou artesão quando dá tempo. Cedo desmontei um violão velho que eu tinha. Visitava luthiers, pessoas simples, encontrava pessoas que também tinha vontade de construir. Comecei a fazer aulas, em Campinas, com o Vanini. Eu e Zé Esmerindo começamos a estudar com ele. Mas minha aptidão com ferramentas ajudou. Trabalhei com usinagem, com mecânica ferramentaria, pois me formei em técnico mecânico e é por que tenho essa facilidade pra trabalhar com ferramentas.

Não me considero um luthier porque um luthier tem um trabalho mais em cima de pesquisa, de manter o que já foi definido como as melhores madeiras, no estudo da sonoridade, as técnicas tradicionais, porque tem várias técnicas de fabricar instrumentos com lâminas de madeira maciça. Tem técnica espanhola, por exemplo, mas eu sempre gostei da parte mais inventiva de descobrir outras sonoridades do que repetir uma coisa mais padronizada. Um luthier tenta tirar o máximo de sonoridade em cima da qualidade das madeiras, das medidas que ele sempre mantém em cima de uma técnica apurada, de um jeito mais metódico.

Nunca tive um mestre, nem como músico. Posso dizer que tive vários mestres, pois, tanto o luthier, quanto o artesão, constrói o instrumento junto com o músico. Eu construo e toco o instrumento, mas tem luthier e artesão que constrói e não toca, por isso precisa ter o máximo de informações do músico na concepção do instrumento. Posso dizer que aprendi com Raimundo Saraiva, com o Fernando Vanini. Às vezes eu

chegava ‘nuns’ construtores de instrumentos como músico, pois muita gente não vai abrindo a oficina ‘pra’ qualquer um. Eu ia lá pra tocar um instrumento, numa malandragem ‘pra’ conhecer o trabalho de outras pessoas. Mas Fernando e Saraiva sempre me receberam bem e digo que me ajudaram na minha formação.”

Perguntei-lhe sobre a viola de cabaça e Levi Ramiro assim falou: “Sinceramente, a opção pela viola de cabaça, além da questão estética, que eu acho bonita a cabaça, gosto desse tipo de textura, de despadronização já que cada cabaça é única, de um jeito diferente e isso me atrai muito e isso já vem do meu jeito de fazer as coisas. Então cada instrumento vai ser totalmente diferente do outro. Também pela facilidade. Eu não gosto de ter muito trabalho, de ficar colando, esperando a colagem e, nesse sentido, a cabaça já dá o corpo do instrumento, isso me facilita algumas coisas. Se você for construir um instrumento com uma técnica tradicional, você tem que colar tudo, dobrar lâmina, esquentar... Eu nem tenho esse sistema pra aquecer e esquentar a lâmina. Não tenho nada disso. Eu fazia instrumento escavado antes de fazer instrumento de cabaça. Do instrumento escavado, parti para a cabaça porque a cabaça não precisa nem de escavar.”.

Perguntei-lhe sobre quem compra suas violas. Levi riu e respondeu: “Louco! Louco que compra minhas violas.” Retomou a seriedade e falou: “Pessoas que comprem minhas violas são pessoas que entendem que uma viola de cabaça não substitui uma viola convencional. Eu tento sempre falar isso. É um instrumento que tem suas medidas, iguais àquilo que a pessoa busca. Se eu faço um violão, vai ser com aquelas medidas de um violão ‘650’, ‘660’, isso é em milímetros, o tamanho da escala. A viola é 580 milímetros é o tamanho do apoio das cordas, mas esse padrão varia. A gente segue essas medidas, segue o padrão de cordas e faz o instrumento de um jeito diferente pelo fato de ser de cabaça. Quem compra também gosta da diferença de timbres que a cabaça dá, ela tem uma sonoridade dela também.”

Indaguei sobre a periodicidade de suas fabricações de instrumentos. Levi Ramiro respondeu o seguinte: “Eu procuro fazer meus instrumentos quando eu tenho menos apresentações porque minha prioridade é tocar. Eu gosto de trabalhar com a música ainda. Eu sou um músico que faço meus instrumentos nos intervalos de quando não estou tocando. Hoje estou fazendo muito mais variedades de instrumentos. Antes eu fazia só viola, violão requinto e violão, mas hoje estou fazendo bandolim, cavaquinho, rabeca, estou mais instrumentos com cabaça. Até um ukulelê. Penso em fazer um *cuatro* venezuelano agora a pedido de uma pessoa.”

Acerca da questão da representação, também perguntei a Levi Ramiro o que representava a viola em seu contexto. O violeiro artesão disse: “Quando eu comecei com a música, com o violão e depois passei para a viola, eu não tinha essa visão tão, acho, amadurecida do tempo de trabalho, com a idade, acho que isso vale muito também, percebo que a viola traz a essência de um momento em que aquela figura que tocava um instrumento era um menestrel, um multimídia de hoje. Ele carregava um conhecimento incrível. Ele viajava com o seu instrumento para todos os lugares, contando dos romances, dos amores, das saudades, da solidão, da estrada, da religiosidade em que ela está inserida, da sabedoria, da relação do homem com a natureza, e também de outras coisas, de catástrofes, guerras, reinos. Esse instrumento flutuou, viajou pelo mundo e, quando ele chega ao Brasil, ele chega a um país que é um laboratório de culturas, de mistura de culturas e evolui muito devido a isso. Uma música muito rica, muito diversa e ela (a viola) começa a penetrar aos poucos dentro de cada estilo musical. Começa ali tímida na zona rural e eu dou essa devida importância porque tem essa visão da grandeza desse instrumento. Não fica só no fato de ser apenas um instrumento que toca música. Essa é a diferença da viola para mim. Ela tem essa questão de sempre estar ligada a essa pessoa mais orgânica, que vive de uma maneira mais simples, mais em contato com a natureza, então acho que ela preserva muito essas coisas. Mesmo você estando dentro de um grande centro, você tem alguma coisa dessa história dentro de você. Mesmo você tendo uma vida totalmente urbana, a viola, de alguma forma, te leva um pouco mais pro

chão, pra natureza mesmo falando das relações humanas e da sociedade humana. Eu acho que essa é a grande importância desse instrumento, ele carrega tudo isso. É difícil de você até criar um dogma, um estilo definido pra esse instrumento porque ele tem todas essas possibilidades, muitas afinações, não se fecha para uma história só, ele abre, é muito permissivo, você pode usar ele pra fazer um trabalho musical, só solo, ou acompanhar pra cantar, ou acompanhar outro. É um instrumento versátil, por mais que pareça que não, temos problemas de ser um cordofone e o cordofone tem essa questão das afinações porque você muda o tamanho das cordas, e tem muita corda. São cinco ordens, mas cinco ordens com pares de cordas diferentes, são três pares esse mais usado, que é cinco ordens e cinco pares. Tem três pares que não são uníssonos, como o bandolim. E ela fica numa região entre o instrumento agudo e o instrumento grave. Ela não é nem muito aguda nem totalmente grave como o violão e nem como o bandolim (que tende ao agudo). Ela flutua muito aí, avaliando o instrumento como instrumento mesmo. A questão do instrumento inserido na cultura popular a gente não tem dúvida de que ele é importante porque ele começa preservando essa tradição das manifestações religiosas, passando pelas colheitas, de uma vida mais rural e chega até a academia. Hoje a viola está na academia sendo estudada. Então está acontecendo com a viola tudo o que ela merece como um instrumento forte como ela é. Isso que ela representa pra mim, todo esse instrumento pra mim. Eu não coloco a viola num patamar mitológico porque não faz parte do meu perfil. Mas eu acho que ela é um instrumento incrível, com muita possibilidade.

Encerramos quando indaguei o que representava para ele ser artesão. Levi respondeu o seguinte: “Tudo o que a gente diz da viola e o que ela representa está dentro do trabalho da gente. Se vc for pensar quando eu peguei a viola pra fazer o meu primeiro registro de composições, que é o “Maracanã”, lá tem música instrumental, tem canções que falam da natureza, dessa coisa da roça, do homem do campo, da relação das coisas que inspiram a gente, tem uma folia instrumental no fim. Ali, que é o começo de tudo, tudo nasce ali. É um trabalho que abre o caminho. São dez discos autorais então a gente acreditar nisso, e teimar tanto tempo

abraçado nesse instrumento tão especial. É uma coisa significativa. Embora um ou outro não goste desse trabalho, o que é normal, que outro goste mais, que use como referência pra pesquisa ou material de estudo. Não sei nem que geração de violeiro em que eu estou, se é uma quarta, quinta ou terceira de violeiros que a gente escutou, mas a gente escutou os grandes mestres. Eu não tenho um mestre específico. Eu fui abraçando todos os mestres que eu conheci e todos os grandes violeiros com que eu toquei. Eles me inspiraram pra produzir tanto na questão da composição quanto na fabricação do instrumento. A experiência de luthier ensina que a gente constrói o instrumento junto. O músico vai dizendo do instrumento, vai falando como a gente pode melhorar isso ou aquilo. Ou descobrir por que tal instrumento soa daquela forma, é bacana pra se tocar isso. Como é um instrumento muito diverso e eu fabrico um instrumento mais despadronizado ainda, que é a viola de cabaça. Ela tem muitas possibilidades porque cai na mão de um, acontece uma coisa, cai na mão de outro, acontece outra coisa. Aí acontece aquela história da diversidade: é um instrumento muito diverso. As possibilidades de acontecimento de você trabalhar com a música tendo tantas referências diferentes e trabalhar com a lutheria fabricando instrumentos tão diferentes um do outro. Eu me adaptei com esse laboratório brasileiro da mistura. Gosto de tocar com chorão, gosto de trabalhar com roqueiro, eu não me incomodo se o outro estilo invade a minha música, minha composição, acho normal isso, porque a gente vem de uma geração que vem trazer informações diferentes de gerações passadas porque a gente tem uma vida diferente hoje e entender tudo isso acho uma coisa muito importante porque a gente fica mais tranquilo pra produzir o trabalho da gente com leveza, sem cobrança. Então acho importância no meu trabalho para as gerações que vão vir também. Estou produzindo um livro agora com as partituras e tablaturas, que era uma cobrança grande que eu tinha comigo mesmo, além dos amigos que são do mundo mais acadêmico me cobrarem: 'Levi, tem pessoas querendo estudar suas músicas...'. Então, agora em breve, nós vamos ter um trabalho que vários amigos já fizeram, que é um registro de partituras e tablaturas das músicas e compor e cantar, tocar com os mestres, tocar com os mais

novos. Eu acho que isso é uma característica minha que ajuda muito nessa questão do que eu posso oferecer com essa música de viola. É te essa abertura de estar junto com as pessoas, não fazer aquela carreira “eu, eu, eu”. Não é nem carreira né? Eu nem penso numa carreira artística, eu penso em fazer as coisas que eu gosto de fazer e com as pessoas que eu gosto e com quem eu tenho sintonia. Então isso ajuda muito em como isso é absorvido. Essa é uma coisa grande desse meu trabalho, um trabalho inventivo, que tem um frescor, uma coisa de tentar algo de trazer que tenta empurrar você pra uma novidade. A gente, filosoficamente, sabe que são as repetições das mesmas formas, mas só de uma maneira e de um tempo diferente. Eu também tenho essas reflexões, por isso que eu não me incomodo de fazer uma música que falam: ‘Pô, essa música sua aí, parece que eu já conheço’. Ela não tem nada de muito incrível, de novidade, mas é uma coisa que tem começo, meio e fim, em que eu acredito, uma coisa que tem história. Eu vibro, tenho uma vibração de produzir o meu trabalho musical. Fazer os instrumentos, eu faço da mesma forma: cada instrumento que eu faço, parece que eu faço pra mim. Eu não fico vendendo instrumentos, eu fico fazendo instrumentos e instrumentos são pessoas, eu penso assim, e cada pessoa vai encontrar a sua pessoa. Quem sou eu pra fazer alguém pra conviver com você. Você vai escolher cada pessoa. Eu entrego o instrumento e você vai conviver com ele e dizer: ‘Esse instrumento não é pra mim’. Aí vou tentar passar pra outra pessoa pra que essa ‘pessoa-instrumento’, esse ‘ser-instrumento’ vá encontrar uma pessoa que vá conviver com ele. Eu sempre acredito nisso, parece que tem uma personalidade, uma alma ali, inserida naquela estrutura, naquele sonho, porque você sonha o instrumento, aí você começa a realizar ele. É todo um trabalho mental bacana que abraça todas as reflexões filosóficas aí, desde a física quântica, tudo, é muito amplo. Por essa forma acho que o meu trabalho, tanto na música como na fabricação de instrumento, vai deixar um rastro de alguma forma pra história do instrumento. Mas não tenho essa pretensão, nunca tive essa pretensão, eu acredito porque é importante, eu faço com muito amor e tudo o que a gente faz com muito amor chega ao coração das pessoas.”

Ressaltamos algumas das relações de representação que existem entre Levi Ramiro e a viola, segundo nosso entendimento de suas palavras: representa a “figura de um menestrel” em sua “essência”, este, por sua vez, representa o conhecimento gerado pela figura do viajante, que testemunha romances, eventos religiosos, estradas, reinos, trabalho, natureza, guerras. A viola também representa uma vida mais orgânica, ligada à terra, mesmo que o sujeito ligado ao instrumento esteja no espaço urbano. Também representa versatilidade porque possui alcance de graves e agudos que se somam com as ordens de cordas que permitem certa desenvoltura, segundo Levi, assim representa uma diversidade de possibilidades ao “cair na mão” de pessoas diferentes. Quando fala que “acha importância” no seu trabalho para as futuras gerações, de certa maneira, Levi também reconhece orgulho de realizar o trabalho. O artesão estabelece ainda uma última relação de representação com o instrumento ao personificar a viola. Para ele cada instrumento construído é uma pessoa que precisa encontrar a sua pessoa. “Vibra” com seu trabalho e sabe que irá deixar um rastro na história da música paulista e brasileira.

Observo que Levi Ramiro é um pesquisador de ritmos e um instrumentista muito respeitado na comunidade dos violeiros.

Separamos a seguir algumas imagens da produção dos instrumentos de Levi Ramiro:

1. Cabaça inteira para ser cortada.
2. Corte longitudinal para preparação da caixa de ressonância
3. Corte para colagem do fundo.
4. Recorte do tampo com o formato irregular da cabaça.
5. Preparação dos furos laterais para encaixe dos pregos de madeira. Colagem do braço
6. Preenchimento com os pregos de madeira e colagem da escala sem os trastos.

Fotos: Adriano Rosa

Figura 12 – CABAÇAS

7. Detalhe da colagem do braço à caixa de ressonância.
 8. Tampo com o cavalete.
 9. Escala já polida e com trastos. Ao invés da boca convencional, a opção com furos para propagação do som.

Fotos: Adriano Rosa

Figura 13 - DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

10

11

12

10. Bandolim de cabaça.
11. Levi Ramiro confeccionando uma viola de cabaça.
12. Cabaças preparadas para a confecção de instrumentos de percussão. Abaixo tipos de ganzá de bambu e coco.

Fotos: Adriano Rosa

Figura 14 - BANDOLIM E CABAÇA

Fotos: Adriano Rosa

- 13. Preparação da parte interna do tampo e da boca.
- 14. Violão de cabaça.
- 15. Detalhe com o maquinário no preparo da estrutura interna da viola de cabaça.
- 16. Viola de cabaça pronta.

Figura 15 - VIOLÃO E VIOLA

Mais um nome de destaque nesse estudo é o do luthier Luciano Queiroz, sobre o qual também já escrevemos em trecho que destacamos violeiros em seus encontros. Em depoimento registrado em áudio, Luciano faz colocações acerca de seu trabalho, ora como luthier, ora como artesão.

Perguntei-lhe sobre o porquê de se tornar luthier ou artesão. Respondeu com naturalidade: “Acho que já nasci artesão. Eu me lembro, desde pequeno, fazia meus próprios brinquedos, sempre gostei de mexer com couro, com metal, com madeira, com uma série de coisas assim. Acho que a questão de fabricação do instrumento foi uma coisa muito natural. A partir do momento em que eu comecei a tocar, a gente não tinha no interior internet para descobrir onde se consertavam essas coisas. Então começou a surgir como necessidade de consertar meus instrumentos, em coisas pequenas, em pequenos reparos para amigos. Depois disso, partir para a fabricação de instrumentos foi só uma questão de tempo. O primeiro instrumento que fabriquei foi a partir do final de 2004, começo de 2005. Eu meu trabalho não vejo diferença entre o artesão e o luthier. Penso que todo artesão que trabalha com instrumento de corda é um luthier. Por que não? Mas, por outro lado, posso pensar também que nem todo luthier é um artesão a partir do momento em que ele optar por trabalhar de uma forma mais em série, de uma forma mais automatizada. Tenho uma relação meio espiritual com cada instrumento. Faço um a um. Eu cedo muita energia para cada instrumento. É uma forma mais difícil de trabalhar em produção porque demanda mais tempo pra fazer essas coisas. Porque, se eu pegasse, de repente, e fizesse uma linha aí de 20 ou 30 instrumentos. Não vejo tanta diferença entre o artesão e o luthier, mas muitas vezes me apresento como artesão para não ter que ficar explicando, porque tem muita gente que não sabe o que é um instrumento”.

Perguntei-lhe se tinha algum mestre. Falou acerca disso da seguinte forma: “Eu estava trabalhando numa empresa, como zootecnista, fui morar em Lins, e atendia toda a região ali em volta. Eu já tinha uma viola do Levi, que ele tinha feito para mim alguns anos atrás, então já conhecia o Levi. Morando em Lins, eu estava a uns 50 KM da casa do Levi em Pirajuí, e isso acabou me aproximando dele um pouco. Eu passava na região pra bater papo, até que um dia eu bati na casa dele e falei que queria fazer um instrumento, pois eu sabia que ele dava oficina de viola. Falei pra ele somente explicar o passo a passo da fabricação do instrumento e que nem precisaria pegar em ferramenta. Acho que foi aí que começou. Então se eu

tiver de falar que tenho um mestre, digo que foi o Levi. Depois muitos outros me inspiraram. Mas hoje a gente brinca com isso e o Levi afirma que quando fui à casa dele eu ‘já era um luthier’ e que só deu o pontapé inicial. Considero muito a abertura de portas que o Levi me deu. Fazer instrumentos como ele faz é pouca gente que consegue com uma precariedade de alguma ferramenta, sem estruturas maiores de serras, o cara se vira muito bem. São muito legais os instrumentos dele.”

Pedi que falasse de suas violas “metálicas” e ele falou o seguinte: “Quando comecei a fazer instrumentos, comecei a importar peças e acabei importando um tampo metálico *ressonator*. Resolvi, então fazer essa viola “dinâmica” minha, que no final das contas acabou nem dando muito certo porque é um instrumento bastante diferente em termos estruturais em relação ao instrumento tradicional, acabou dando um problema e, por essa razão tive que fazer uma segunda viola rapidinho e, logo em seguida, teve o encontro “Violeira”, de Votorantim, se não me engano foi em 2008, e aí, por ocasião, estava o Ricardo Vignini lá, um violeiro que eu já conhecia de ter encontrado em outros lugares, e fui mostrar minha viola. Ele é canhoto como eu e pediu pra tocar no palco com essa viola. Tocou e não me devolveu a viola nunca mais. Negociamos essa viola e ela está com ele até hoje. Ele começou a mostrar meu trabalho com essa viola. A Del Vecchio tinha parado de fazer, a Rozini não fazia ainda a Viola Vibrante, também com tampo de metal. É um instrumento que não tinha tanta procura na época. Não sei te falar o número, mas talvez eu tenha feito hoje mais de 15 violas dinâmicas.”

Perguntei sobre os consumidores de seus instrumentos. Ele respondeu: “Meus clientes são pessoas, principalmente, que gostam de coisas especializadas. Especializadas no sentido de ‘únicas’ assim mesmo. Como trabalho instrumentos de forma individual, personalizado, acabo atraindo pessoas que querem esse tipo de trabalho. Hoje seria até mais difícil se eu quisesse produzir mais em série. Não sei se eu teria tanta procura pelos instrumentos. Meus clientes chegam com algumas ideias pré-concebidas em termos de material e estética. Hoje estou na marca de 260

instrumentos produzidos, que é um número pequeno, se for comparado aos números de uma fábrica, mas para fazer de um a um precisei de mais de doze anos. Não tenho nenhum instrumento igual ao outro. Em tudo são diferentes: na estética, na sonoridade, na estrutura. Acho que isso acaba sendo uma coisa legal. E quem me procura quer justamente um trabalho diferenciado. São pessoas que sabem que aqueles instrumentos são feitos exclusivamente para elas e, claro, nesse 'bolo todo' tem muitos músicos, grandes nomes da música, que levam meus instrumentos. Todo luthier enfrenta esse problema, que é a questão comercial. Tem artista famoso que ganha instrumentos para fazer a divulgação e, muitas vezes, esse tipo de artista acha que o luthier tem que dar um instrumento pra eles. Isso para mim é conversa fiada. Não faço isso porque meu trabalho é pequeno em termos de produção e, por isso, não tenho condições de dar instrumento. Mas a maioria dos artistas valoriza bem o meu o meu trabalho. Mas não estou preocupado com isso. Não trabalho com metas e estatísticas. Meu trabalho vai indo assim... Trabalho só sob encomenda, minha fila é lotada de espera. Apesar da crise em outros setores, tenho ainda uma fila muito grande de espera, então não tenho tempo de fazer instrumentos fora dessa linha do tempo de minhas encomendas. Normalmente eu seguro alguns instrumentos, talvez uns três por ano, para testar novas estruturas, novos formatos, com coisas que eu não faço para clientes diretamente, porque eu entendo que se o cara encomendou algo e teve aquela referência, não dá pra eu chegar e entregar outra referência 'pra' ele. Normalmente eu testo primeiro alguma coisa que geralmente eu queira fazer e, se aquilo ficou legal, a partir daquele momento eu começo a implantar uma nova estrutura. Isso vai mudando. É o aperfeiçoamento. Há algum tempo mudei a estrutura das dinâmicas a partir de um teste. Então todas as novas dinâmicas vão ser feitas a partir de uma nova referência. Minha produção hoje varia em torno de vinte a trinta instrumentos por ano. Uma média de 25 instrumentos, o que seria, aproximadamente dois por mês. Como o instrumento que eu toco é a viola e o meio em que toco e conheço mais as pessoas é o meio da viola eu diria que aproximadamente 80% da minha produção seja de violas e, nos outros 20% acabo dividindo entre violão, cavaquinho, pra bandolim,

uma produção bem menor. Há pouco tempo quase não se falava em viola. Quando comecei a tocar, não tínhamos muitas opções. Era um negócio quase morto. Não quero dizer meio morto, mas era um negócio muito abaixo do que é. Na última década a viola cresceu muito, hoje as pessoas têm mais informações. Nesse aspecto a internet ajuda muito.

Sobre representação, também perguntei a Luciano Queiroz o que representava a viola para ele. Luciano fez as seguintes colocações: “Pra eu te falar o que representa a viola, tenho que te falar primeiro o seguinte: tenho recordações desde muito pequeno de querer tocar algum instrumento. Passei por fases de querer tocar guitarra, querer tocar sax, tocar violino, sei lá, qualquer coisa que vinha à cabeça. Como ninguém na família é músico, vivia no interior, não tinha escolas de música. E meus pais não tiveram sensibilidade de procurar alguma coisa. Eu não sei nem se tinham condições financeiras na época ou se existia realmente alguma escola de música na cidade, enfim, sempre tive essa vontade... Eu comecei a tocar viola quando eu fui pra São Paulo fazer cursinho pré-vestibular logo que eu terminei o 3º colegial (hoje 3º ano do Ensino Médio). Foi a primeira coisa que eu fiz para marcar a minha independência, primeira coisa que eu fiz de conta própria. Eu ainda estava dependente financeiramente, mas já estava caminhando sozinho. Além de toda a carga histórica que a viola tem com a música caipira, todo esse legado que todo violeiro carrega junto, eu carrego essa questão de um símbolo de maturidade pessoal. Acho que foi uma fase de virada na minha vida. Foi em relação a isso aí.

Por último, questionei o que representava para ele ser luthier para a comunidade. Luciano Queiroz deixou as seguintes palavras: “Eu acho um tanto difícil. Quando eu decidi que seria um luthier, não sei em que ponto da história. (Mas) Teve um ponto em que eu decidi que eu queria isso pra minha vida e eu achei que seria talvez um pouco mais fácil, mas a relação com as pessoas é sempre um problema em todas as profissões. Agradar uma classe de violeiros que a gente sabe que não é tão unida por variados estilos. Você tem dezenas de classes dentro de uma classe só. Acho que essa é a grande dificuldade, é tentar se manter... não vou dizer isento, mas

tentar se manter com relacionamento com todas as classes. Acho que essa é a grande questão. Uma coisa que eu sempre comento pra todo mundo nas oficinas que eu faço de viola é que aprender a fazer o instrumento é a parte mais fácil de toda a história. Aprender a viver como um luthier que é o difícil da questão. Então, assim, ser um luthier nessa comunidade de violeiro é uma coisa tanto orgulhosa no sentido de poder fazer os instrumentos que os violeiros querem e que os violeiros precisam, como também é um grande desafio se manter ativo nessa confusão de categorias, digamos assim.”

1. Preparação do braço.
2. Dobrando lâmina lateral.
3. Preparo da lâmina lateral em forma.
4. Preparo do leque harmônico.
5. Preparo da parte interna.
6. Travas do tampo.
7. Colagem do fundo.
8. Início do polimento.
9. Preparação do braço
10. Parte de trás do braço
11. Confeção de desenho da marchetaria.
12. Anexação do desenho na escala

Fotos: Luciano Queiroz

Figura 16 – CONFECÇÃO I

Fotos: Luciano Queiroz

- 13. Furos do cavalete.
- 14. Preparo do rastilho.
- 15. Preparação do cavalete para o rastilho.

Figura 17 - CONFECÇÃO II

16

17

Fotos: Luciano Queiroz

16. Viola caipira com tarrachas metálicas

17. Viola caipira com mosaico inspirado na simplicidade dos desenhos antigos.

Figura 18 - VIOLA CAIPIRA

Fotos: Luciano Queiroz

Figura 19 - VIOLA BRANCA

Fotos: Luciano Queiroz

- 22. Viola cinturada (com cintura fina).
- 23. Viola clássica (com caixa de ressonância maior).
- 24. Detalhe na oposição de cores das madeiras.
- 25. Escala com marchetaria e furo lateral de "retorno" do som ao violeiro.

fig. 18 - VIOLA CHANFRADA

26

27

Fotos: Luciano Queiroz

26. Viola "dinâmica" com frisos no tampo e retorno lateral.
 27. Violão "dinâmico".

Figura 20 - VIOLA E VIOLÃO DINÂMICOS

28

29

30

Fotos: Luciano Queiroz

- 28. Viola "dinâmica" com tarrachas verticais.
- 29. Tampo metálico preto e duas bocas no tampo.
- 30. Imagem inteira da viola "dinâmica" branca.

Figura 21 - VIOLA TAMPO METÁLICO

31

32

Fotos: Luciano Queiroz

31. Tampo metálico e bocas diferenciadas na viola "dinâmica".
 32. Imagem inteira da viola "dinâmica".

Figura 22 - VIOLA DIFERENCIADA

Fotos: Luciano Queiroz

33. Opção pela simplicidade na viola "dinâmica" sem marchetaria, com frisos laterais e verniz destacando a cor da madeira.

Figura 23 - DINÂMICA SEM MACHETARIA

Os encontros de violeiros têm grande importância para a manutenção desse espaço para atualizar a discussão que fortaleça o segmento. Afirmamos por experiência própria que tocar num encontro desses é uma grande alegria já que a troca de experiências é muito rica

para quem participa de um evento desses. Nessas ocasiões todas, cujo público ainda ouve CD, os artistas expõem e comercializam seus álbuns de maneira bastante expressiva, oferecendo a preços assecíveis, não havendo terceiros entre o artista e o público consumidor desse produto fonográfico. Destacamos aqui que uma grande parcela desses artistas não está ainda ligado a plataformas digitais que poderiam expor trabalhos inteiros de álbuns, tais como Spotify, Deezer, Napster e outras. Este talvez seja um desafio para os próximos anos a ser posto em pauta nos próximos encontros: o acesso às plataformas digitais com a finalidade de fazer a divulgação de trabalho gravado para público que mais atuante na internet.

Essa é uma das grandes diferenças entre o circuito dos violeiros que atuam no estado de São Paulo e o circuito de outros segmentos da música que se apresentam com certa ligação à cultura rural, como o das duplas “sertanejas” vinculado à indústria dos rodeios, também conhecido como “universitário”, no qual se veiculam as músicas também chamadas de sertanejas. Nesse segmento, por exemplo, grandes grupos empresariais ou redes de mídia televisiva de alcance nacional, fornecem condições para que as apresentações musicais ocorram por meio de venda de ingressos a um público que não questiona os valores incomparáveis ao que se paga por uma apresentação do circuito dos violeiros num teatro, por exemplo. A produção dos espetáculos do circuito falsamente identificado como “sertanejo universitário” também é de extrema grandeza, na qual se empregam recursos tecnológicos que destoam da realidade e da cultura dos caipiras que produzem músicas com violas caipiras. A divulgação e venda de álbuns e arquivos digitais das duplas sertanejas “universitárias” se insere num esquema empresarial muito mais abrangente do que o artesanal sistema de distribuição e venda do trabalho dos violeiros já que estes concentram as atividades que envolvem também criação e produção de sua música.

Por meio de ferramentas de comunicação, teríamos indiscutivelmente uma cena musical mais abrangente, proporcionando ao público consumidor opções de estilo musical. Assim, em redes sociais, em

sites e blogs próprios ou postagens de vídeos no YouTube, temos muitas opções para o acesso a diversificadas músicas e estilos, entretanto não acontece a democracia dos espaços por várias razões que iremos discutir aqui.

Diante da realidade que liga público e artistas por meio de diferentes plataformas, este trabalho busca em identificar elementos que apontem para uma possível ausência de democracia no que diz respeito à escolha por parte do ouvinte acerca do que se ouve ou também no que diz respeito à ausência de espaços para execução do trabalho artístico-musical, envolvendo parte do segmento dos violeiros que atuam no estado de São Paulo. A força da cultura caipira, como afirma Martins (2004), sobrevive residualmente até hoje desde os tempos da Colônia e dá sinais de que se fortalece para novos tempos em que a tecnologia pode estar associada a esse fortalecimento. Por essa razão, nesse trabalho, discutiremos, além da ampliação descritiva dessa cena por meio de um mapeamento dos violeiros, folgedos e artesãos do estado de São Paulo, traremos para esse estudo a discussão acerca das representações dos elementos vinculados a essa cultura e seus integrantes, do processo de marginalização e intensificação das “linhas abissais” que separam um grupo protegido num aparato midiático e um grupo marginalizado. Discutiremos também as tentativas de silenciamento dos elementos dessa cultura, que resiste numa sociedade cujos valores se divulgam nos meios midiáticos são de apego ao consumismo, opostamente ao que se prega na arte veiculada pelas mãos dos violeiros desse circuito.

CAPÍTULO 3

3.1 - Depois de um longo trajeto de discriminação do caipira, de sua música, de sua cultura, a virada

No método regressivo-progressivo, chegamos ao momento da dialética lefebvriana (Histórico-genético), no qual o buscamos o reencontro com o presente, na tentativa de melhor compreendê-lo e explicá-lo. Desse modo, posta uma linha cronológica da música tocada com viola no país e, com certa coleta de depoimentos que expressam variadas relações de representação, seguimos na busca de demonstrar que, depois de longo percurso de marginalização da música, da cultura e do próprio sujeito caipira, há um momento de virada por meio da qual uma geração de violeiros reconstrói uma ponte entre a cidade e os caipiras, perdida em profunda linha abissal entre o elemento urbano e o integrante de uma cultura sólida, representada por meio da viola caipira nas falas de cada sujeito que com ela mantém visceral relação, da qual se orgulha e com a qual se relaciona intensamente em seu cotidiano.

Reiterando Lefebvre no contexto em que nos inserimos, as relações de representação entre a cultura caipira e a viola se dão por meio da sobreposição do representante (a viola, a música, o violeiro) a seu representado (a cultura caipira e suas conexões). O mesmo autor coloca que aquilo que se representa está **presente** e **ausente** na representação, que faz o intermédio dessas duas ocorrências não excludentes. Dessa forma, o representante pode estar presente e ausente ao mesmo tempo na representação, atuando por meio de substituições e deslocamentos de elementos representados (LEFEBVRE, 1983, p. 34).

A partir dos depoimentos de violeiros, artesãos e produtores culturais, podemos dizer que há uma relação cotidiana na realidade social entre as pessoas que promovem a viola, a música e a cultura dos caipiras.

Nos encontros em que estivemos presentes, há grandes reflexões que são trabalhadas coletivamente nas quais são “concebidos” saberes que dialogam com “vivido” cotidianamente no sentido de fortalecer o exercício

de tal cultura, por meio da qual se veicula uma arte que expressa o cotidiano de uma comunidade caipira.

Na arte expressa por essa comunidade de violeiros, ocorrem representações formadas a partir do cotidiano e, por meio delas, o vivido se faz dissimular, seja na poesia presente nas letras cantadas, seja na sonoridade da viola que busca imitar o “pássaro Irapuru”, na música de Júlio Santin, o “movimento da canoa”, de Zé Carreiro e Alocin , da “tempestade” de Rogério Gulin, o próprio sentimento matuto do Matuto Moderno. A vida do caipira está presente e ausente em sua música e, nesses deslocamentos e substituições que se interpõem entre o representado e o representante, estão as relações entre a importância da viola caipira nessa comunidade como representante de sua cultura expressa.

As representações entre o concebido e o vivido são, para Lefebvre, os elementos mediadores, que, muitas vezes, podem consolidar e modificar a díade, ou até mesmo desaparecerem. Concebendo-as do ponto de vista da sociedade em que se inserem, as representações constituem-se no modo como os grupos são e como se veem, como pensam sua atuação, como lidam com suas frustrações e com o futuro. Lefebvre (1983, p. 94-95) escreve que as representações são fatos de discurso e de práticas sociais. Desse modo, as representações são provenientes de “sujeitos” individuais e coletivos, que buscam nova relação de respeito com a macro sociedade que discriminou essa cultura legitimamente ligada às práticas culturais no Brasil.

Para melhor entender o presente, depois de visitar pelo passado e de entender a complexidade social em que se coloca a viola, a música produzida por ela e o violeiro, fazemos aqui alguns cruzamentos de olhares já estabelecidos acerca dessa realidade.

Primeiro reafirmamos que há um longo caminho de discriminação a que foram submetidas a cultura “local”, “nacional” e a viola a partir do século XIX, período marcado por grandes transformações a partir da

chegada da corte portuguesa em 1808. Se hoje há um denso movimento cultural que se liga à viola e que a tem à frente, nas representações, de suas práticas culturais, existem elementos marcadores de uma dissidente semântica que a tentou colocar num patamar secundário, atrás das estéticas europeias advindas para o Brasil.

Lembramos que nosso estudo tem como foco a viola paulista embora tenhamos como exemplo e apoio ações de violeiros atuantes em outros estados com os quais mantemos abrangente diálogo, entretanto devemos considerar a força que a capital fluminense teve durante o século XIX em relação a todo o país. Assim buscamos importante pesquisa que se debruce sobre a trajetória do instrumento no Rio de Janeiro. Castro (2007), em estudo realizado acerca de “Os caminhos da viola no Rio de Janeiro do século XIX”, faz alguns apontamentos segundo os quais a viola era um instrumento presente no espaço urbano e rural até meados do século por ele estudado. Com a efervescência cultural promovida na cidade do Rio de Janeiro, devido à presença da família real e mais uma aristocracia de aproximadamente quinze mil integrantes, a cidade passou a ser mais visitada por viajantes, comerciantes, artistas. Nota-se, nesse período, a inserção da “guitarra francesa”, instrumento que seria denominado no Brasil de violão e que, aos poucos, ocuparia lugar de acompanhamentos de modinhas, lundus, choros, maxixes, sambas, fados cateretês e outros ritmos. O estudioso faz levantamento iconográfico na obra de Jean Baptiste Debret e de Johann Moritz Rugendas, pintores europeus que estiveram no Brasil em distintas missões “oficiais”, que proporcionaram o levantamento de obras autorais que registrariam aspectos da sociedade brasileira da época. Tanto na obra de Debret quanto na de Rugendas, é comum a presença da viola, da rabeca e do berimbau, também chamado por Debret de “viola d’Angola” ligados a figuras mais populares do que um instrumento, na época chamado de “Bandurra”, mais ligado a pessoas brancas pertencentes à elite brasileira.

O mesmo autor (2007) faz rico levantamento na literatura no século XIX, que também registrava características e valores presentes na

sociedade burguesa do Rio de Janeiro. Aponta que Joaquim Manuel de Macedo, principal autor da literatura que discorreu sobre a capital fluminense, em “A Moreninha”, estabelece relação de oposição entre a música, de um lado, tocada com piano e harpa e, de outro, a executada com a desafinada viola. É nítida a visão discriminatória sobre os gêneros nacionais tocados com a viola e as influências europeias tomando crescente espaço sobre os compositores da época na obra de Macedo. Em “Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro”, Macedo registra, quase vinte anos depois de “A Moreninha”, a percepção de ausência de uma autêntica música brasileira “sacrificada ao canto italiano”, que passava a influenciar os “nossos compositores”, tornando-se “pensamento dominante”. Notou que os lundus e as modinhas “foram banidos dos salões elegantes” e com “todos os costumes primitivos” fugiram “para as sombrias florestas do interior” e que lá se achariam “felizmente conservadas com sua pureza patriótica”, onde “a população agrícola a asila, alimentando a flama das recordações passadas que o estrangeirismo apagou das cidades”. No estudo de Castro fica levantada essa hipótese de um fenômeno migratório de uma música tocada pelas figuras populares, com a viola, que sai do espaço urbano para ser abrigada por uma população rural. Vilela (2015, p.44) também aponta para o início de um processo de marginalização dessa música com as irmandades expulsas das cidades no processo de romanização do catolicismo ortodoxo. Em tal estudo, registra a presença das festas do Divino do Rio de Janeiro e folias nas igrejas na cidade de São Paulo. Com a mudança de tais manifestações para o espaço rural, aos poucos, danças como mazurca e polca encontram acolhimento no meio rural já que caíram em desuso nos salões urbanos. Vilela destaca que o caipira se utiliza do “dejeto” cultural urbano, recria-o e o integra ao seu cotidiano num período em que o “jovem violão” toma corpo na cidade. O século seguinte levaria o Brasil ao contexto do modernismo, período em que seriam valorizadas as máquinas, a velocidade do espaço urbano, a eletricidade e outros confortos que ainda demorariam a chegar às populações rurais. O caipira de “Velha Praga”, conto de “Urupês (Lobato), sela o estigma maniqueísta que põe toda uma população culturalmente

vinculada à ideia de atraso e de ridículo. Marcado como “O caboclo é uma quantidade negativa” que “exaure a terra”. A imagem surrada do caipira desdentado, mesmo sobrevivente devido à sua astúcia, sobressai-se ao longo das décadas do século XX. São muitos os personagens caipiras com suas pitorescas atuações que de uma ou outra maneira reforçaram os estigmas: o Jeca Tatu, os personagens de Mazzaropi, Chico Bento, dos quadrinhos de Maurício de Souza, o Homem de Itu, do programa humorístico “A Praça é Nossa”, Nerso da Capitinga, da “Escolinha do Professor Raimundo”, Sassá Mutema, da novela “O Salvador da Pátria”, a Filomena, personagem interpretada por Gorete Milagres. Vincular-se à imagem de suas personagens caipiras o componente humorístico pode ser o elemento que faz emergir a sobrevivência do aparente analfabeto que, com dificuldade, faz descortinar-se um mundo marcado por sua ignorância, que simboliza um mundo dentro da porteira, sua falta de escolaridade que se manifesta sobretudo no falar caipira. Os caipiras que soaram nas ondas do rádio, seja ao vivo ou nas faixas dos antigos LPs (Long Plays), de certa forma, expressaram-se nesse registro fonográfico por meio de dialeto caipira. Bagno, em “Preconceito linguístico – O que é, como se faz?” (1999), afirma:

O preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade.

Atrai-se ao preconceito linguístico, segundo Bagno (2015), o preconceito sociocultural, o regional, o econômico, ou seja, uma série de outros estigmas concentrados num só indivíduo: o caipira.

Ao longo das décadas, depois da consagração da música caipira pelas ações de Cornélio Pires e pela difusão do rádio, houve um divisor de águas depois do processo de eletrificação das duplas após Léo Canhoto e Robertinho em 1969. Já representando uma geração de filhos de migrantes que saíram do campo e se refugiaram no espaço urbano, Léo Canhoto e

Robertinho passaram a representar um novo paradigma instrumental que acompanharia os cantores das duplas de cantores que ainda estavam vinculados aos tocadores de viola provenientes do campo. Léo Canhoto e Robertinho introduziram guitarras elétricas, teclados, contrabaixo e bateria em vez de viola e violão. Esse modelo de acompanhamento das duplas seguiu-se nas décadas posteriores e a dupla de maior sucesso e vendagem de discos que emerge a partir da década de 1970, mas se consagra na década seguinte foi Chitãozinho e Xororó. Nesse contexto das duplas que passaram a ter a emergência das festas de peão e feiras agropecuárias como o espaço para a montagem de grandes estruturas em que seriam apresentados os espetáculos cuja referência maior já não era o exercício de uma cultura nem a viola como a representação dessa cultura. Passa-se a vincular a imagem do caubói americano ao frequentador do rodeio de modo que fica muito clara a existência de dois tipos de artistas ligados à música chamada de sertaneja, que deveria ser “oriunda do sertão”: a música dos caipiras e a música dos cantores das duplas sertanejas que, a certa altura, já na década de 2000, passou a ser chamada de “sertaneja universitária”.

Enfatizamos aqui que nosso intuito, nesse momento de nosso trabalho, não é traçar precisa linha do tempo após a emergência dos cantores do “sertanejo elétrico”, mas ressaltar que passa a existir um abismo que se abre entre uma linha plástica de música produzida para a indústria do disco e do entretenimento de um lado e, de outro, uma outra corrente de artistas que punham à frente a viola e um universo de representações a ela ligado.

Seguindo com a divisão dos caipiras em dois blocos ligados à música, trazemos o apontamento de Safatle (2016, p. 135), que menciona um tipo de violência que consiste num deslocamento de identidade corpórea que migra, desvinculando de suas narrativas identitárias e passa a ser habitada pela violência dos fluxos contínuos codificados pela “forma-mercadoria”. O mesmo autor (idem, 150) expressa que o mercado fonográfico é uma peça fundamental para a constituição de tendências estilísticas também por meio das representações. Dessa forma, quando

aborda “a exploração da economia libidinal”, toca não só nos sistemas de trocas econômicas, mas também aponta para um regime de gestão social e produção de formas de vida que traz uma corporeidade específica. Nesse processo de transformação do caipira em falso sertanejo gerido pela indústria fonográfica, empregamos mais uma expressão desse autor, já que, segundo suas palavras, é comum a “flexibilização normativa” de gêneros que são criados, reproduzidos para, enfim, serem desejados pelo público consumidor desse produto musical. Dessa forma, é comum que uma dupla sertaneja cante com o característico vibrato desse gênero uma canção cujo ritmo se aproxima mais a outros gêneros, como por exemplo, o “axé music”. Contextualizando a abordagem que faz acerca da questão do medo presente na parcela que receia a exclusão ou “morte social”, assim colocada em seus termos, podemos entender que são a essas adaptações de um gênero para outro com o intuito de se manter “vivo” no mercado fonográfico. Aponta ainda para uma tendência que se baseia na racionalização de ações a partir de dinâmicas de “maximização de performances”. Isso também podemos entender como adequação de certas coreografias que se inserem na execução de refrões. No nicho que podemos chamar de “Star System”, é comum que um empresário seja o “dono” de uma dupla sertaneja, que compre as músicas compostas por alguém, mas gravadas por uma dupla dirigida por esse sistema e, a partir de impulsos publicitários, tais canções sejam transformadas em “hits”, que serão veiculados nos meios de comunicação, farão parte de trilhas sonoras de novelas e serão entoadas em coro pelas multidões literalmente arrebanhadas nos currais das festas de peão. Zan, em artigo no qual discute “Desterritorialização e novos hibridismos na música sertaneja”, escreve que, mesmo com todo o aparato tecnológico a serviço da construção de um produto dessa indústria da música, os sertanejos do pop sempre gravam em seus álbuns, ao menos uma música com arranjos mais vinculados às raízes, talvez como estratégia para legitimar a produção que se insere com tantas transformações estéticas, mesmo que continue a ser chamada de dupla sertaneja.

Essa breve associação aqui posta entre o caminho pelo qual seguiu a parcela de “artistas” do “sertanejo elétrico” depois de Léo Canhoto e Robertinho é só o impulso para chamarmos atenção a uma realidade estética e cotidiana da qual a comunidade dos violeiros tem convicta noção de que quer distância. Em todos os depoimentos colhidos nenhum artista falou que almeja sucesso e que aspira às cifras referentes a vendas milionárias de suas músicas. Há, contrariamente, menção à alegria do reencontro com outros violeiros e, a partir de mais uma oportunidade, gerar o que se chama de crescimento pessoal, espiritual por meio da convivência com seu semelhante etnomusical, o outro violeiro, ainda que se releve o amplo quadro marcado pela diversidade presente neste segmento.

Paralelamente à emergência de artistas que seguiram o modelo fonográfico do “sertanejo elétrico”, em 1977, surge o registro de “A Fantástica viola de Renato Andrade”, abrindo um paradigma de música instrumental a ser tocada com a viola caipira. Trata-se do trabalho de Renato Andrade, mineiro de Abaeté, que trocou anos de dedicação ao violino pela viola caipira por uma questão de identidade com o instrumento ligado à cultura à qual pertencia. Esse violeiro lotou teatros, habitualmente destinado ao público erudito, mas fez ricos concertos com viola. Muniz (2011), em “Entre o Sertão e a Sala de Concerto: um estudo da obra de Renato Andrade”, estudo que se concretizou em dissertação de mestrado defendida na Unicamp, aponta para a grandeza da obra de Renato Andrade e a importância de sua inserção na academia. Tal artista é reconhecido como um grande influenciador de uma nova geração de violeiros que iria emergir na década de 1980.

Nepomuceno aponta que, antes de Renato Andrade, inspirados pelo mestre Theodoro Nogueira, de quem foram alunos, Barbosa Lima e Geraldo Ribeiro, em distintos trabalhos, também executaram a música erudita com viola caipira, chamada de viola brasileira pelos concertistas (1999, p.178).

Em 1981, Almir Sater grava seu primeiro álbum solo, “Estradeiro”, mas é a partir da década seguinte que ganha projeção com um

personagem violeiro que representou na novela “Pantanal”, veiculada pela rede Manchete de televisão.

Nesse mesmo período, no início da década de 1980, a revista *Guitar Player* dos Estados Unidos elegeu Helena Meirelles como uma das 100 melhores instrumentistas do mundo em 1993. Isso desencadeou uma dupla projeção: a da mulher violeira e a da música fronteira do Pantanal. Com estilo marcante de tocar suas violas, Helena fez intensa turnê em teatros e espaços variados divulgando para um público atento não só às músicas, mas à cultura que era posta à frente desses concertos.

Outra figura surgiu nessa década. Emergente da década de 1980, advindo do interior paulista, o limeirense Gedeão da Viola, marcou o cenário da viola com o álbum independente “Pau Brasil”, título também da música instrumental que foi tema de abertura do programa “Viola minha viola”, apresentado por outro estandarte que se vinculava às “lendas vivas” da viola caipira: Inezita Barroso.

Não editada no idioma original, a revista estadunidense passou a ser publicada aqui no Brasil. Não especificada em viola, mas em guitarras, a revista **Guitar Player Em Português**, quebrou um tabu no universo dos guitarristas no ano 2, na edição nº 19, e trouxe uma matéria que abriu um panorama de opções de “sotaques” para os jovens músicos que buscavam novos paradigmas sonoros que pudessem ter mais vínculo com a identidade cultural brasileira. Na mesma edição, a revista trouxe numa só matéria uma noção sobre o trabalho de Paulo Freire, Almir Sater, Roberto Corrêa, Ivan Vilela, Pereira da Viola, Pena Branca e Xavantinho, Zé Mulato e Cassiano, Passoca, Tavinho Moura e Manoel de Oliveira.

A publicação, cuja chamada de capa era “Viola, instrumento do Diabo”, foi tão ampla que gerou ciúmes de guitarristas, reclamando na edição seguinte, alegando que se tratava de uma revista que não deveria abrir o espaço para a viola já que se tratava da revista “Guitar Player”. Muito interessante a exploração da figura do Diabo, tão comum no meio dos metaleiros, dando até a impressão de que os violeiros estavam “roubando”

o Diabo do clã dos guitarristas. Na matéria, inclusive, havia dicas e “causos” de violeiros que faziam pacto com o Tinhoso em encruzilhada, de como melhorar a técnica passando uma cobra venenosa entre os dedos ou, ainda, de expressar devoção a São Gonçalo.

Todos esses nomes mencionados foram extremamente importantes na formação de uma forte influência e referência para uma geração seguinte de artistas que passariam a ter a viola como referência de seus trabalhos a partir da década de 2000. Seja em Encontros Nacionais de Violeiros, com apoio de organização do MST, seja em encontros sediados pelo Sesc de Campinas ou o de Araraquara para os projetos “Caipira Groove” e o “Viola Turbinada” para as respectivas unidades, grupos e violeiros com trabalhos solos passaram a se reunir para tocar com projetos libertários em relação a uma visão ortodoxa da viola, fundindo-a a instrumentos comumente empregados em bandas de rock. Dessa cena emergiram grupos como o Mercado de Peixe, o Matuto Moderno, Dotô Jéka, Dioni Zica, Cabocloada, Fulanos de Tal, juntamente com nomes de violeiros cujos trabalhos eram muitos representativos de uma cultura da qual os artistas tinham muito orgulho.

Nesse período, o selo Obi Music aceitou acolher um movimento batizado de “Moda Nova”, por sugestão do cineasta Reinaldo Volpato, já que a Bossa nova estaria completando cinquenta anos. O trabalho, que se concretizou numa coletânea registrada em CD, lançada em 2003, foi produzido pelo vocalista dos Fulanos de Tal Newton Barreto. Dessa coletânea participaram Dioni Zica (Araraquara), Mercado de Peixe (Bauru), Matuto Moderno (São Paulo), Fulanos de Tal (rio Claro), Saci Crioulo (Campinas) e Caboclada (São Paulo). Nos encontros de que participaram esses grupos, já não havia o músico que contaria sua história, vinculando-o a uma realidade rudimentar que se atrelou durante décadas aos emergentes da cultura advinda da zona rural, tal como um nascimento pelas mãos de uma parteira, por exemplo. Os artistas que ali se apresentavam com viola traziam o orgulho do reconhecimento de sua

cultura caipira, ainda que inserida num contexto urbano e universitário, para um público de milhares de pessoas.

Segundo Zan, em “(Des)Territorialização e Novos Hibridismos na Música Sertaneja”:

A cidade de Campinas, no interior paulista, que atualmente possui três grandes universidades, sete faculdades isoladas e quase cinquenta mil estudantes de terceiro grau, transformou-se num centro aglutinador desses grupos e divulgador dessa produção. A cidade foi sede do festival Caipira Groove nos anos de 2002 e 2003, realizado no ginásio do SESC, em que milhares de jovens reuniram-se para ouvir as bandas que compõem o novo movimento musical que recebe várias denominações.

Lembrando que, nesse período, outro elemento importante para o cenário que se abria à viola foi uma publicação de Belo Horizonte, a revista Viola Caipira, editada de 2003 a 2009 por Pedro Lemos Fonseca Moreira Barbosa, mais conhecido como o Pinho, que proporcionou, a todas as regiões do país onde ela chegou, acesso a imagens, localização de artesãos, informações sobre trabalhos artísticos e dicas de ponteados.

Esse impulso, nesse contexto, na primeira década do século XXI, abriu um novo caminho para a cena que se liga à viola gerando uma perspectiva positiva em relação ao instrumento, que outrora fora marginalizado.

Sobre essa cena, o antropólogo Hermano Vianna, que a denominou de “pós-caipira”, em artigo intitulado “Caipira hoje” (2002), enfatiza uma diferença essencial entre o que modelo e que é marginal, resgatando o já citado texto de Monteiro Lobato:

Vou tratar o Jeca Tatu como herói, pelos mesmos motivos que na visão de Monteiro Lobato ele era uma praga ou um motivo de vergonha nacional. Vamos à sua descrição, com citações tiradas dos textos do criador do Sítio do Picapau Amarelo: o caipira seria "espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças." E mais: "recua para não adaptar-se."(sic) Ou então: "existe a vegetar de

cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso." Eis aí, naquilo que Monteiro Lobato enxergava como vício, todos os traços de um herói contracultural (ainda mais hoje, quando falar bem do ócio voltou à moda).

Vianna questiona ainda o que é ser civilizado nesse modelo proposto verticalmente por aquilo que chamamos de civilização. Propõe a celebração do homem inadaptado, que recua e não abraça o “progresso” de forma submissa e opta por viver na penumbra das zonas fronteiriças.

Ricardo Vignini, expoente dessa geração que emergiu do mesmo contexto musical em que se inseriu o Caipira Groove, em depoimento abaixo transcrito, aponta três circunstâncias diferentes: as dificuldades que existiam antes não existem mais no que se refere às tecnologias disponíveis hoje voltadas à melhoria do som da viola; o enriquecimento humano e musical gerado dos encontros, que precisam voltar a acontecer; a necessidade de reencontrar com suas raízes do interior, mesmo tendo nascido na capital.

Acerca dos encontros de violeiros e grupos, Vignini diz:

“Em todos esses projetos tinha violeiros com técnicas diferentes e jeitos diferentes de tocar. Isso era uma coisa legal porque a gente aprende a ter contato com essas pessoas que tem escolas muito diferentes. É uma pena que hoje em dia eu veja pouco desses eventos acontecendo, mas foram muito importantes para a gente ter o acesso a novas linguagens do instrumento e aconteceram em vários lugares do Brasil todo. Acho até que é uma coisa que podia acontecer mais novamente para juntar o pessoal, mas aquele momento foi muito interessante. Eu tive a oportunidade de tocar com um violeiro que chamava Índio Cachoeira, produzi cinco discos dele, produzi shows, levei ele para Europa, fiz DVD, e ali eu aprendi o que era o toque mais tradicional da viola. Apesar de que o Cachoeira tinha uma coisa muito sofisticada no seu toque. Conheci também o Pena Branca, Zé da Estrada, Liu e Léu, o Oliveira e o Olivaldo, Cacique e Pajé. Todas essas duplas eu tive um contato com elas e foi uma coisa muito interessante. Mas o que mais me interessa hoje é ver a molecada nova tocando viola.”

Sobre sua origem, Ricardo Vignini afirma:

“Eu toco viola caipira e eu sou daqui da capital de São Paulo. Minha família era do interior, de São João da Boa Vista, minha mãe de Águas da Prata, ali pertinho, meus avós eram de Rio Claro, mas eu acho que eu sou de uma geração que traz aquela coisa da volta. O pessoal veio do interior, batalhou para ter as coisas, com família, aquela história que tinha, vencer na vida aqui na capital e eu sou aquele cara que fui querer conhecer as minhas origens no interior. Mas a minha música é diferente por causa da minha vivência aqui, urbana.”

Sobre a realidade tecnológica que existe hoje para a viola e ao violeiro, Ricardo Vignini comenta:

“Quando eu comecei a tocar, não existiam cordas balanceadas, tipo e jogo separado de cordas para as diferentes afinações: cebolão em mi, cebolão em ré, rio abaixo. Isso não deve ter quinze anos que existe. Antigamente os violeiros que eram mais profissionais tinham que pedir as cordas na medida ou importar isso. Hoje já é mais fácil por que já vem de fábricas, que fazem essas cordas. A fabricação de viola industrial também mudou muito. Você pega uma empresa, hoje, igual à Rozini, que tem uma produção excelente de instrumentos... E um grande número de luthiers também. Antigamente existiam poucos luthiers que usavam madeira sofisticada e hoje em dia existem muitos violeiros que tocam de forma sofisticada. Isso obrigou a melhorar a qualidade técnica dos instrumentos. A captação precisou melhorar, o jeito que são fabricados, não pode ser qualquer parte elétrica. Para colocar num palco grande e um cara conseguir tocar peças sofisticadas, a viola precisou melhorar a sua afinação.”

Osni Ribeiro, violeiro paulista e produtor cultural muito respeitado não só na comunidade de violeiros, mas por músicos, produtores e pesquisadores de todo o país, carrega o peso de ter nascido e se tornado violeiro em Botucatu, cidade referência dos caipiras Tonico e Tinoco e Angelino de Oliveira, além de ser cidade Natal de Raul Torres e Serrinha. Curador e produtor de grandes eventos ligados à viola em muitas cidades,

Osni fala sobre a viola e a sobre a projeção da viola na sociedade em que se insere:

“A viola do Brasil acho que é a viola do mundo. A gente consegue ter a viola de todas as maneiras. (Mas) eu acho que não tem o espaço que ela deveria dentro dos meios de comunicação, das mídias, das concessões públicas, que deveriam teoricamente divulgar em seus espaços a diversidade do que se produz. Eu acho que talvez falte isso. Mas eu acho que é um instrumento que gradativamente vai se incorporando no dia a dia dos músicos, da produção musical, como eu acho que aconteceu com o violão. Talvez ela tenha demorado um pouco mais para fazer esse caminho, esse processo, mas eu acho que ela tem se incorporado. Eu acho que isso vai dessa dinâmica de atuação e dessa flexibilidade que o instrumento tem. Não só com a vantagem que ela tem sobre o violão, de ela não ser, assim, um instrumento convencional no seu formato, na sua construção, nas suas afinações, a variedade é muito grande do que pode ser feito.”

Para Osni, entendemos que há boa perspectiva futura quando afirma que a viola gradativamente vai se incorporando no cotidiano dos músicos e das produções musicais como aconteceu com o violão. No que depender de ações de Osni Ribeiro, esse cenário não minguará, assim como pela ação de muitos outros produtores e agentes de cultura que estão dispostos e encarar a luta pela dignidade dessa comunidade e dessa cultura que se liga à viola caipira.

Por último, transcrevemos aqui as considerações do cineasta e produtor Reinaldo Volpato, que faz uma síntese sobre aspectos históricos e sobre perspectiva de futuro também. De forma compacta e segura emite:

“Vale lembrar que o rei do iê-iê-iê vendia um milhão de discos e Tião Carreiro e Pardinho também vendia um milhão de discos. Nos festivais de MPB, da segunda metade da década de 1960, canções como “Viola Enluarada” (Marcos Valle/Paulo Sérgio Valle) e “Disparada” (Geraldo Vandré/Theo de Barros) já tinham arranjo feito com viola mostrando afinidade do instrumento com a música popular brasileira de outras

Vertentes. Na década de 70 apareceu um grande violinista, um cara que tocava um violino de forma muito eximamente de forma muito interessante, o Renato Andrade. Ele foi consagrado nos braços da viola caipira e assumiu esse instrumento e fez retumbante sucesso. Eu dirigi o programa Viola Minha Viola nos anos 2000 e lá eu encontrei muitos discos de grupos que trabalhavam com viola caipira: o Fulanos de Tal, o Matuto Moderno, o Cícero Gonçalves o Fernando Deghi, a orquestra do Braz da Viola, vários trabalhos que misturavam a música de origem rural com rock e que estavam com seus primeiros discos. E eu convidava esses grupos e violeiros para participarem do Viola Minha Viola. Só não podia levar instrumento elétrico. Tinha que ser só instrumento acústico. E, nessa época aí, muita coisa estava acontecendo e a gente tinha um apoio muito grande do Sesc que levava esses grupos de viola para tocar lá nas suas unidades. Teve uma época em que a indústria de produção de instrumentos parou de fabricar a viola. Não tinha mais gente para comprar. Virou um produto menos importante. Mas, na sequência desses eventos todos, as indústrias voltaram a fabricar viola e hoje tem recorde de produção.”

Volpato encerra seu depoimento histórico e, com autoridade de quem foi cúmplice de um movimento de conexão entre o morador da cidade com a cultura caipira por meio dessa conexão com a viola, proferindo:

“A viola já está consagrada na música popular brasileira, na música brasileira e por que não dizer na música internacional? É um instrumento que já é sinfônico, já é turbinado e ele tem muita chance de estar exercitando as suas qualidades em todos os tipos de música que nós temos no Brasil”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos aqui alguns pontos importantes que procuramos levantar ao longo do trabalho. Antes, porém, retomamos Dias (2012) quando aponta que a movimentação cultural que existe em torno da viola caipira não ocorre por uma via única, já que a pluralidade em torno do instrumento é ampla e o número de violeiros é bastante expressivo e crescente. Desse modo destacamos aqui que este trabalho é um recorte de um pequeno olhar que se formou com a contribuição de vivências e estudos. Quando destacamos uma cena emergente de um ambiente elitizado pela proximidade de instituições de ensino e culturais, não desprezamos a rica cena local em que atuam os gigantes que tocam viola no Cururu das cidades do Médio Tietê, nas Catiras que se esparramam no território paulista e em outros estados, nas Folias de Reis, Folias do Divino, nas Danças e Romarias de São Gonçalo, nas Congadas, nas duplas de violeiros, nos integrantes de orquestras de violeiros e em muitas outras manifestações populares que se ligam à viola. Assim afirmamos que independente do percurso desses violeiros e grupos urbanos há sim uma cena rural ou nas periferias que acontece ativa e independente e funcionando como matriz de uma etnomúsica brasileira emitida por outros instrumentos e pela viola caipira.

Destacamos mais uma vez que, no estado de São Paulo, há uma rica cena musical formada por violeiros e violeiras que tocam com violonistas, percussionistas e bateristas, baixistas, sanfoneiros e com outras distintas formações e que essa diversidade se manifesta hoje em espaços plurais que se abriram ao longo de uma jornada de ações e conquistas.

Após coleta de depoimentos de como atuam e se relacionam os depoentes com a viola caipira, podemos reafirmar que a viola tem grande representação por meio de sua presença daquilo que está fisicamente ausente, mas presente na memória afetiva: uma cultura que traz a ideia do espaço rural, da lida no campo, da gastronomia caipira, do sotaque caipira, das festas dos dias de folga na roça, dos amores, do tempo dos pais, dos avós que ecoa na memória familiar. Tudo isso sem desconsiderar o espaço

urbano em que vivem hoje a maioria dos violeiros porque a população brasileira, hoje, é predominantemente urbana.

Salientamos também que os artesãos e luthiers têm hoje uma confortável situação em seu mercado de atuação. O cineasta Reinaldo Volpato, no apêndice audiovisual deste trabalho, afirma que há filas de espera para conseguir comprar um instrumento confeccionado por um luthier. Isso, logicamente, é um sinal de que o número de violeiros é crescente. Conforme afirmou Ricardo Vignini, hoje, a qualidade gerada pelo apuro na construção das violas é elevada. Hoje as violas se apresentam em grandes palcos e com capacidade de ser “plugada” a grandes estruturas de som. Assim podemos dizer que, em sonoridade, a viola está mais desenvolvida em possibilidades, feita por meio de técnicas avançadas, com mais capacidades de afinação, gerando, portanto, uma música que amplia sua pluralidade geradora de sons e timbres. Enfatizamos que os instrumentos confeccionados por artesãos, sem as tecnologias e as ferramentas tidas como modelos e que se encontram disponíveis no mercado, possuem seu grande valor no que se refere à diversidade a que está atrelada a viola que podemos chamar de brasileira. Não podemos enquadrar um modelo de timbre e afinação que se possa chamar de perfeito ou imperfeito no que se refere à viola. Ela é plural. É parte da imensa diversidade da música brasileira, assim cada instrumento que compõe nosso quadro musical com sua parte.

Os quatro artesãos que deram colaboração ao nosso trabalho sabem da importância que eles têm na comunidade ligada à viola por meio da palavra “representação”. Têm orgulho da profissão que traz em si uma história cultural, uma tradição. São, portanto, elementos de grande importância nesse quadro que se forma em torno da viola caipira.

A questão do preconceito que recai sobre a cultura caipira e seus integrantes, levantada no texto, é algo com que a comunidade lida há mais de um século, entretanto essa parcela da população brasileira já deu provas de que é resistente e de que não se insere numa cultura repressivamente frágil. No desfile das escolas de samba do Carnaval carioca de 2020, a São

Clemente, quando trazia as múltiplas faces do “Conto do Vigário”, a figura ingênua do caipira foi apontada como frágil alvo da ação de oportunistas que enganaram incansavelmente o indivíduo advindo do interior nas grandes cidades. Contrariamente ao que se pensa sobre isso, o caipira é astuto e sobrevivente de fortes tentativas de silenciá-lo, por meio da morte de sua sólida cultura. Acerca daquela parcela de migrantes que se enquadrou nos conceitos da sociedade de consumo urbana e que nega sua identidade caipira, mesmo indo ao interior durante os feriados que esvaziam os grandes centros porque muitas pessoas vão visitar parentes no interior, mantendo vínculos com a zona rural, podemos dizer que são alvo da transformação dos corpos a que se refere Vladimir Safatle. Também se enquadra nesse conceito o falso sertanejo das duplas “universitárias”, que foi submetido pela indústria fonográfica a estar mais afinado com o caubói estadunidense e se associou às correntes do agronegócio, que, em 2020, foi fazer homenagens ao presidente da república enquanto pedia que o político assinasse um decreto que cancelasse o benefício da meia entrada, que a classe estudantil conquistou em anos de luta. Do outro lado dessa vala a parcela dos violeiros caipiras faz questão de afirmar, como disse em depoimento Pereira da Viola, que o “sucesso” não é o objetivo de seu trabalho artístico, que está inserido numa luta maior, do lado da agricultura familiar, da agricultura agroecológica, associando a arte musical entoada com a viola com o alimento saudável, sem veneno, sem contra indicação, deixando clara uma posição política e cultural de resistência pela cultura popular que se coloca em oposição à mercadoria industrial, conforme organiza Lefebvre em “A vida cotidiana no mundo moderno”.

Acerca do início da “virada”, salientamos a importância de Renato Andrade como introdutor da viola caipira nos caminhos trilhados por outros instrumentos mais privilegiados que foram tocados em espaços mais elitizados para públicos mais atentos. Também enfatizamos a fundamental importância dos grandes mestres apontados neste trabalho como destacados pela revista Guitar Player – Em Português em 1997. Trata-se de Ivan Vilela, Roberto Correa, Tavinho Moura, Pereira da Viola, Paulo Freire, Zé Mulato e Cassiano, Braz da Viola, Pena Branca e Xavantinho e

Passoca. Esses artistas são até hoje inspiração para uma geração mais jovem de violeiros e bandas que tinham em comum o uso desse cordofone ou ritmos e temas ligados à cultura caipira. Destacamos que os artistas que foram reunidos nessa edição da revista são aqui chamados de mestres porque são mestres sempre, com seu trabalho didático, formador de novos violeiros e porque tocam viola como nenhuma geração anterior ou posterior tocou ou toca com técnica e abordagem de composição nunca vistas.

Tanto o festival Caipira Groove, assim como a coletânea Moda Nova, lançada em 2003 foram um sinal de inserção dos artistas que deles participaram num início de ativismo cultural numa movimentação maior. Falamos da participação de quadros emergentes dessa cena que atuam hoje. Destacamos dessa cena neste trabalho o depoimento de Ricardo Vignini e de Levi Ramiro, além de muitos outros mencionados no corpo do texto e no documentário audiovisual apêndice neste estudo. Ricardo Vignini como violeiro, compositor, produtor que ultrapassou os limites da liberdade de criação à frente de sua geração com experimentalismos que estão presentes em sua obra. Essa experimentação, certamente, será fonte de pesquisa para jovens violeiros do século XXI, que passam a ter com Vignini e outros artistas os quais também trabalham fusões de gêneros, novos paradigmas de jeitos de tocar, compor e gravar com a viola. Levi Ramiro, embora seja notável violeiro com vasta obra autoral, destaca-se aqui como um artesão, cujo trabalho com a viola é muito respeitado. O fato de ser um artesão que confecciona viola com cabaça e produzir instrumentos com sons singulares também abre caminhos para nos paradigmas de construção da viola caipira. Em Botucatu, por exemplo, o luthier Edilson, que conhece bem o trabalho de Levi Ramiro e reconhece a grandeza de seu trabalho, passou a confeccionar violas de bambu, com excelente sonoridade. Uma das vantagens desse tipo de instrumento “alternativo” é o custo mais baixo porque a matéria prima tem preços mais acessíveis do que nobres madeiras que tradicionalmente são empregadas.

Do Caipirapuru, do Seminário Nacional da Cadeia Produtiva da Música e Viola Caipira, do Seminário Para o VI Encontro Nacional, da Feira

Nacional da Reforma Agrária, como espaço para essa música, dizemos que consistem em importantes espaços para troca de experiências e organização da cena político-cultural em que se inserem os artistas presentes e depoentes para este trabalho. Marcam nítida resistência desse grupo social. Todo o grupo de organizadores desses eventos todos reconhece a necessidade de rearticulação desses encontros, principalmente porque, em 2020, se nota tendência de desvalorização das políticas voltadas à cultura no cenário como um todo.

Reafirmamos aqui a importância da busca de identidade com a cultura caipira que partiu dos artistas urbanos que tocam viola e que buscaram fazer, como afirmou Vignini “o caminho de volta” rumo ao interior e à cultura ligada à terra, ao mundo rural. Podemos afirmar aqui que, com o impulso dado pelos mestres nos anos da década de 1990, fecha-se, ao longo da década seguinte, retomada de vínculos, ou seja, forma-se novamente um elo entre a cultura urbana e os caipiras por meio do elemento que aqui apontamos como representante dessa cultura: a viola caipira.

Destacamos ainda o papel influenciador que teve Reinaldo Volpato no período em que convenceu a grande apresentadora Inezita Barroso a aceitar que participassem do programa Viola Minha Viola violeiros e grupos ligados à viola caipira no início da década de 2000. Sempre que escrevia uma apresentação do trabalho artístico desses violeiros e grupos, assinava “Reinaldo Volpato” e, na linha abaixo do nome, colocava o aposto “Corda de Viola”. Sempre entendi isso como “aquele que faz soar a viola”. Assim o fez no contexto e assim o faz em seus trabalhos atuais de produção cultural. Sua atitude de coragem, naquele contexto, contagiou um tanto considerável de artistas que lutam até hoje pela dignidade e reconhecimento da força deste instrumento.

Por último, a colocação de Osni Ribeiro acerca de “não existir o espaço que deveria ter dentro dos meios de comunicação, das mídias e concessões públicas, que teriam a obrigação de divulgar a diversidade que se produz” (no país) é realmente muito grave, pois até nas emissoras

públicas há um cerco que dificulta o acesso de trabalhos mais novos, experimentais. Se não estiver dentro de um enquadramento estético e sonoro exigido pela produção do programa, não será aprovado para possível apresentação. E, como o próprio Osni Ribeiro disse, a viola é um instrumento que vai se incorporando na produção e no cotidiano dos músicos e, aos poucos, ela vai se impondo, como aconteceu com o violão. Em outras palavras, entendemos que a viola pode estar em todos os gêneros, com som “limpo” ou com efeitos. Os meios midiáticos é que precisam entender que a música tocada com a viola tem o direito de ser plural e de ser destituída de rótulos e associações. Um instrumento com um histórico do tamanho que tem a viola tem o direito de ser livre para soar a sua cultura em diferentes caminhos e tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS, LIVROS TESES E DISSERTAÇÕES:

ANDRADE, Carlos Frankiw de. **Ruas Livres: Insurgências do Uso, Desvio do Espaço e Direito à Cidade na Belo Horizonte Contemporânea**. 2019. 662 f. Tese (Doutorado). São Paulo: USP/

ANDRADE, Mário. **Dicionário Musical Brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1998.

_____. **Danças Dramáticas do Brasil**. 3 vol. São Paulo, Livraria Martins, 1959.

_____. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo/Brasília: Martins/INL, 1972.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Despedaçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAZ DA VIOLA. **A viola caipira – Técnicas para ponteio**. Editora Ricordi Brasileira S.A, 1992.

_____. **Manual do Violeiro**. Editora Ricordi Brasileira S.A, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1975.

CASTRO, Renato Moreira Varoni de. **Os caminos da viola do Rio de Janeiro do século XIX**. 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/ Escola de Música, 2007.

CORRÊA, Roberto. **A arte de pontear a viola**. Brasília. Curitiba: Editora Viola Corrêa, 2000.

DIAS, Saulo Sandro Alves. **O processo de escolarização da viola caipira: novos violeiros (in)ventano modas e identidades.** São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2012.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: DPA, 2006.

IKEDA, Alberto. (Curador). **Brasil, sons e instrumentos populares.** São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1997.

LEFEVBRE, Henry. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.

MAGALHÃES, Couto de. **O selvagem.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, EDUSP 1975

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética.** Ed. Hucitec. São Paulo, 1996.

_____. **A dupla linguagem na cultura caipira.** In: PAIS, José Machado(dir.); CABRAL, Carla(coord.). Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras. Edição: Imprensa de Ciências Sórias, Instituto de Ciências Sórias da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2004.

_____. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Excursus: as temporalidades da história na dialética de Henri Lefebvre.** In: _____. (org.). A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2017. p. 97-109.

MORAIS, Claudia; MANUVEI, Tarcisio. **Método de viola Caipira viola de nós: iniciante.** Uberlândia: PROEX, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1998.

PEREIRA, Vinícius Muniz. **Entre o sertão e a sala de concerto: um estudo da obra de Renato Andrade**. 2011. 157, [51] p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284399>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PINTO, João Paulo do Amaral. **A Viola Caipira de Tião Carreiro**. Campinas: [s.n.], 2008.

RIBEIRO, Osni. **Viva Angelino de Oliveira...** Osni Ribeiro, 23 de out. de 2019. Disponível em: <https://osniribeiro.com.br/?page_id=553>. Acesso em: 05 mar. 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANT'ANNA, Romildo. **A moda é viola: ensaio do cantar caipira**. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Ed. UNIMAR, 2000.

SANTA ROSA, Sérgio Henrique. **Prosa de cantador: a história e as histórias dos cururueiros paulistas**. Botucatu: FEPAF, 2007.

SARDINHA, José Alberto. **Viola campaniça: o outro alentejo**. Vila Verde, Portugal: Tradisom Editora Discográfica, 2001.

TORNEZE, Rui. **Cancioneiro de viola caipira**, vol.1. São Paulo: Irmão Vitale, 2003.

_____. **Cancioneiro de viola caipira**, vol.2. São Paulo: Irmão Vitale, 2004.

VIANNA, Hermano. **Caipira Hoje**. 2002. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/caipira-hoje>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

VILELA, Ivan. **Cantando a Própria História: Música Caipira e Enraizamento**. São Paulo: EDUSP, 2015.

ZAN, José Roberto. **Música popular brasileira, indústria cultural e identidade**. EccoS Rev. Cient., UNINOVE, São Paulo: n. 1.2003. 105-22 p.

_____. **(Des)territorialização e novos hibridismos na música sertaneja**. Hugo Ribeiro, 17 de out. de 2017. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Zan-musica_sertaneja.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2020.

REVISTA:

REVISTA GUITAR PLAYER EM PORTUGUÊS. São Paulo: Trama, ano 2, n. 19, 1997- .Mensal.

CDs, LPs:

Moda Nova: Caipira Pop. São Paulo: Paradoxx Music Selo, 2003. CD.

ANDRADE, Renato. **A Fantástica viola de Renato Andrade**. São Paulo: Chantecler, 1977. LP.

SATER, Almir. **Estradeiro**. São Paulo: Continental, 1981. LP.

APÊNDICE

FILME:

A VIOLA caipira à frente da representação de uma cultura.

Direção e Produção: Fabio Nunes da Silva. São Paulo: 2020. 46 minutos.

Disponível em: <<https://youtu.be/P6-4pKsEjl8>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

ANEXO 1 – INFORMATIVOS DE EVENTOS

Cartaz do Projeto Viola Turbinada SESC Araraquara - 2004. Arquivo pessoal.

Cartaz do Projeto Viola Turbinada SESC Araraquara - 2004. Arquivo pessoal.

Bandas do Viola Turbinada do SESC Araraquara

Matuto Moderno

O Matuto quer a música do sertão apontando para todas as direções do mundo. Famosa na cena cult das violas elétricas, a banda já participou de vários festivais importantes. Para completar o ambiente folclórico, eles se apresentam com dois catireiros e dois palhaços de folia de reis.

2/6, às 21h30. Palco da lanchonete.

Mercado de Peixe

Os sete integrantes do Mercado de Peixe pesquisam muito sobre música para sempre explorar os limites sutis do pop e do folclórico. De uma "república universitária" para os palcos, o Mercado foi batizado como arte pós-caipira por Hermanno Vianna, antropólogo que não poupa elogios àquela que é uma das principais bandas do movimento pós-caipira.

16/6, às 21h. Palco Lanchonete.

Fulanos de Tal

O ambiente dançante do Fulano de Tal conquistou Rio Claro e segue pelo país levando o Cururu, a Umbigada, o Moçambique, o Jongo, a Folia de Reis, o Catira e a Moda de viola, ritmos e danças sempre presentes nas composições. Sincretismo é a palavra de ordem dessa banda.

23/6, às 21h. Palco Lanchonete.

Dioni Zica

A banda de Araraquara prova que a cidade também já aderiu ao movimento que reconhece o interior paulista como um dos mais férteis do cenário da música popular atualmente. Eles mostram como a paciência caipira pode se conciliar com as distorções metálicas das guitarras do rock.

23/6, às 21h. Palco Lanchonete.

Dotô Jeka

A irreverência dessa banda começa pelo nome: de um personagem criado por Monteiro Lobato para criticar os caipiras que se recusavam a aceitar a civilização (Jeka Tatu), o Dotô Jeka transforma o caipira em uma autoridade da música de vanguarda.

30/6, às 21h. Palco Lanchonete.

Trem da Viração

Samba, maxixe, baião e forró se misturam com instrumentos eletrônicos ou antigos, como a bandola, e a letras bem humoradas influenciadas por aquele que foi o maior caipira da cidade grande, Adoniran Barbosa. O Trem da Viração é uma das bandas mais populares do Vale do Paraíba e promete incendiar o chão dos lugares por onde passa. Não é à toa que o Trem fecha o grande circuito do Viola Turbinada de Araraquara: ele vem pra deixar todo mundo com saudade do mês de junho no SESC.

30/6, às 21h. Palco Lanchonete.

Cartaz do Projeto Viola Turbinada no SESC Araraquara - 2004. Arquivo pessoal.

Cartaz do Show das bandas DIONI ZICA e FULANOS DE TAL no SESC de Ribeirão Preto, 2003. Arquivo pessoal.

ANEXO 2 – FOTOGRAFIAS DE EVENTOS

Congada e Mocambique Guaratingueta na 2a Feira Nacional da Reforma Agraria, 2017.

Fonte: Fabio Silva.

Trio Tamoyo e Julio Santin na 3ª Mostra de Violas e Ponteios em Salto, 2010. Fonte:

Luciano

Queiroz.

Trio Tamoyo e Levi Ramiro na 3ª Mostra de Violas e Ponteios em Salto, 2010. Fonte: Luciano Queiroz.

Trio Tamoyo e Julio Santin na 3ª Mostra de Violas e Ponteios em Salto, 2010. Fonte: Luciano Queiroz.

Plateia e Trio Tamoyo e Julio Santin na 3ª Mostra de Violas e Ponteios em Salto, 2010.
Fonte: Luciano Queiroz.

Julio Santin, Fabius, Arnaldo Freitas e Índio Cachoeira na Oficina De Luthiers do
Evento Viola Paulistana, São Paulo, Sesc Pompeia, 2016. Fonte: Henrique Suzuki.

Ricardo Vignini, Reinaldo Volpado, Julio Santin e Fabius Feira Nacional da Reforma Agrária, 2016. Fonte: Luiza Fegadolli.

ANEXO 3 – CLIPPING’S DE EVENTOS

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Gazeta de Limeira
Editoria: Lazer
Data: 04/01/13

Cidade: Limeira
Página: 03
Cm/Col: 19,0

Viola Caipiracicabana traz música caipira à região

Começou ontem, no Sesc Piracicaba, o projeto Viola Caipiracicabana, que propõe unir tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos que traçam um panorama da viola no cenário folclórico do país. Os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas, integram a programação, que estende-se até o dia 31.

A curadoria ficou a cargo de Osni Ribeiro e Fabio Nunes. Os músicos e pes-

quisadores evidenciam a presença da viola em manifestações populares como Folguedos, Folias de Reis e do Divino, Congadas, Caia-pós, Catiras, São Gonçalo, Romarias e Fandangos. A programação é gratuita e ocorre em diversos locais da unidade. A próxima apresentação será no domingo, com a Cia. de Santo Reis, de Vila Fomosa, às 16h, na Praça do Sesc Piracicaba. A programação pode ser vista na íntegra no site www.sescsp.org.br. Informações: (19) 3437-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: O Liberal
Editoria: Cultura
Data: 25/12/12
Cidade: Americana
Página: 17
Cm/Col: 5,0

EVENTO

*Festival "Viola Caipiracicabana" é
atração musical confirmada no Sesc
no decorrer do mês de janeiro P. 19*

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Gazeta de Limeira
Editoria: Caderno de Lazer
Data: 11/01/13
Cidade: Limeira
Página: 02
Cm/Col: 19,0

Viola Caipiracicabana traz Desafio Cururu a Piracicaba

No domingo, a Praça do Sesc Piracicaba abriga o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu, tradicional desafio cantado, exclusivo da região do médio-tietê, que nasceu nas Festas do Divino para ganhar os palcos e que tem na viola um dos instrumentos base. Na disputa, os locais Moacir Siqueira e Alessandro encaram os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano, em "carreiras" feitas no improviso de rimas e temas.

De origem controversa,

que remonta ora às rodas indígenas, ora aos jesuítas; o Cururu sofreu transformações ao longo dos séculos e hoje é um desafio entre cantadores, uma forma de "repentismo" caipira, em que, pelo menos desde a década de 1950, existem movimentos coreográficos. Sorocaba, Piracicaba e Botucatu são conhecidas como berço dessa manifestação. O desafio ocorre a partir das 16h, na área externa da Praça do Sesc. O acesso é livre e gratuito para todos os públicos.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Juliano Fantazia
Data: 27/12/12

Cidade: Piracicaba
Página: C6
Cm/Col: 5,5

● Está marcado para o início de janeiro o Viola Piracicabana, um projeto inovador que une tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos no Sesc Piracicaba. O grupo Lusitanos Inusitados é quem estreia a programação no dia 3 de janeiro de 2013, às 20h. Entrada gratuita!

Viola Caipiracicabana traz música caipira ao Sesc

O projeto Viola Caipiracicabana propõe unir tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos que traçam um panorama da viola no cenário folclórico do País. Os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas, integram a programação, que tem início dia 3 de janeiro e estende-se por todo o mês.

A curadoria ficou a cargo de Osni Ribeiro e Fabio Nunes. Os músicos e pesquisadores procuraram evidenciar a presença da viola em manifestações populares como Folguedos, Folias de Reis e do Di-

vino, Congadas, Caiapós, Catiras, São Gonçalo, Romarias e Fandangos; bem como captar sua renovação em meio às novas gerações. A programação é gratuita e ocorre em diversos locais da unidade.

A primeira apresentação acontece no dia 3, às 20h, na Comedoria do Sesc Piracicaba, com o grupo Lusitanos.

Na próxima quinta-feira, dia 6, a Cia de Santo Reis de Vila Fomosa apresenta-se às 16h, na Praça do Sesc Piracicaba. A programação termina no dia 31 de janeiro, e pode ser vista na íntegra no site www.sescsp.org.br. Informações: (19) 3437-9292.

Sesc

Viola caipiracicabana

Catira é destaque hoje, às 20h; Desafio de Cururu acontece domingo

Em mês dedicado a viola, o Sesc abre espaço para diferentes manifestações em que o instrumento aparece como agente principal ou coadjuvante. Nesta quinta-feira, a partir das 20h, acontece a Catira de Piracicaba. A apresentação ocorre na Comedoria. O acesso é livre e gratuito para todos os públicos.

Parte do patrimônio artístico, cultural e histórico brasileiro a Catira é uma dança folclórica tradicional com influências indígenas, africanas e europeias. A coreografia é executada na maioria das vezes por homens (boia-deiros e lavradores) e pode ser formada por seis a dez componentes e mais uma dupla de violeiros, que tocam e cantam a moda.

A Catira é típica do interior do Brasil, principalmente na área de influência da cultura caipira (Mato Grosso, norte do Paraná, Minas Gerais, Goiás, interior de São Paulo e Mato Grosso do Sul) e, suas origens remontam ao período das bandeiras e monções.

Um dos principais representantes desse folclore é o grupo Catira de Piracicaba formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos desde 1802, introduzidas pelo tataravô do atual mestre, "seu" Pinheiro. Depois de executar a dança e cantoria a São Gonçalo, o grupo apresenta a Catira em homenagem à primeira manifestação

Grupo Catira de Piracicaba é formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos desde 1802

que integra as culturas indígena e portuguesa, unindo as violas, palmeados e sapateados.

CURURU

No domingo, a partir das 16h, a Praça do Sesc vai abrigar o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. Tradicional desafio cantado, exclusivo da região do médio-tietê, que nasceu nas Festas do Divino para ganhar os palcos e que tem na viola um dos

instrumentos base. Na "disputa" os locais Moacir Siqueira e Alessandro encaram os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano em "carreiras" feitas no improviso de rimas e temas.

De origem controversa, que remonta ora às rodas indígenas, ora aos jesuítas; o Cururu sofreu transformações ao longo dos séculos e hoje é um desafio entre cantadores, uma forma de "repentismo" caipira, em que, pelo

menos desde a década de 1950, inexistem movimentos coreográficos.

As cidades de Sorocaba, Piracicaba e Botucatu são conhecidas como berço dessa manifestação e, os canturiões (ou cururueiros) dessa região participam ao longo do ano, de festas e comemorações. O desafio ocorre na Praça do Sesc (área externa). O acesso é livre e gratuito para todos os públicos.

Projeto Viola Caipiracabana

Três músicos se apresentam nesta quinta, a partir das 20h; no domingo, haverá show da Orquestrinha São Xico

Viola em evidência

Projeto Viola Caipiracabana, do Sesc, realiza diversas atividades durante esta semana. Nesta quinta-feira, três músicos representantes do movimento contemporâneo integram o show Viola Brasil. A apresentação tem início às 20h, na Co-

medioria. O espetáculo é livre para todos os públicos.

Osni Ribeiro (Botucatu) apresenta temas autorais, clássicos caipiras e da MPB em arranjos para viola, entremeados por poesia caipira. Rubens Brito (Lavras, em Minas Gerais) traz no repertório modas de viola e clássicos regionais com sotaque mineiro.

Luciano Queiróz (Assis), além de construir suas violas, é instrumentista e apresenta seu novo trabalho, com arranjos para viola de músicas do mestre

Luiz Gonzaga. Os violeiros sintetizam uma nova geração de instrumentistas que buscam criar conexões entre a viola e outras correntes musicais. Ribeiro, Brito e Queiróz mostram os caminhos a serem seguidos em um processo de resgate e ressignificação que mistura o tradicional e o moderno; o regional e o universal.

ORQUESTRA

No domingo, às 16h, é a vez da Orquestrinha São Xico. Formada por nove meninas e dois meninos com idades entre 10 e 16 anos, todos mora-

dores de São Francisco Xavier/SP, sob a direção artística de Braz da Viola, o grupo emociona desde o primeiro instante o ouvinte.

No repertório, canções Brasileiras de autores como Milton Nascimento, Villa Lobos, Mamona Assasinas, Pitty, Genival Lacerda, Zeca Baleiro, Renato Teixeira, Adriano Calanholo, Kid Abelha entre outros. As crianças, usando como principal instrumento a viola

caipira, desenham um painel musical com muita emoção e bom humor.

OFICINA

Durante os próximos dias, estão previstas diversas oficinas e bate-papos. Na sexta, a partir das 19h30, um bate-papo sobre vários assuntos relacionados à fabricação da viola, desde a escolha inicial de matérias-primas até a conclusão do instrumento. No sábado, das 10 às 12h30, a oficina é direcionada à regulagem e manutenção dos instrumentos. No domingo, a partir das 10h, Braz da Viola, Luciano Queiróz, João Luthier, João Mira e Paulo Mira conduzem a conversa sobre a construção de instrumentos.

Osni Ribeiro e Rubens Brito estão entre os destaques do projeto, que busca valorizar a sonoridade da viola caipira

Viola Caipiracabana, destaque no Sesc

O mês de janeiro de 2013 será destinado à viola, no Sesc Piracicaba

Viola Caipiracabana traz ao Sesc grandes nomes da música caipira e reforça a presença do instrumento na cultura brasileira, durante o mês de janeiro, no Sesc Piracicaba.

O projeto propõe unir tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos que traçam um panorama da viola no cenário folclórico do país. Os relatos sobre as origens

da Viola são muitos. Algumas vertentes indicam uma ascendência latina, outras sugerem uma ancestralidade greco-romana e ainda há correntes que apontam o instrumento

como descendente do Alaud. O que podemos afirmar é que a Viola é um instrumento de presença e importância histórica em Portugal e no Brasil.

Projeto Viola Caipiracabana no Sesc

Show Viola Brasil, às 20 horas, no Sesc, terá a apresentação de Osni Ribeiro, Rubens Brito e Luciano Queiróz. **PÁGINA 12**

VIOLA CAIPIRACICABANA NO SESC PIRACICABA

O Sesc Piracicaba recebe em janeiro o programa Viola Caipiracabana, um projeto que propõe unir tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos que traçam um panorama da viola no país. As atividades começam no dia 3 de janeiro com o grupo Lusitanos Inusitados, que se apresenta às 20h no espaço Comedoria. A programação ainda conta com a participação da Cia de Santo Reis, de Vila Formosa, grupo de Catira de Piracicaba, DNA Caipira, Orquestra de Violeiros, Viola Brasil, Trio Tamoyo e Orquestrinha São Chico. Também haverá uma oficina de construção e manutenção de violas, uma palestra com um luthiers e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. Todas as atividades são gratuitas.

O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas

do universo das 10 cordas. Sendo Piracicaba um polo expoente da cultura caipira, que tem na viola um de seus pilares, este projeto, portanto, é uma iniciativa que visa manter vivas as tradições e estabelecer conexões entre os velhos costumes e as possíveis novas direções do instrumento por meio de interações e espetáculos temáticos. A curadoria da iniciativa ficou a cargo de Osni Ribeiro e Fábio Nunes — os músicos e pesquisadores procuraram evidenciar a presença da viola em manifestações populares, bem como captar sua renovação em meio às novas gerações.

Segundo Ribeiro, no decorrer desse projeto serão apresentados, pelas mãos dos violeiros, instrumentos de diversos luthiers. "Como complemento às atividades artísticas, oferecemos a oportunidade de melhor entendimento dos processos de construção e regulagem de instrumentos por meio

de uma oficina de luteria e apresentamos um encontro e bate-papo com diversos convidados. Assim o público interessado poderá conhecer melhor o processo de trabalho e apreciar os instrumentos de cada artesão", afirmou.

Na abertura, o quarteto, com sotaque português, apresenta incursões pela música portuguesa de localidades e épocas diferentes. A cantora Ana Ventura Vieira comanda a apresentação, que também conta com a participação de Ribeiro. Os arranjos, com viola brasileira, trazem toques que remetem ora à sonoridade da guitarra portuguesa, ora aos inconfundíveis ponteios caipiras.

SERVIÇO — Viola Caipiracabana. Abertura com Lusitanos e Inusitados, quinta-feira, às 20h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Grupo Lusitanos Inusitados se apresenta na quinta-feira, dia 3 de janeiro

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Juliano Fantazia
Data: 03/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: C6
Cm/Col: 4,5

● Começa hoje a maratona de shows, oficinas e bate-papos do Viola Caipiracabana do Sesc, que reverencia grandes nomes da música caipira. No abre-alas, marcado para logo mais às 20h, performante inédita do grupo Lusitanos Inusitados. Entrada gratuita!

MÚSICA Quarteto com sotaque português apresenta incursões pela canção lusitana de localidades e épocas diferentes, hoje, às 20h

Lusitanos Inusitados abre o projeto Viola Caipiracicabana

NAIARA LIMA
naiara@ipjornal.com.br

As origens da viola brasileira são revisitadas pelo grupo Lusitanos Inusitados, que abre nesta noite a programação do Viola Caipiracicabana no Sesc Piracicaba. O projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. Na abertura, que começa hoje às 20h, o quarteto, com sotaque português apresenta incursões pela música lusitana de localidades e épocas diferentes. Assim, há canções tradicionais portuguesas e brasileiras, como romarias e fados, além de algumas músicas contemporâneas.

“A programação do Viola Caipiracicabana começa com o grupo Lusitanos Inusitados não foi por acaso. Pensamos e iniciar o evento fazendo a alusão da origem da viola no país, trazida pelos portugueses. No decorrer da programação o público poderá conferir também o desenvolvimento do instrumento, que hoje é utilizado de maneira bastante contemporânea”, contou o curador do evento e integrante do grupo, Osni Ribeiro. Ele salienta

que no show será possível conferir a mistura de linguagens musicais feitas em Portugal e no Brasil, tanto com canções de domínio público, “mais antigas”, como com músicas atuais, como Argonauta, de Caetano Veloso. Os arranjos, com viola brasileira, trazem consigo toques que remetem ora à sonoridade da guitarra portuguesa, ora aos inconfundíveis ponteiros caipiras. Além das canções, no show ainda há espaço para citações de grandes poetas, entre eles Fernando Pessoa.

Compondo o grupo há três músicos brasileiros e uma cantora portuguesa. “Começamos este projeto devido algumas iniciativas e atividades de celebração da cultura lusitana. Há dois anos nos encontramos para organizar e participar de eventos do gênero”, afirmou Ribeiro, responsável pela viola caipira e que também faz vocal no grupo. O Lusitanos Inusitados ainda é formado pela cantora Ana Vieira, Cuica (violão e vocal) e Rodrigo Pinheiro (contrabaixo acústico).

Para o técnico do Sesc, um dos organizadores da iniciativa, José Roberto Motta, Piracicaba integra um triângulo regional do interior paulista onde encontra-se a origem da música caipira. “Partindo da concep-

ção sobre a cultura piracicabana como expoente da música de viola, amadurecemos o evento contemplando a região não apenas de Piracicaba”, relatou. Conjuntamente com Vanessa Piazza, também técnica da instituição e organizadora do evento, Motta afirmou que a iniciativa pretende integrar diversas linguagens, unidas pela viola. Outra preocupação do evento foi com o desenvolvimento do instrumento no país. “Buscamos traçar atividades que contemplassem da origem à contemporaneidade”, afirmou.

PRÓXIMO — A próxima atividade do Viola Caipiracicabana acontece no domingo, às 16h, com a Cia. de Santo Reis, de Vila Formosa. A programação do evento conta também com a participação do grupo de Catira de Piracicaba, DNA Caipira, Orquestra de Violeiros, Viola Brasil, Trio Tamoyo e Orquestrinha São Chico. O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas, uma palestra com um luthiers e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas.

SERVIÇO — Viola Caipiracicabana: Abertura com Lusitanos e Inusitados, hoje, às 20h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 153, Centro). Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Cia. de Santo Reis é a atração do domingo, às 16h

A cantora portuguesa Ana Vieira integra o Lusitanos Inusitados

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. Domingo, 6, às 16h, a Cia. de Santo Reis, de Vila Formosa, se apresenta. A programação do evento conta também com a participação do grupo de Catira de Piracicaba, DNA Caipira, Orquestra de Violeiros, Viola Brasil, Trio Tamoyo e Orquestrinha São Chico. O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas, uma palestra com um luthiers e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

VIOLA NO SESC

Divulgação

Diretamente vindos da cidade de Sorocaba, a Companhia de Santo Reis de Vila Formosa participa neste domingo, às 16h, da programação do Viola Caipiracicabana, que acontece no Sesc Piracicaba. A atividade, com entrada gratuita, apresenta um pouco dos festejos afrobrasileiros, tradição influenciada pela cultura portuguesa e católica. Além das toadas, há uma teatralização que remete ao dia de Santo Reis e ao Natal, quando os reis magos levam presentes para Jesus. A iniciativa tem como objetivo traçar a história da viola brasileira da origem até os dias atuais. A programação continua até o dia 30 deste mês.

A Companhia de Santo Reis de Vila Formosa é um dos mais tradicionais grupos de folia do Estado de São Paulo. Com 15 integrantes que seguem José Copi (embaixador e violeiro), João Paulino (contramestre e violeiro) e Dona Eva (bandeireira), a Companhia é formada por migrantes paranaenses, mineiros e nordestinos, na Vila Formosa, zona norte de Sorocaba. A origem do grupo começou em 1989, com integrantes que já participavam anteriormente de outras companhias ou que possuíam pais e avós que participavam.

A Companhia realiza basicamente três tipos de toadas: a paulista, a baiana e a mineira. Quanto às toadas, as completas (nascimento e padecimento de Cristo) possuem 25 versos; as simples, apenas de louvação e pedido de ofertas para a

Companhia de Santo Reis de Vila Formosa se apresenta neste domingo, às 16h

bandeira são menores, de dez versos e de duração de seis minutos. A forma de cantar as toadas varia de acordo com a sua procedência.

SERVIÇO — Viola Caipiracicabana: Companhia de Santo Reis de Vila Formosa. Domingo, às 16h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3437-9292.

VIOLA CAIPIRACABANA

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. Domingo, 6, às 16h, a Cia. de Santo Reis, de Vila Formosa, se apresenta. A programação do evento conta também com a participação do grupo de Catira de Piracicaba, DNA Caipira, Orquestra de Violeiros, Viola Brasil, Trio Tamoyo e Orquestrinha São Chico. O Viola Caipiracabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas, uma palestra com um luthiers e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Cultura
Data: 05/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: C2
Cm/Col: 14,0

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. Amanhã, 6, às 16h, a Cia. de Santo Reis, de Vila Formosa, se apresenta. A programação do evento conta também com a participação do grupo de Catira de Piracicaba, DNA Caipira, Orquestra de Violeiros, Viola Brasil, Trio Tamoyo e Orquestrinha São Chico. O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas, uma palestra com um luthiers e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Cultura
Data: 05/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: C5
Cm/Col: 94,5

MÚSICA Grupo de Sorocaba se apresenta amanhã, às 16h, no Sesc, como parte da programação do Viola Caipiracicabana, projeto que acontece em janeiro

Projeto do Sesc tem a Cia. de Santo Reis

Amanhã, o Dia de Santos Reis será comemorado com muita tradição, folclore e moda de viola, no Sesc Piracicaba, que recebe a Cia. de Santo Reis de Vila Formosa. A apresentação acontece na praça da unidade e celebra os três reis magos que, avisados em sonho, levaram ouro, incenso e mirra ao menino

Jesus recém-nascido, seguindo a estrela guia. O evento começa às 16h e a entrada é gratuita.

A folia de reis é uma manifestação folclórica de origem portuguesa que chegou ao Brasil com os jesuítas e se espalhou por diversas regiões do país, recebendo novas características, dependendo do local.

Formado em Sorocaba, o grupo de 15 pessoas foi reunido em 1989 pelo embaixador e violonista José Coppi, que lidera o grupo ao lado de João Paulino (contrabaixo e violão) e dona Eva (bandeirinha).

Além deles, a companhia tem ainda outros personagens: o apontador de prendas, os Bastão (que utili-

zam máscaras de couro e pano, imitando barba, representando os espíritos de Herodes) e os foliões divididos por vozes (tala, requinta, contratula, contra-tipe, baixão). Com violas, violões, caixas e pandeiros, a cantoria e a improvisação se destacam na apresentação.

Entre os simbolismos utilizados, o destaque fica para as fitas co-

loridas que enfeitam os instrumentos. Além dos adereços, ilustra a folia o estandarte, que é carregado pela bandeirinha. A bandeira tem a imagem dos três reis magos com Maria e José.

VIOLA CAIPIRACABANA
— A apresentação de amanhã integra o projeto Viola Caipiracicabana,

que ao longo do mês de janeiro irá trazer apresentações de grupos de viola tocando os mais diversos ritmos, como o cururu e o sertanejo. (Leon Botão)

SERVIÇO — Cia. de Santo Reis de Vila Formosa, amanhã, às 16h, no Sesc (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3437-9292. Dados enviados pelos organizadores.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta também com a participação do grupo de Catira de Piracaia (dia 10, às 20h), Encontro de Gerações no Desafio de Cururu (dia 13, às 16h), DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Cia. de Santo Reis de Vila Formosa

Cia. de Santo Reis

O Sesc (Serviço Social do Comércio), durante este mês, promove uma maratona de shows, oficinas e bate-papos com o programa Viola Caipiracabana, que reverencia grandes nomes da música caipira. Tendo como curadores do evento Osni Ribeiro e Fabius Nunes, no último domingo aconteceu a apresentação da Cia. de Santo Reis de Vila Formosa, um dos mais tradicionais grupos de folia do Estado, que tem 15 integrantes.

Fabius Nunes, Amauri Martins, Vanessa Piazza e José Roberto Motta

Mariana Casagrande, Victor e Valmor Bueno

Luís Antonio Bandeira e Luiz Carlos Maranhão

*Angela,
Simone,
Fernando
e Luiza
Schiavinato*

*Bernadete
e Nelson
Mantazio*

SESC Grupo que dança há seis gerações se apresenta hoje, às 20h, no projeto Viola Caipiracabana; a entrada é gratuita

Catira de Piracaia: 200 anos de tradição

NAIARA LIMA
naiara@jpjournal.com.br

Nas batidas das mãos e dos pés, a música de viola ganha ainda mais energia com a catira, uma dança típica da cultura caipira que poderá ser vista hoje no Sesc Piracicaba, a partir das 20h, na apresentação do grupo Catira de Piracaia. A tradição atravessou séculos até chegar aos diversos formatos conhecidos atualmente. Desde a colonização brasileira sob as influências indígena, africana e europeia, até chegar aos dias atuais, resistiu ao abandono das manifestações da cultura popular, próprio da contemporaneidade. A apresentação desta noite dá prosseguimento à programação do projeto Viola Caipiracabana, que busca justamente trazer à tona a tradição do interior paulista e do instrumento musical. No domingo, às 16h, é a vez de cururueiros participarem de um desafio cantado, onde o extenso vocabulário e a espreiteza são ingredientes que dão bom humor à atração. As atividades são gratuitas.

Parte do patrimônio artístico, cultural e histórico brasileiro, a coreografia da catira é executada na maioria das vezes por homens (boiadeiros e lavradores) e pode ser formada por seis a dez componentes, mais uma dupla de violeiros, que toca e canta a moda. Um dos principais representantes desse folclore é o grupo Catira de Piracaia, formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos há seis gerações, desde 1802, inclusive com a participação de mulheres. A tradição familiar foi introduzida pelo tataravô do atual mestre, seo Pinheiro. Segundo a coordenadora do grupo, Maria das Dores da Silva, o gosto pela dança na família perdura devido à convivência e partici-

O Catira de Piracaia é formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos há seis gerações, desde 1802

pação dos mais novos. "Crescemos escutando e dançando a catira com nossos avós e pais. Atualmente participam do grupo novos componentes, que são os netos e netas", contou.

Segundo um dos curadores do projeto, Fábio Nunes, o Fabius, não apenas os 200 anos de história contaram para que grupo fosse convidado para a programação do Viola Caipiracabana, mas também o es-

petáculo cheio de energia, "que fará o chão do Sesc tremer". Ele também conta que o grupo inicia o evento com a dança e cantoria a São Gonçalo, uma reza que precede a apresentação. Unindo as violas, palmeados e sapateados, toda a tradição da catira e Piracaia une-se ainda as composições autorais, feitas pelo violeiro Rafael Pinheiro. "Como era feito antigamente, longas narrativas compõem as canções fei-

tas e executadas pelo grupo", destacou o curador. Ao todo, participam da catira 11 pessoas, de três gerações da família.

A dança é típica do interior do Brasil, principalmente na área de influência da cultura caipira, como Mato Grosso, norte do Paraná, Minas Gerais, Goiás, interior de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Suas origens remontam ao período das bandeiras e monções.

CURURU — A próxima programação do projeto acontece no domingo, com o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu, com os locais Moacir Siqueira e Alessandro e os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano.

SERVIÇO — Viola Caipiracabana com o grupo Catira de Piracaia. Hoje, às 20h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3431-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Cultura
Data: 10/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: C2
Cm/Col: 13,5

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta também com o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu (dia 13, às 16h), DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Paulina D'Abronzio
Data: 10/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: C6
Cm/Col: 14,5

Engenho da Notícia

Grupo da catira

Catira de Piracaia

Hoje, às 20h, o Sesc (Serviço Social do Comércio), dando continuidade à maratona de shows do projeto Viola Caipiracicabana, apresenta a Catira de Piracaia, uma homenagem à primeira manifestação que integra as culturas indígena e portuguesa, unindo as violas, palmeados e sapateados.

VIOLA CAIPIRACABANA

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta também com Encontro de Gerações no Desafio de Cururu (dia 13, às 16h), DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

CULTURA CAIPIRA Os piracicabanos Moacir Siqueira e Alessandro da Silva enfrentam dupla de Sorocaba amanhã

Cururu une gerações em show no Sesc

Nilo Belotto/UP

NAIARA LIMA
naiara@ipjournal.com.br

Na terra do cururu, música e palavra unem gerações na tradição do desafio trovado. Como não poderia deixar de ser, amanhã o projeto promovido pelo Sesc Piracicaba, Viola Caipiracabana, promove o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu, às 16h. A entrada é gratuita. Duas duplas formadas por jovens e experientes repentistas caipiras de Piracicaba e Sorocaba realizam o desafio, onde quem ganha é a cultura popular. Representando a cidade, o mestre Moacir Siqueira no repente e o iniciante Alessandro Marreira da Silva, que comanda a viola. Os oponentes sorocabanos são Andinho e Carlos Caetano, ambos encaram as carreiras feitas no improviso de rimas e temas. A programação do projeto continua até o final do mês, com apresentações musicais e workshop.

Para Siqueira o amor ao verso é o que une as gerações do cururu. Ele conta que aprendeu a gostar a partir da influência do pai e que muito jovem já estava atuando como cantador entre os experientes personagens da tradição piracicabana. Conforme explica um dos curadores do Viola Caipiracabana, Fábio Nunes, o Fabius, a cultura do cururu em Piracicaba é reconhecida inclusive fora do país. Ele explica que o triângulo regional entre Piracicaba, Sorocaba e Botucatu é um celeiro da cultura caipira do interior de São Paulo e por esta razão o projeto buscou unir, em uma única iniciativa, os artistas da região que compreende estas cidades para

O cururueiro Moacir Siqueira e o violeiro Alessandro da Silva: apresentações não deixam a cultura morrer na terra do cururu.

compor a programação. "Estes municípios são conhecidos como berço dessa manifestação", destacou. Deste modo, os canturões, chamados de cururueiros, participam ao longo de muitos anos de festas e comemorações tradicionais da cidade, como a Festa do Divino Espírito Santo.

De origem controversa, que remonta ora às rodas indígenas, ora

aos jesuítas; o cururu sofreu transformações ao longo dos séculos e hoje é um desafio entre cantadores, uma forma de repentismo caipira, em que, pelo menos desde a década de 1950, inexistem movimentos coreográficos, ou seja, apenas cantador e violeiro disputam o jogo de criatividade e improviso. Como na maioria das manifestações culturais caipiras, a viola ser-

ve como base para a cantoria.

Buscando manter a tradição viva, Siqueira destaca que realiza diversas atividades, como palestras e apresentações em escolas. "Vou até estes locais e falo sobre o cururu e sobre o repente. É só explicar e ter a disposição para ensinar os interessados, com amor e paciência, que por fim eles acabam gostando e dando continuidade", ressaltou. O cururueiro conta

ainda que já foi acompanhado por adolescentes de 13 e 14 anos e que apesar da pouca idade demonstraram competência na viola.

SERVIÇO — Viola Caipiracabana apresenta Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. Amanhã, às 16h, na praça do Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3437-9292.

-Paulina D'Abronzio

DNA Caipira

Para quem gosta de música raiz, as duplas Michele e Karoline e Gustavo e Gabriel (foto), que trazem no sangue o DNA caipira e fortalecem a continuidade da autêntica música rural, se apresentam logo mais às 20h, na comedoria do Sesc, com entrada gratuita.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta também com o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu (dia 13, às 16h), DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

SHOW Clássicos e músicas autorais integram show que começa às 20h, no Sesc; a entrada é gratuita

Duplas mostram o som da viola no DNA Caipira

NAIARA LIMA
naiara@jpjournal.com.br

Das gerações mais antigas às mais novas, a viola tem sido o instrumento que consegue expressar o sentimento e a cultura caipira, prova disto são as duplas que se apresentam hoje no Sesc Piracicaba, com entrada gratuita. As jovens Michelle e Karoline mostram, a partir das 20h, um pouco do trabalho realizado desde 2008 e que já lhe rendeu muito prêmios, além do apelido de Caboclinhas de Botucatu. Os representantes de Piracicaba são do bairro Paredão Vermelho, os experientes Gustavo e Gabriel, que também desde muito criança já arranhavam a viola. Eles tocam música sertaneja de raiz com composições próprias, além de grandes clássicos da moda de viola, como Cuitelinho, Chalanga e Saudades da Minha Terra. As duas duplas trazem no sangue o chamado DNA Caipira, título que dá nome ao show, e assim fortalecem a continuidade da autêntica música rural.

Com quase cinco anos de carreira as jovens caboclas da serra já conquistaram prêmios em importantes e concorridos festivais em Laranjal Paulista (Bicampeãs - 2009 e 2011), Conchas, Pratânia, Taquarituba, Bofete, Porto Feliz, São João, Paveiras, Porangaba, Rafard, Partura, entre outros, além de marcarem presença em

Gustavo e Gabriel, que vivem no Paredão Vermelho, têm a vida no campo como inspiração

diversos programas de televisão especializados, entre eles o Programa Viola Minha Viola da TV Cultura, que tem como apresentadora a dama da música caipira, Inezita Barroso. As duas jovens de Botucatu se conheceram em um programa de rádio, trocaram telefones e resolveram formar a dupla. Em seu repertório elas defendem a música sertaneja de moda raiz.

Com o nome Gustavo e Ga-

brriel, a dupla piracicabana trabalha há mais de 15 anos. Entretanto, os irmãos Augusto Benedito Antônio Ribeiro, 46, e Miguel Antônio Ribeiro, 43, (nomes de batismo) têm no sangue as canções caipiras e aprenderam a tocar juntos quando ainda eram crianças. Deste modo, são exemplo da força da música de raiz na cidade, já que residem na área rural do município e são fiéis à sonoridade estabelecida pelos grandes

mestres. Representantes legítimos da tradição cultural caipira, acompanharam grandes currujeiros como Moacir Siqueira e Manezinho. Além de tocar clássicos da moda de viola, eles também apresentam no Viola Caipiracabana uma composição própria, a polca Subindo o Paredão, homenagem ao local de nascimento dos dois. Segundo Gabriel, o aprendizado na área musical foi feito de maneira autônoma. "Em

A dupla Michelle e Karoline vem de Botucatu para tocar no Sesc

meu pai rascunhava a viola e desde muito cedo nós já brincávamos com a música. Aprendemos copiando outros violeiros e com a experiência dos anos", contou.

PRÓXIMO — No domingo é a vez da Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, de Itapetininga, se apresentar no Viola Caipiracabana. O grupo reúne cerca de 15 violeiros, sob a regência de Bob

Vieira, para executar clássicos da música raiz com ênfase na obra do compositor autor de Menino da Porteira, Boiadeiro Errante, Rei do Gado, João de Barro, entre outras.

SERVIÇO — Viola Caipiracabana apresenta DNA Caipira, com as duplas Michelle e Karoline e Gustavo e Gabriel. Hoje, às 20h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3437-9292.

Nio Belotto/JP

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta também com o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu (hoje, 13, às 16h), DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também conta-

rá com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Viola Caipiracabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com o show DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com o show DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com o show DNA Caipira (dia 17h, 20h), Orquestra de Violeiros teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

ORQUESTRA TEDDY VIEIRA NO VIOLA CAIPIRACABANA

Acervo pessoal

Violeiros se apresentam no domingo, 20, no Sesc

O programa Viola Caipiracabana deste domingo, 20, evento promovido pelo Sesc Piracicaba, conta com a apresentação da Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, de Itapetininga. O grupo que reúne cerca de 15 violeiros, sob a regência de Bob Vieira, vai executar clássicos da música raiz com ênfase na obra do compositor, autor de Menino da Porteira, Boiadeiro Errante, Couro de Boi, Pagode em Brasília, Rei do Gado, João de Barro, entre outras. A atividade acontece às 16h e tem entrada gratuita. O grupo destaca a viola caipira como importante instrumento de difusão do folclore e das culturas populares. Ao mesmo tempo presta homenagem e busca resgatar a obra de um dos maiores canceiros brasileiros.

Entre os anos de 1922 e 1965 viveu o compositor Teddy Vieira. Ele nasceu em Itapetininga e teve uma trajetória artística bem consolidada, marcada por grandes

composições e parcerias, como com a dupla Tonico e Tinoco. Sua obra soma mais de 300 canções gravadas por diversos cantores em todo o Brasil. Com 18 anos ele escrevia versos caipiras e em 1948 teve suas duas primeiras músicas gravadas, pela dupla Mineiro e Manduzinho. Com Lauripe Pedroso fez Preto de Alma Branca e com Muibo Cury a conhecida João-de-Barro. Vieira também trabalhou como diretor artístico da gravadora Columbia.

Segundo os curadores do Viola Caipiracabana, Fábio Nunes e Osni Ribeiro, o evento busca privilegiar as produções artísticas relacionadas à viola e que estão localizadas no triângulo regional entre Piracicaba, Sorocaba e Botucatu.

SERVIÇO — Viola Caipiracabana com Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, de Itapetininga. Domingo, 20, às 16h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Informações: (19) 3437-9292.

VIOLA CAIPIRACABANA

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira (dia 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

MÚSICA *Show de amanhã, às 16h, integra projeto Viola Caipiracicabana*

Orquestra de Violeiros Teddy Vieira se apresenta no Sesc

Acervo pessoal

Alida com o gado, o trabalho na roça, preconceitos, amores, a vida entre o rancho e o riacho, goles de café e cachaça, todos estes elementos da cultura caipira estão nos versos em rima e prosa de um dos maiores compositores da música sertaneja de raiz, o autor de Menino da Porteira e Negrinho do Pastoreio, Teddy Vieira. As famosas canções do compositor integram o repertório do grupo de sua terra natal, Itapetininga, que lhe presta homenagem com o nome Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, e que se apresenta amanhã no projeto Viola Caipiracicabana. A atividade começa às 16h e tem entrada gratuita.

A orquestra reúne cerca de 15 violeiros, sob a regência de Bob Vieira, um dos fundadores do grupo. Ele explica que resolveu unir antigos violeiros da cidade que estavam “parados”. “Percebemos, mesmo em Itapetininga, terra de Teddy, um certo abandono as tradições e também ao seu nome. Deste modo, resolvemos reviver esta expressão que faz parte da nossa cultura e homenagear o

Orquestra Teddy Vieira reúne cerca de 15 violeiros

compositor”, informou. Vieira destaca que a orquestra irá executar clássicos da música raiz como o Boiadeiro Errante, Couro de de Boi, Pagode em Brasília, Rei do Gado, João de Barro, entre outras. Ele também contou que em cada show, músicas de outros compositores também são tocadas. “Domingo pretendemos tocar Piracicaba, em homenagem ao município”, destacou.

De acordo com Vieira, a or-

questra além de tocar em diversos locais e já ter gravado um CD em 2010, com 10 mil cópias esgotadas, ainda desenvolve oficinas de viola para estimular a música entre a nova geração. **(Naiara Lima)**

SERVIÇO — Viola Caipiracicabana com Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, de Itapetininga. Amanhã, às 16h, no Sesc Piracicaba (rua Ipiranga, 155, Centro). Entrada gratuita. Informações: (19) 3437-9292.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira (amanhã 20, 16h), Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Viola Caipiracicabana

O Sesc realiza o projeto Viola Caipiracicabana, que projeto pretende unir a tradição e a modernidade da música de viola, com shows, oficinas e bate-papos durante todo o mês de janeiro. Todas as atividades têm entrada gratuita. A programação do evento conta com Viola Brasil (dia 24, às 20h), Orquestrinha São Xico (dia 27, às 16h) e Trio Tamoyo (dia 31, às 20h). O Viola Caipiracicabana também contará com uma oficina de construção e manutenção de violas e uma palestra com um luthiers. O objetivo do evento é mostrar os antigos e novos caminhos, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas. O Sesc Piracicaba fica na rua Ipiranga, 155, Centro. Entrada gratuita. Mais informações: (19) 3437-9292.

Cultura

Grupo mostra dança típica caipira no Sesc

O grupo Catira de Piracaia mostra a tradição da cultura caipira hoje, às 20h, no Sesc Piracicaba. Com a dança típica que atravessa gerações, é possível identificar em seus formatos as influências desde a colonização até os dias atuais. **C 1**

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: Jornal de Piracicaba
Editoria: Capa
Data: 12/01/13

Cidade: Piracicaba
Página: 01
Cm/Col: 28,0

Violeiro Alessandro da Silva e cururuzeiro Moacir Siqueira representam Piracicaba

Cururu une gerações no Sesc

O projeto Viola Caipiracabana, promovido pelo Sesc Piracicaba, realiza amanhã, às 16h, o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. Participam duas duplas formadas por jovens e experientes repentistas caipiras de Piracicaba e Sorocaba. **C 1**

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: O Liberal
Editoria: Cultura
Data: 03/01/13

Cidade: Americana
Página: 27
Cm/Col: 10,0

Piracicaba

3/1 Sesc

O quarteto Lusitanos Inusitados apresenta hoje às 20h na Comedoria da unidade suas incursões pela música portuguesa de localidades e épocas diferentes. A cantora Ana Ventura Vieira comanda a apresentação. Os arranjos, com viola brasileira, trazem toques que remetem ora à sonoridade da guitarra portuguesa, ora aos inconfundíveis ponteios caipiras. A entrada é gratuita. ➤ **Rua Ipiranga, 155, Centro. Informações pelo telefone (19) 3437-9292.**

+SHOW

‘Viola Caipiracicabana’ traz mais duas atrações

Projeto apresenta Catira de Piracaia e Encontro de Gerações no Desafio de Cururu

« A coreografia da catira é executada por homens e pode ser formada por seis a dez componentes e mais uma dupla de violeiros, que tocam e cantam a moda

Da Redação
PIRACICABA

Em mês dedicado a viola, o Sesc (Serviço Social do Comércio) de Piracicaba abre espaço no “Viola Caipiracicabana” para diferentes manifestações em que o instrumento aparece, com uma apresentação hoje do grupo à noite do grupo Catira de Piracaia. No domingo é a vez do Encontro de Gerações no Desafio de Cururu homenagear o instrumento.

Parte do patrimônio artístico, cultural e histórico brasileiro, a catira é uma dança folclórica tradicional com influências indígenas, africanas e europeias. A coreografia é executada na maioria das vezes por homens (boiadeiros e lavradores) e pode ser formada por seis a dez componentes e mais uma dupla de violeiros, que tocam e cantam a moda.

A catira é típica do interior do Brasil, principalmente na área da cultura caipira (Mato Grosso, Paraná, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul) e, suas origens remontam ao período das bandeiras e monções.

Um dos principais representantes desse folclore é o grupo Catira de Piracaia formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos desde 1802, introduzidas pelo tataravô do atual mestre, “seu” Pinheiro. Depois de executar a dança e cantoria a São Gonçalo, o grupo apresenta a catira em homenagem à primeira manifestação que integra as culturas indígena e portuguesa,

unindo as violas, palmeados e sapateados.

DESAFIO. No domingo o Sesc vai abrigar o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu, tradicional evento cantado, exclusivo da região do médio Tietê, que nasceu nas Festas do Divino para ganhar os palcos e que tem na viola um dos instrumentos base. Na “disputa”, os locais Moacir Siqueira e Alessandro encaram os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano em “carreiras” feitas no improviso de rimas e temas.

De origem controversa, que remonta ora às rodas indígenas, ora aos jesuítas, o cururu sofreu várias transformações ao longo dos séculos e hoje é um desafio entre cantadores, uma forma de “repentismo” caipira, em que, pelo menos desde a década de 1950, inexistem movimentos coreográficos. As cidades de Sorocaba, Piracicaba e Botucatu são conhecidas como berço dessa manifestação e, os canturões (ou cururueiros) dessa região participam ao longo do ano, de festas e comemorações.

ESOTÉRICO

Arcanjo Rafael

Ivanilh Bianco

É o arcanjo que cuida da saúde do corpo, do espírito e da alma, da verdade abrangente da cura. No final de nossas vidas, o príncipe Rafael e seus anjos ficarão ao nosso lado, aliviando toda e qualquer dor. É o médico divino, o anjo da cura, príncipe das virtudes, que cura todos os males da humanidade e de todo o planeta. Recomenda o louvor a Deus, a prática das boas ações, a oração, o jejum e a esmola. A energia dele é transformadora e cura a alma do desespero e da depressão, preenchendo o espaço com amor próprio e virtudes. Guardião do nosso corpo físico e da nossa saúde, seu domínio é a casa do crescimento e da transformação.

As pessoas que recebem a proteção de Rafael são críticas e um pouco introspectivas pela necessidade de analisar tudo mentalmente.

Práticas e organizadas, têm grande poder de observação. São pouco expansivas, mas quando se mostram carinhosas, são delicadas e gentis, adorando fazer surpresas. Analisam os fenômenos místicos estudando e pesquisando em várias fontes para tirar suas próprias conclusões. Seu lema é “ver para crer”. Em nome de sua paz de espírito e privacidade, são capazes de sacrificar tudo o que já conseguiram, afastando-se para começar de novo. Com grande inteligência, têm tendência a solidão, mas gostam de companhia, desde que não sejam incomodadas em sua privacidade. Suas decisões são sempre acertadas e construtivas.

Invoque o arcanjo Rafael para praticar sempre boas ações, curar-se de todos os males físico e espiritual, harmonizar-se com as pessoas.

FONTE: SERES DE LUZ

ACONTECE

O Catira de Piracaia se apresenta hoje às 20h. O Encontro de Gerações no Desafio de Cururu será realizado no domingo às 16h. Ambos os eventos são gratuitos. O Sesc fica na Rua Ipiranga, 155, Centro. Informações pelo telefone (19) 3437-9296.

+CAIPIRA

Viola tradicional e estilo mais moderno no Sesc

Apresentações celebram este mês o instrumento símbolo da cultura da região

Karina Pilotto
PIRACICABA

O projeto "Viola Caipiracabana", que acontece este mês no Sesc (Serviço Social do Comércio) de Piracicaba, continua reunindo os amantes do estilo da região. Hoje, às 20h, será apresentado na unidade o espetáculo "DNA Caipira", com a dupla de Botucatu, Michele e Karoline, e os meninos Gustavo e Gabriel, vindos de Piracicaba e Sorocaba. Juntos, eles delimitam o autêntico triângulo caipira e mostram que a sonoridade está no sangue de quem é nascido no interior.

No próximo domingo, o evento recebe a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, que se apresenta sob a regência do violeiro Bob Vieira. Eles apresentarão as principais obras do compositor Teddy Vieira, como "O Menino da Porteira", "Boiadeiro Errante", "Rei do Gado" e "João de Barro". O grupo é de Itapetininga e promete difundir o folclore e as culturas populares no município nomeado como polo expoente da cultura caipira. A apresentação será iniciada às 16h. No dia 24, às 20h, é a vez do show "Viola Brasil", integrado por um dos curadores do evento, Osni Ribeiro, de Botucatu, Rubens Brito, da cidade mineira Lavras e Luciano Queiroz, de Assis. Os três são os principais representantes do movimento contemporâneo caipira e apresentaram canções de MPB (música popular brasileira) adaptadas para a viola, além de arranjos do mestre Luiz Gonzaga e outros clássicos regionais.

E quem acha que viola é um gosto dos mais velhos está enganado. A Orquestrinha São Xico, regida pelo mestre Braz da Viola, é formada somente por adolescentes que apresentam um repertório mais

moderno. Nas mãos deles, cantores como Raul Seixas, Pitty, entre outros, são adaptados para o instrumento. Eles se apresentam no dia 27, às 16h.

Para encerrar o mês, o projeto conta com show do Trio Tamoyo com seu convidado especial, o músico Rafael Danielson. O grupo vanguardista une-se ao formador de uma grande geração de alunos violeiros para a apresentação final da exposição, que acontece às 20h. Sonoridades experimentais como ritmos indígenas, efeitos tecnológicos e pegada rock serão misturados à viola caipira.

TRADIÇÃO. Segundo Vanessa de Cassia Piazza, técnica de programação do Sesc de Piracicaba, a unidade decidiu realizar o projeto em Piracicaba porque a cidade é uma expoente no que diz respeito à tradição caipira e, ao lado de Botucatu e Sorocaba, forma o autêntico triângulo caipira. Nesse sentido, a música caipira tem grande importância

A No próximo domingo, o "Viola Caipiracabana" recebe a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, que se apresenta sob a regência do violeiro Bob Vieira

na região, gênero musical que por sua vez tem na viola seu instrumento característico.

O curador da unidade, Fábio Nunes, diz estar surpreso com os resultados alcançados com o evento. "A receptividade do público condiz com a base cultural da região. A população tem sido muito participativa. Tem gente que acha que esta cultura está condenada a acabar, mas podemos ver que os jovens estão dando continuidade a esses estilos regionais, isso é muito animador. O evento tem sido muito importante para resgatar e promover a nossa identidade cultural".

ACONTECE

O show "DNA Caipira" será apresentado hoje às 20h. No domingo, a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira se apresenta às 16h. A entrada é gratuita. O Sesc fica na Rua Ipiranga, 155, Centro. Informações pelo telefone (19) 3437-9292.

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: O Liberal
Editoria: Cultura
Data: 25/12/12

Cidade: Americana
Página: 17
Cm/Col: 5,0

EVENTO

*Festival "Viola Caipiracicabana" é
atração musical confirmada no Sesc
no decorrer do mês de janeiro P. 19*

Clipagem: Sesc Piracicaba
Veículo: O Liberal
Editoria: Cultura
Data: 25/12/12

Cidade: Americana
Página: 19
Cm/Col: 62,5

TRADIÇÃO

Festival presta uma homenagem à viola

Músicos e grupos de todo o país se apresentam entre os dias 3 e 31 de janeiro na unidade do Sesc Piracicaba

Luciano Assis
PIRACICABA

O Festival "Viola Caipiracicabana" traz ao Sesc (Serviço Social do Comércio) entre os dias 3 e 31 de janeiro, grandes nomes da música caipira e reforça a presença do instrumento na cultura brasileira. O projeto propõe unir tradição e modernidade em shows, oficinas e bate-papos que traçam um panorama da viola

no cenário folclórico do país, cruzando os antigos e novos caminhos da música caipira, os processos de construção e composição e as perspectivas do universo das 10 cordas.

A curadoria do festival ficou a cargo dos músicos Osni Ribeiro e Fabio Nunes, dois pesquisadores que procuraram evidenciar a presença da viola em manifestações populares como Folguedos, Folias de Reis e do Divino, Congadas, Caíapós, Catiras, São Gonçalo, Romarias e Fandangos; bem como, captar sua renovação em meio às novas gerações.

"Piracicaba é um polo expoente da cultura caipira, que tem na viola um de seus pilares. Este projeto, portanto, é uma iniciativa que visa manter vivas as tradições e estabelecer conexões entre os velhos

costumes e as possíveis novas direções do instrumento por meio de interações e espetáculos temáticos", explica Nunes.

Entre os principais destaques do evento estão o grupo Lusitanos Inusitados, que abrirá o festival no dia 3 de janeiro, além de nomes como a Cia de Santo Reis de Vila Formosa, o grupo Catira de Piracaba e a dupla Michele & Karoline, além de muitos outros expoentes da música caipira. O Sesc fica na Rua Ipiranga, 155, Centro. Informações pelo telefone (019) 3437-9296.

➤ A dupla Michele & Karoline está entre os destaques do "Viola Caipiracicabana" no decorrer do mês de janeiro

Sesc

Viola Caipiracicabana tem Catira e Cururu

Projeto apresenta amanhã, 10, às 20h, a Catira de Piracacia e, no domingo, 13, às 16h, o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu

Em mês dedicado a viola, o Sesc abre espaço para diferentes manifestações em que o instrumento aparece como agente principal ou coadjuvante. Como acontece nesta quinta-feira, 10, às 20 horas com a apresentação do grupo Catira de Piracacia na Comedoria; e no domingo 13, às 16 horas com o Desafio de Cururu na Praça do Sesc Piracicaba. Os eventos são gratuitos.

Parte do patrimônio artístico, cultural e histórico brasileiro a Catira é uma dança folclórica tradicional com influências indígenas, africanas e europeias. A coreografia é executada na maioria das vezes por homens (boiadeiros e lavradores) e pode ser formada por seis a dez componentes e mais uma dupla de violeiros, que tocam e cantam a moda.

A Catira é típica do inte-

rior do Brasil, principalmente na área de influência da cultura caipira (Mato Grosso, norte do Paraná, Minas Gerais, Goiás, interior de São Paulo e Mato Grosso do Sul) e, suas origens remontam ao período das bandeiras e monções. Um dos principais representantes desse folclore é o grupo Catira de Piracacia, formado por familiares que mantêm as tradições dos folguedos desde 1802, introduzidas pelo tataravô do atual mestre, "seo" Pinheiro, e que se apresentam, amanhã, na Comedoria.

CURURU - No domingo a Praça do Sesc vai abrigar o Encontro de Gerações no Desafio de Cururu. Tradicional desafio cantado, exclusivo da região do médio-tietê, que nasceu nas Festas do Divino para ganhar os palcos e que tem na viola um dos instrumentos base. Na

"disputa" os locais Moacir Siqueira e Alessandro encaram os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano em "carreiras" feitas no improviso de rimas e temas.

De origem controversa, que remonta ora às rodas indígenas, ora aos jesuítas; o Cururu sofreu transformações ao longo dos séculos e hoje é um desafio entre cantadores, uma forma de "repentismo" caipira, em que, pelo menos desde a década de 1950, inexistem movimentos coreográficos.

As cidades de Sorocaba, Piracicaba e Botucatu são conhecidas como berço dessa manifestação e, os canturões (ou cururueiros) dessa região participam ao longo do ano, de festas e comemorações. O desafio ocorre na Praça do Sesc (área externa). O acesso é livre e gratuito para todos os públicos.

Na "disputa" os locais Moacir Siqueira e Alessandro encaram os sorocabanos Andinho e Carlos Caetano

Música

Nova e velha guarda da viola no Sesc

Apresentações mesclam a nova geração e a velha guarda do instrumento nesta quinta e domingo no Sesc Piracicaba

Piracicaba é tradicionalmente conhecido como berço da música caipira e para fazer isso aflorar ainda mais, o Sesc Piracicaba criou o projeto Viola Caipiracicabana com apresentações especiais deste instrumento típico do caipira com várias apresentações no mês de janeiro. Nesta semana a mistura da nova geração e a velha guarda se apresentam para mostrar o melhor do som sertanejo.

Nesta quinta-feira, 17, o projeto traz duas jovens duplas às 20h, na comedoria da unidade para se apresentarem. Michele & Karoline e Gustavo & Gabriel trazem no sangue o "DNA Caipira" e fortalecem a continuidade da

autêntica música rural. As meninas são naturais de Botucatu e os rapazes são do Paredão Vermelho, Piracicaba, cidades que delimitam, com Sorocaba, o autêntico triângulo caipira.

Com quase cinco anos de carreira, Michele & Karoline - conhecidas como as jovens caboclas da serra - já conquistaram prêmios em importantes e concorridos festivais em Laranjal Paulista (Bicampeas - 2009 e 2011), Conchas, Pratania, Taquarituba, Bofete, Porto Feliz, São João, Peireiras, Porangaba, Rafard, Fartura, entre outros além de marcarem presença em diversos programas de televisão especializados.

Os piracicabanos da dupla Gustavo & Gabriel, por sua vez, são exemplo da força da música de raiz na cidade: residem na área rural do município e são fiéis a sonoridade estabelecida pelos grandes mestres. Representantes legítimos da tradição cultural caipira, já acompanharam grandes cururueiros como Moacir Siqueira e Manezinho.

No domingo, 20, às 16 horas, na Praça do Sesc, é a vez da Orquestra de Violeiros Teddy Vieira (de Itapetininga), o grupo que reúne cerca de 15 violeiros, sob a regência de Bob Vieira, vai executar clássicos da música raiz com ênfase na obra do compositor itapetiningano, autor de Me-

nino da Porteira, Boiadeiro Errante, Rei do Gado, João de Barro, entre outras. Uma justa homenagem que busca resgatar a obra de um dos grandes nomes do cancioneiro do interior do Brasil.

SERVIÇO

Viola Caipiracicabana, amanhã, 17, às 20 horas, com a apresentação das duplas Michele & Karoline e Gustavo & Gabriel, na comedoria do Sesc. Domingo, 20, às 16 horas, o show será da Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, na Praça do Sesc Piracicaba. Os eventos são gratuitos e aberto ao público em geral. Informações: 3437-9292

Michele & Karoline é uma dupla da nova safra da música caipira

+CAPIRA

Viola tradicional e estilo mais moderno no Sesc

Apresentações celebram este mês o instrumento símbolo da cultura da região

Karina Pilotto
PIRACICABA

O projeto "Viola Caipiracabana", que acontece este mês no Sesc (Serviço Social do Comércio) de Piracicaba, continua reunindo os amantes do estilo da região. Hoje, às 20h, será apresentado na unidade o espetáculo "DNA Caipira", com a dupla de Botucatu, Michele e Karoline, e os meninos Gustavo e Gabriel, vindos de Piracicaba e Sorocaba. Juntos, eles delimitam o autêntico triângulo caipira e mostram que a sonoridade está no sangue de quem é nascido no interior.

No próximo domingo, o evento recebe a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, que se apresenta sob a regência do violeiro Bob Vieira. Eles apresentarão as principais obras do compositor Teddy Vieira, como "O Menino da Porteira", "Boiadeiro Errante", "Rei do Gado" e "João de Barro". O grupo é de Itapetininga e promete difundir o folclore e as culturas populares no município nomeado como polo expoente da cultura caipira. A apresentação será iniciada às 16h. No dia 24, às 20h, é a vez do show "Viola Brasil", integrado por um dos curadores do evento, Osni Ribeiro, de Botucatu, Rubens Brito, da cidade mineira Lavras e Luciano Queiroz, de Assis. Os três são os principais representantes do movimento contemporâneo caipira e apresentaram canções de MPB (música popular brasileira) adaptadas para a viola, além de arranjos do mestre Luiz Gonzaga e outros clássicos regionais.

E quem acha que viola é um gosto dos mais velhos está enganado. A Orquestrinha São Xico, regida pelo mestre Braz da Viola, é formada somente por adolescentes que apresentam um repertório mais

moderno. Nas mãos deles, cantores como Raul Seixas, Pitty, entre outros, são adaptados para o instrumento. Eles se apresentam no dia 27, às 16h.

Para encerrar o mês, o projeto conta com show do Trio Tamoyo com seu convidado especial, o músico Rafael Danielson. O grupo vanguardista une-se ao formador de uma grande geração de alunos violeiros para a apresentação final da exposição, que acontece às 20h. Sonoridades experimentais como ritmos indígenas, efeitos tecnológicos e pegada rock serão misturados à viola caipira.

TRADIÇÃO. Segundo Vanessa de Cassia Piazza, técnica de programação do Sesc de Piracicaba, a unidade decidiu realizar o projeto em Piracicaba porque a cidade é uma expoente no que diz respeito à tradição caipira e, ao lado de Botucatu e Sorocaba, forma o autêntico triângulo caipira. Nesse sentido, a música caipira tem grande importância

A No próximo domingo, o "Viola Caipiracabana" recebe a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira, que se apresenta sob a regência do violeiro Bob Vieira

na região, gênero musical que por sua vez tem na viola seu instrumento característico.

O curador da unidade, Fábio Nunes, diz estar surpreso com os resultados alcançados com o evento. "A receptividade do público condiz com a base cultural da região. A população tem sido muito participativa. Tem gente que acha que esta cultura está condenada a acabar, mas podemos ver que os jovens estão dando continuidade a esses estilos regionais, isso é muito animador. O evento tem sido muito importante para resgatar e promover a nossa identidade cultural".

ACONTECE

O show "DNA Caipira" será apresentado hoje às 20h. No domingo, a Orquestra de Violeiros Teddy Vieira se apresenta às 16h. A entrada é gratuita. O Sesc fica na Rua Ipiranga, 155, Centro. Informações pelo telefone (19) 3437-9292.